

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

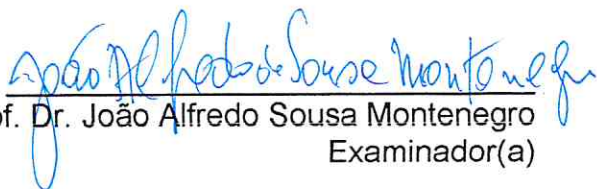
**"Galinhas-Verdes" : Memórias e História da  
Ação Integralista Brasileira  
Limoeiro - Ceará (1934-1937)**

**JOÃO RAMERES REGIS**

Esta dissertação foi julgada e aprovada, em sua forma final, pela Orientadora e  
Membros da Banca Examinadora, composta pelos seguintes professores:



Prof.ª. Dra. Ivone Cordeiro Barbosa  
Orientadora



Prof. Dr. João Alfredo Sousa Montenegro  
Examinador(a)



Prof.ª. Dra. Zélia Lopes da Silva  
Examinador(a)

## DEDICATÓRIA

À Maria José,  
Presente.



## AGRADECIMENTOS

Se algo pode ser inenarrável com certeza as experiências e os significados do mestrado o são, pelo menos em tão poucas linhas. No entanto, a senda não se abriu sozinha, de sua construção muitos outros foram partícipes. Por isso, a minha gratidão se dirige a todos, que em sua atitude, por mais discreta que tenha sido, colaborou com o delineamento desse percurso.

Contudo algumas pessoas ou instituições, em particular, têm influência decisiva para a realização desse trabalho, a quem e as quais, agradeço. Tudo começa com o acompanhamento e apoio dos familiares desde os primeiros anos escolares até os momentos mais árduos dessa trajetória. Sou grato a todas as instituições de ensino por onde estudei, às escolas públicas e a FAFIDAM, a quem devo minha formação primeira; à FAFIDAM/UECE, principalmente aos colegas do Departamento de Ciências Sociais com quem partilhei as principais experiências acadêmicas e profissionais, a estes meus sinceros agradecimentos; à UECE pela sua política de qualificação docente; ao Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado do Ceará - FUNCAP, pelo aporte material para a realização da pesquisa; ao NUDOC - Núcleo de Documentação Cultural, da Universidade Federal do Ceará, pela utilização de parte de seu acervo; aos depoentes com quem mantive uma relação de proximidade por ocasião de realização das entrevistas, pois sem eles este trabalho não seria possível, a eles dedico minha gratidão e meu mais profundo respeito pela memória de que são guardiães; à direção e funcionários da Câmara Municipal de Limoeiro do Norte pela forma solícita com que fui atendido na consulta às Atas de suas reuniões no período em estudo; a todos os meus colegas de mestrado com quem dialoguei e fiz amizade, meu afeto; agradeço em

especial à professora Ivone Cordeiro Barbosa, minha incentivadora, orientadora, amiga, por sua dedicação ao ofício de historiadora e suas contribuições valorosíssimas, a ela meu carinho e minha amizade; ao Professor Eurípedes Funes, coordenador do programa, pela condução dos trabalhos, grato; à professora Adelaide Gonçalves, pela contribuição na banca de qualificação e sua verve de historiadora, obrigado; a todos os professores do programa de pós-graduação em História Social, sem distinção, pela valiosa contribuição; Por fim agradeço a Maria José Maia, minha companheira, que esteve sempre presente em todos os momentos significativos dos últimos anos de minha vida, por sua dedicação.

## SIGLAS UTILIZADAS NESTE TRABALHO

AC-	Ação Católica
AIB -	Ação Integralista Brasileira
AL -	Aliança Liberal
ANL -	Aliança Nacional Libertadora
ARENA -	Aliança Renovadora Nacional
BOC -	Bloco Operário Camponês
COC-	Círculos Operários Católicos
LCT -	Legião Cearense do Trabalho
LEC -	Liga Eleitoral Católica
PCB -	Partido comunista do Brasil
PSD -	Partido Social Democrático
SEP -	Sociedade de Estudos Políticos
UDN -	União Democrática Nacional

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	09
1º CAPÍTULO:	
O INTEGRALISMO RUMO À <i>REVOLUÇÃO DO ESPÍRITO</i> .....	35
1. Anos 30: Nacionalismos, Conservadorismo e Movimentos Sociais.....	35
2. Anos 30: Nacionalismos, Intelectualidade e Revolução.....	49
3. A Ação Integralista Brasileira(AIB).....	60
2º CAPÍTULO:	
INTEGRALISMO: SIGNIFICADOS DE UMA EXPERIÊNCIA LOCAL.....	74
1. Fundação do Movimento da AIB em Limoeiro.....	82
2. Franklin Chaves e seu ingresso no movimento integralista.....	85
3. Itinerário da AIB em Limoeiro.....	104
4. O Integralismo em sua experiência local.....	118
3º CAPÍTULO:	
MEMÓRIA(S) E HISTÓRIA(S) INTEGRALISTA(S).....	132
1. História, memória e fontes orais.....	132
2. Memória, história e integralismo: diálogo com a experiência local.....	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	165
CORPO DOCUMENTAL.....	168
BIBLIOGRAFIA.....	170



## RESUMO

A Ação Integralista Brasileira - AIB - situa-se no contexto histórico dos anos 1930. Tal período é marcado pelo acirramento das posições políticas com um forte apelo nacionalista cujos ideais apontam para a superação de alguns problemas sociais oriundos do modelo econômico liberal burguês adotados pelo período precedente. A AIB é também caracterizada como um movimento conservador inspirado pela ideologia fascista que costumava defender o projeto de um Estado forte, corporativo e centralizado que representasse os interesses da Nação contra os efeitos produzidos pelo capitalismo liberal tais como: o individualismo, o laicismo e o comunismo. Esse tipo de ideologia reforçava o sonho de um novo Brasil esperado, até mesmo, pelas classes menos favorecidas da sociedade. Este estudo analisa como aquela classe foi instigada a pensar alguns caminhos para se tornar parte de uma coletividade, a Nação Brasileira, bem como, livrar-se das desigualdades sociais. A pesquisa foi baseada em fontes orais, em sua maioria, depoimentos de exmilitantes da AIB em Limoeiro do Norte, Estado do Ceará. Tal fonte é vista como uma possibilidade de recuperar algumas memórias e, também, entender os significados daquelas experiências que foram tradicionalmente omitidas pela historiografia oficial.

## ABSTRACT

The *Ação Integralista Brasileira - AIB-* is situated on the 1930's Brazilian historical context. Such period is marked by the instigation of political positions with a strong nationalist appeal whose ideals pointed to a superation of some social problems proceeding from the bourgeois liberal economical model adopted on the previous period. The *AIB* is also characterized as a conservative movement inspired by the facist ideology that used to defend the project of a strong, corporative and centralized State which could represent the Nation's interests against the effects produced by the liberal capitalism such as the individualism, the laicism and the comunism. That kind of ideology reforced the dream of a new Brazil expected even by the society's less priviledged social class. This study analyses how that class was instigated to think some ways to became collective's members, the Brazilian Nation, as well as to get free from the social inequalities. The research was based on oral sources, most of them, *AIB* exmilitant depositions proceeded from the Limoeiro do Norte, Ceará State. Such kind of source is seen as a possibility to recuperate some memories and to understand the meanings of those experiences which were usually ommited by the official historiography.

## INTRODUÇÃO

A nação brasileira deve ser organizada, una, indivisível, forte, poderosa, rica, próspera e feliz. Para isso precisamos que todos os brasileiros estejam unidos. (Manifesto de Outubro - AIB/1932)

Este trabalho é um estudo do Movimento da Ação Integralista Brasileira - AIB, em Limoeiro<sup>1</sup>, estado do Ceará e se intitula "*Galinhas-Verdes*": *Memórias e histórias da Ação Integralista Brasileira: Limoeiro - Ceará (1934-1937)*, pois foi assim que os membros do movimento integralista local foram gognominados após suas primeiras manifestações públicas, numa referência à camisa verde, peça principal da farda integralistas. Como os entrevistados faziam alusão a esse momento em que eram insultados e que posteriormente serviu como referência para mostrar que seus adversários tiveram que engolir tais insultos, mediante a grandiosidade alcançada pelo movimento, considereei sugestivo significar as trajetória e memória integralistas local com esse título.

O estudo da AIB impõe um certo cuidado porque este movimento foi analisado pelos discursos político e historiográfico de maneira desqualificadora. Talvez sua proximidade com a ideologia fascista européia - presente em sua práxis - derrotada ao término da Segunda Guerra Mundial, reúna motivos contundentes para tanto. Um exemplo claro dessa postura é aquela apresentada por Florestan Fernandes em seu prefácio à obra *A Ideologia Curupira*, de Gilberto Vasconcellos. Logo no primeiro parágrafo ele sentencia:

---

<sup>1</sup>Pode causar certa estranheza referir-me a Limoeiro e não a Limoeiro do Norte, denominação que vigora na atualidade. No entanto esta só foi criada no ano de 1943 pelo Decreto Lei N.º 1.114 de 30/12/1943. Dessa maneira, quando tratar-se de acontecimento anteriores a essa data referir-me-ei ao topônimo Limoeiro e, dos acontecimentos posteriores a mesma data, ao topônimo Limoeiro do Norte.



Acho penosa a tarefa de escrever um prefácio para um livro como "A Ideologia Curupira". Não que a obra de Gilberto Vasconcellos exija reparos graves ou que seja destituída de valor. Ao contrário, produto de uma inteligência lúcida, inquieta e crítica, seria um livro fácil de elogiar. O que me põe de quarentena é o assunto. Hoje está na moda dizer-se que se deve estudar o integralismo. Não compartilho dessa opinião. Nem mesmo devemos nos preocupar em destruí-lo. Os integralistas desempenharam o papel histórico de cavalheiros de triste figura no seio do pensamento conservador e da burguesia. Se merecem atenção não é tanto por eles próprios, quanto pelo fato de que o pensamento conservador e a burguesia dependente da periferia do mundo tenham precisado deles (e de outras modalidades igualmente equívocas de defesa do *status quo*). O que nos coube, na "virada fascista" da história recente, merece mais a novela picaresca que a investigação sociológica séria.<sup>2</sup>

Como se vê, há uma nítida preocupação em seu discurso de desqualificar o integralismo, enquanto um movimento político e ideológico, devido as suas origens fascistas e, principalmente, por está ligado ao pensamento conservador burguês próprio dos países capitalistas dependentes, não merecendo, portanto, ser estudado e nem mesmo ser combatido, apesar dos elogios às qualidades de Vasconcellos, como um pesquisador, e a sua obra, como sendo fruto *de uma inteligência lúcida*. No mais, busca colocar o integralismo como um movimento caricaturado do fascismo europeu e um subproduto de uma sociedade atrasada, de uma sociedade capitalista dependente, econômica e culturalmente.

No entanto, o próprio autor, apesar de seu esforço bem empreendido de análise do discurso integralista e de sua *inteligência lúcida*, como afirmou Florestan Fernandes, não foge ao discurso desqualificador de seu prefaciador, ao afirmar que o discurso integralista nasce vazio porque o Brasil não reunia as condições objetivas para que o fascismo se realizasse, como ocorreu na Alemanha e na Itália, reduzindo o discurso integralista mais a determinantes morais e psicológicos do que a uma situação concreta. Observa-se, na verdade, sua postura logo no primeiro parágrafo da introdução, quando o autor expõe suas escolhas, afirmando:

---

<sup>2</sup> FERNANDES, Florestan. Prefácio. In. VASCONCELOS, Gilberto. *Ideologia Curupira: Análise do Discurso Integralista*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979, p. 11.

A busca da especificidade do integralismo enquanto discurso fascista que se insere numa sociedade capitalista periférica, eis o alvo deste trabalho. O pano de fundo: mostrar que o contexto de dependência, no qual se moviam os camisas-verdes, acabou por afetar (independente de sua consciência) a apropriação dos fascismos europeus. Embora de ponta a ponta mimético, o discurso integralista ostenta um traço que o diferencia de seus congêneres europeus, cuja razão de ser nasce da resposta equivocada (mas sociologicamente compreensível) à heteronomia de pais periférico, (...).<sup>3</sup>

Nota-se, assim, que o autor apresenta o Integralismo como um movimento mimético em relação ao fascismo europeu e como resultado de uma sociedade dependente econômica e culturalmente. Assim sendo, o integralismo aparece como uma ideologia que, de certa forma, não encontra correspondente com a realidade prática na qual pretende intervir, pois seus fundamentos são importados de movimento erigidos num outro contexto. Dessa forma, percebe-se que, tanto o discurso de Florestan Fernandes, como o de Gilberto Vasconcellos, tomam como referência a civilização ocidental européia e sua produção cultural, como parâmetro para inferir sobre a natureza do movimento integralista.

De forma oposta, Héglio Trindade, um estudioso do Integralismo, ao apresentar o trabalho de Maria Feiteiro Cavalari afirma: *Embora o Integralismo tenha sido o primeiro partido de massa do Brasil, sua presença na política foi, geralmente, desqualificada pela historiografia como um mero fascismo caboclo.*<sup>4</sup>

Sobre a idéia de partido de massas, Trindade, assim escreve em seu estudo de 1979:

Entretanto, o fato de ter sido a Ação Integralista Brasileira o primeiro partido político brasileiro com implantação nacional e reunindo cerca de meio milhão de aderentes, demonstra por si mesmo, a importância crucial que se reveste o seu estudo para a compreensão da vida política brasileira no período posterior à revolução de 30.<sup>5</sup>

<sup>3</sup> VASCONCELLOS, Gilberto. Op. Cit. p. 17.

<sup>4</sup> TRINDADE, Héglio. Apresentação. In. CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 199, p. 9.

<sup>5</sup> TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. 2ª Ed. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1979, p. 01 (Corpo e alma do Brasil).



Dessa maneira, parto da noção de Trindade a respeito do que ele define como partido de massas, levando em consideração sua abrangência em todo território nacional e o número expressivo de militantes que chegou a reunir em torno de suas fileiras, fato, talvez inédito, na história política do Brasil, até períodos recentes.

Na seqüência do prefácio à obra de Cavalari, Trindade mostra que o papel desempenhado posteriormente pelos integralistas em postos de destaque durante o Golpe de 64, no Congresso Nacional e em postos de primeiro escalão do governo militar, levou Plínio Salgado a afirmar que os integralistas haviam chegado ao poder. Destacou, ainda, que os trabalhos sobre o integralismo, a partir da década de 70 e de seus diversos enfoques, enriqueceu a historiografia daquele que foi o maior *movimento de massa no Brasil*, rompendo, assim, com as leituras correntes que o reduziam a um movimento mimético e de mera expressão de um fascismo caboclo<sup>6</sup>.

Genericamente, essas duas posturas acerca do movimento integralista me são instigantes, embora minha intenção não seja fazer uma sùmula historiográfica nesse momento. Contudo, vale salientar que este estudo busca qualificar o Integralismo, não a sua ideologia em si, mas qualificar as práticas sociais que levaram as pessoas a construírem suas vidas, a se orientarem por elas, a partir dos critérios fixados por essa ideologia. Assim sendo, cabe-me apresentar as principais questões suscitadas pelo tema, no tratamento das fontes, e as escolhas feitas nesse trabalho, para melhor aclarar o caminho.

Nesse sentido, meu interesse pela Ação Integralista Brasileira - AIB - em Limoeiro, teve início quando ainda era aluno do Curso de Graduação em História, na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - FAFIDAM/UECE - em Limoeiro do Norte, no final dos anos 80 e início dos anos 90.<sup>7</sup> Lembro-me de que, durante todo o curso, não havia uma preocupação com a pesquisa histórica. Dessa forma, eram grandes as dificuldades encontradas, no que concernia ao desenvolvimento de uma atividade de investigação mais

---

<sup>6</sup> TRINDADE, Hégio. Op. Cit. p. 9-10.

<sup>7</sup> Ingressei no curso de história no semestre 01 do ano de 1989 e conclui esta fase em 1993.

sistemática, se comparado aos dias atuais<sup>8</sup>. Essa dificuldade, impediu-me de iniciar mais cedo a pesquisa sobre o tema, em torno do qual já sentia profunda curiosidade, dado que o movimento, suas ações e pessoas envolvidas estavam muito presentes no imaginário político local.

Contudo, as primeiras reflexões elaboradas, no intuito de dar encaminhamento à pesquisa sobre a Ação Integralista Brasileira, em Limoeiro (1934-1937), vieram por ocasião do Curso de Especialização em Teoria e Pesquisa da História nos anos de 1995-1996. Essas reflexões assentaram-se na seleção, coleta e organização do material empírico a ser trabalhado e das questões por ele sugeridas. Esse material é constituído, preferencialmente, de entrevistas realizadas com pessoas idosas, contemporâneas ao evento, ainda residentes no Município de Limoeiro do Norte. Algumas delas participaram diretamente do movimento, enquanto outras, apenas presenciaram-no, pois ainda eram muito jovens na época, acompanhando-o de perto porque, via de regra, seus pais foram integralistas. Mesmo assim, nas primeiras entrevistas, almejava dialogar com antigos militantes, mas, por algumas contingências, não pude fazê-lo em sua plenitude, pois já haviam decorridos mais de sessenta anos do fato e, portanto, muitos desses antigos militantes não se encontravam entre os vivos para relatar suas memórias. Considerando que a estimativa de vida da população no interior do Brasil não é tão longa, esse dado assume certa validade frente às escolhas realizadas.

Mediante o exposto, foi-me possível trabalhar apenas com o relato de quatro ex-militantes. Quanto aos demais (03 entrevistas), são relatos de contemporâneos aos acontecimentos. Além desses depoentes que, se não foram militantes pela pouca idade, mas o foram em proximidade e afetividade com o movimento, entrevistei mais duas pessoas: uma cujo pai fora militante, mas que mesmo assim, não se envolveu completamente, à exemplo dos demais e, outra pessoa, em que os pais não militaram no integralismo, na

---

<sup>8</sup> Atualmente o curso de história da FAFIDAM, ao qual estou lotado como professor, tem se preocupado com a produção das monografias como pré-requisito para o término do curso, estimulando, assim, os alunos a iniciarem-se no campo da pesquisa, alargando as possibilidades de continuidade de suas atividades acadêmicas.



expectativa de que poderiam oferecer significados diferenciados dos dois primeiros grupos. Contudo, não fazia parte das intenções da pesquisa relacionar opositores. De fato, esses dois últimos entrevistados não se enquadram nessa definição, mas são pessoas que mantêm um certo distanciamento afetivo com relação ao movimento.

Não é minha intenção, portanto, oferecer um amplo debate sobre possíveis dissensões a partir das falas, até porque estou lidando com uma comunidade de pessoas muito próximas às outras por laços de parentesco ou de circunvizinhança, o que, de certa forma, os achegou ao movimento integralista,<sup>9</sup> pois o viés que norteia seus olhares é por demais semelhante, e interpenetrante, dada a proximidade entre os entrevistados e a própria estruturação da memória integralista.

Assim, é possível perceber, mesmo que superficialmente, alguma distinção entre as informações apresentadas por um ex-militante se confrontadas às informações de uma pessoa que apenas assistiu ao movimento. Mas verifica-se que o integralismo foi uma tendência política ou uma opção política quase que única naquela realidade, o caminho mais provável para o que se apresentava naquele período, como ação política, haja vista ter sido um movimento de massa e, no caso em estudo, congregou grande parcela da população local.

Dessa forma, trabalho com as lacunas abertas pelos depoimentos a partir de um confronto interno das informações, dos ditos e dos não ditos, o que permite o surgimento de problemáticas a serem interpretadas à luz do estudo da memória, enquanto fenômeno significador da realidade e, da produção historiográfica sobre essa mesma realidade, procurando perceber o intercurso entre ambos, considerando que memória e historiografia interagem em proporções bastante consideráveis, retroalimentando-se.

Com isso, percebe-se que a posição política, em relação ao Integralismo defendida pelos entrevistados pode variar entre a que esse

---

<sup>9</sup> Um dado a ser levado em consideração é que não se encontra nas falas referências aos opositores como portadores ou defensores do comunismo, tornando as divergências muito adstritas ao campo da política local como se verá no capítulo segundo.

assumia no calor dos acontecimentos e a posição que assume na atualidade, denotando, portanto, influxos próprios da produção da memória. Há um envolvimento maior ou menor dessas pessoas com o movimento, o que pode ser explicado, de um lado, pela sua pouca idade e, por isso não chegaram a exercer uma militância e, por outro, sua proximidade se deve ao fato de conviverem com pessoas que integravam o movimento, principalmente dentro de suas próprias casas, com seus familiares. Essa proximidade a que me refiro encontrada no passado desses depoentes não tem uma relação matemática com suas posições adotadas no presente, no momento em que as entrevistas foram realizadas. Dessa forma, encontram-se pessoas que foram militantes no passado e que mantêm um vínculo afetivo com o movimento ainda em sua fala atual, bem como encontram-se pessoas que foram muito próximas do movimento, já que seus pais e todos os familiares foram integralistas, mas que, no presente, mantêm uma posição crítica, um certo afastamento, sobre o assunto, embora as informações dos dois grupos sejam coincidentes. Nota-se, porém, que a primeira situação é bem mais freqüente, não obstante as informações que essas pessoas foram incorporando ao longo de suas vivências.

Este trabalho funda-se, portanto, num primeiro plano, na fonte oral, na memória de velhos militantes e contemporâneos, no diálogo interno estabelecido através das entrevistas por eles concedidas. É o debate em torno da memória e da experiência de trabalho com as fontes orais que se encontrará ao longo desta dissertação, pois esta experiência é rica e precisa ser socializada e colocada no contexto do diálogo com os demais profissionais que se defrontam com essas problemáticas. A explicitação das escolhas e do manuseio das fontes orais, a experiência de pesquisa, a interação com os velhos (depoentes), os cuidados inerentes ao trabalho, as fronteiras entre o oral e o escrito, o papel do entrevistado e do entrevistador, a memória coletiva (social) e a memória individual, a memória oral e a historiografia são recorrentes nessa pesquisa.

Quanto ao corpo documental da pesquisa, posso dividi-lo em materiais de duas naturezas diferentes. Em primeiro lugar, lido com as entrevistas de militantes e contemporâneos que foram por mim produzidas e, dessa maneira,



constituíram-se como fontes da pesquisa. Em segundo, faço uso das entrevistas dos Srs. Franklin Gondin Chaves (Chefe da AIB local), Ten. Severino Sombra (1º Chefe da AIB - Ceará) e Ten. Jeovah Mota (2º Chefe da AIB - Ceará), produzidas e pertencentes ao acervo do Núcleo de Documentação Cultural - NUDOC/UFC, que também constituíram-se como fonte para trabalho sobre o integralismo.

Sobre as fontes orais produzidas por intermédio das entrevistas, estão separadas em dois momentos distintos. Um bloco de 05 entrevistas realizadas, em janeiro de 1996, por ocasião da elaboração de um trabalho de monografia como requisito para obtenção do título de especialização em Teoria e Pesquisa da História, na Universidade Estadual do Ceará e outro bloco de 07 entrevistas<sup>10</sup> realizado nos meses de março e abril de 2001 produzido especificamente para esse trabalho. Nesse sentido, apresento as personagens com quem dialogo freqüentemente sobre os significados do integralismo nas várzeas limoeirenses.

O Sr. Cristóvão Maia Pitombeira<sup>11</sup> fora militante ativo do Movimento Integralista, freqüentou a Escola de Formação de Instrutores, criada e dirigida pelo chefe da Ação Integralista Brasileira - AIB - local, Sr. Franklin Gondin Chaves, no intuito de formar quadros responsáveis pela nucleação do movimento e pela difusão de sua doutrina. Após as primeiras instruções, seguiu para o distrito de Espinho com a incumbência de fundar uma escola de alfabetização nessa localidade. Um dos mais entusiastas dos depoentes, considerava que a proposta do movimento em abrir as escolas levaria o Brasil a se redimir de um problema secular, o analfabetismo. O Sr. Cristóvão foi um homem empreendedor, pois em parceria com o Sr. José Mendes fundou uma fábrica de filtros de barro (Pitombeira/Mendes - Filtros Jaguar), no município de Limoeiro do Norte. Veio a falecer dois anos após haver concedido a entrevista.

O Sr. Francisco Clodoveu Vidal,<sup>12</sup> não pertencera ao movimento integralista por ainda ser criança naquela oportunidade. Seu pai fora

---

<sup>10</sup> Desse bloco de 07 entrevistas estão dois entrevistados do primeiro bloco, tratam-se dos Srs. Francisco Clodoveu Vidal e José Amirto Maia. Ao todo, entre o primeiro e o segundo blocos foram feitas 12 entrevistas com dez pessoas diferentes.

<sup>11</sup> Cristóvão Maia Pitombeira, 02/01/1996.

<sup>12</sup> Francisco Clodoveu Vidal, 76 - 02/01/1996 e 15/03/2001.

proprietário de um caminhão que, vez por outra, era utilizado para transportar os militantes aos comícios, reuniões, desfiles ocorridos nas localidades rurais do Município de Limoeiro, nas cidades vizinhas e até em Fortaleza. Clodoveu, por sua vez, acompanhava-o a todos esses lugares. Além de ter acompanhado alguns eventos integralistas quando criança ao lado do seu pai, mostrou-se afetivamente ligado ao mesmo, ao destacar a doutrina integralistas, suas proposições para superar o atraso em que o Brasil estava mergulhado, até àquele momento. Adiante-se que o referido entrevistado é reconhecido por muitos, no município de Limoeiro do Norte, como um memorialista. Destaque-se que o referido depoente é, de certa forma, instruído, pois freqüentou o sistema de educação formal ao estudar no Colégio Diocesano Padre Anchieta, tendo participado da primeira turma. Atualmente é um proprietário rural médio.

Dono de uma pequena propriedade rural onde reside, no Sítio Milagres, o Sr. José Amirto Maia,<sup>13</sup> popularmente conhecido por Zé Lopes, não fora integralista, também por ser muito moço, mas sua família inteira o fora. Seus pais, tios e parentes próximos tiveram militância ativa na Ação Integralista Brasileira local, pois era muito comum que famílias inteiras aderissem ao movimento. Assim, o Sr. José Amirto se mostrou um entusiasta dos ideais integralistas.

Os Srs. Francisco Clodoveu e José Amirto podem ser identificados, para os objetivos desse trabalho, como plinianos, crianças e jovens que acompanhavam o movimento integralista, inclusive fardando-se em momentos festivos. Mesmo que esses não tenham feito referências sobre suas condições de plinianos em seus relatos, observa-se que os indícios para se fazer essa afirmação são fortes, pois a presença desses foi numerosa no movimento local e era comum aos pais integralistas inscreverem seus filhos como plinianos.

Quanto ao Sr. Rufino Maia e Silva,<sup>14</sup> estivera ausente de Limoeiro à época de fundação do movimento, pois estudava numa Escola Agrícola, no estado do Pernambuco e só retornara no ano de 1936, momento em que o movimento estava em pleno esplendor. A maioria dos membros de sua família fora integralista. Atualmente é funcionário público aposentado.

---

<sup>13</sup> José Amirto Maia, 70 - 02/01/1996 - 16/03/2001.

<sup>14</sup> Rufino Maia e Silva, 04/01/1996.



A Sra. Francisca Ferreira Maia<sup>15</sup>, também conhecida como Francisca Fideles, pertencera à ala feminina do movimento. Houve uma participação ativa das mulheres, na experiência integralista local e a presença delas foi marcante, inclusive na organização do movimento. Basta lembrar que a Sra. Judite, irmã de Franklin Chaves, conforme destacam muitos dos entrevistados, exercia um papel importantíssimo junto à ala feminina, e a atividade de secretaria era exercido por uma mulher, a Sra. Adélia Faheina. Todos os familiares da senhora Francisca e os parentes mais próximos foram integralistas. Atualmente reside em casa de parentes.

Um segundo bloco de entrevistas, se constitui de novos entrevistados e o retorno a dois daqueles do bloco anterior. No rol das novas entrevistas encontram-se as realizadas com os Srs. Evaldo Holanda Maia, Aniceto Gomes Ribeiro, Pe. Francisco de Assis Pitombeira, Odorico Holanda Maia, João Alexandre Neto e com a Sra. Julinda Faheina de Oliveira<sup>16</sup>. Além dessas novas entrevistas obtive nova conversa com os Srs. Francisco Clodoveu Vidal e José Amirto Maia.

O Sr. Evaldo Holanda Maia era filho de pais integralistas que, invariavelmente, levavam seus filhos aos principais eventos promovidos pelo movimento, uma constante entre os chefes de família. Evaldo, quando garoto, acompanhava seu pai a esses ambiente *politizados*, pois era o mais velho dentre um grupo numeroso de irmãos. Por conta de seu entusiasmo e por já ter à época mais de 15 anos, isto é, entrando na fase adulta, o considero mais do que um simples contemporâneo, mas sim um militante, na condição de pliniano. Evaldo seguiu carreira política e foi prefeito de Limoeiro em duas oportunidades: 1965-1967, pela ARENA (Aliança Renovadora Nacional), após a renúncia do então Prefeito Pedro Alves Filho e, na qualidade de vice,

---

<sup>15</sup> Francisca Ferreira Maia, 04/01/1996.

<sup>16</sup> Aniceto Gomes Ribeiro, 83 - 16/03/2001.

Evaldo Holanda Maia, 80 - 31/03/2001.

Francisco de Assis Pitombeira, 72 - 16/03/2001.

João Alexandre Neto, 88 - 15/04/2001.

Julinda Faheina de Oliveira, 82 - 16/04/2001.

Odorico Holanda Maia, 77 - 16/03/2001.

assumiu o restante do mandato; 1977-1983, também pela ARENA, só que desta feita eleito para tal.

Pequeno comerciante, o Sr. Odorico Holanda Maia é filho de pai integralista, mas não acompanhou tão de perto a exemplo de seu irmão Evaldo Holanda, pois era mais jovem do que aquele. No entanto, viveu em um ambiente integralista visto que seu pai fora entusiástico defensor do movimento.

Quanto ao Sr. Francisco de Assis Pitombeira seu pai fora integralista e, segundo suas informações, esse usava o alpendre de sua casa, no Sítio Sapé, para realização de reuniões dos integrantes do movimento da referida localidade e adjacências. Francisco de Assis Pitombeira formou-se padre pela Diocese de Limoeiro do Norte e atuou sobretudo junto aos movimento associativos na região e na educação, pois assumiu a direção do Colégio Diocesano Padre Anchieta, função que ainda ocupa nos dias atuais. Foi também diretor da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos por vários anos, lugar onde lecionava Latim.

A Sra. Julinda Faheina, também conhecida na cidade como Dona Lili, fora militante iniciante, pois era ainda muito jovem e compunha a ala feminina que cuidava das atividade relacionadas à organização da sede e das festividades do movimento. Ela lembra que sua irmã Adélia Faheina exercera as funções de secretária. Dona Lili trabalhou vários anos no cartório de ofício pertencente a família Chaves. Posteriormente constituiu família numerosa e atuou em movimentos assistencialistas.

Quanto aos Srs. Aniceto Gomes Ribeiro e João Alexandre Neto, não pertenceram ao movimento; foram entrevistados por razões outras. O primeiro, um pequeno agricultor, foi entrevistado porque declaradamente não fora integralista e tampouco seus pais. Dessa forma, pensava que encontraria uma voz dissonante, no entanto, percebi que suas informações se assemelhavam às demais, sugerindo-me que havia uma identificação com o Integralismo, com o ato de lembrar e significar o movimento entre todos os entrevistados. Sobre o Sr. João Alexandre Neto, comerciante, foi procurado porque em várias entrevistas os depoentes se reportavam a uma fazenda, de propriedade de Franklin Chaves, adquirida por volta do ano de 1941, com a finalidade de servir



de campo de pouso para aviões alemães e o referido entrevistado trabalhou nessa fazenda por longos anos.

O trabalho com as entrevistas mostrou-se rico e considero que exerceu uma inflexão na trajetória da pesquisa, pois, através da sistematização desse material empírico, emergiram temas e temporalidades apontando para diversos caminhos capazes de permitir inferências sobre as experiências integralistas num espaço predominantemente marcado pela ruralidade, bem como cotejar as marcas que essas vivências proporcionaram nessa espacialidade. Tratam-se das escolas integralista; do nazifascismo do movimento; da produção do imaginário anticomunista; do fechamento da AIB; do papel da igreja católica para edificação do movimento; das disposições totalitárias dos anos trinta, no quadro do que chamei de atmosfera nacionalista e modernista; da fazenda que Franklin Chaves possuía em Pacajús e que supostamente serviria para receber aviões do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial; do itinerário da memória integralista e da participação das famílias, enquanto elementos de coesão do movimento.

Contudo, o trabalho com as entrevistas, no esforço de dissecá-las, foi apontando para algumas lacunas próprias ao ato de sua coleta, demonstrando que algumas perguntas poderiam ter sido feitas para melhor conduzir ao estabelecimentos dos significados a que se pretendia alcançar. Observo, porém, que tais lacunas são próprias ao trabalho com as fontes orais e resulta, em certa medida, da falta de oportunidade de retornar as mesmas.

Acrescentem-se ao corpo documental, as entrevistas produzidas pelo Núcleo de Documentação Cultural - NUDOC, da Universidade Federal do Ceará - UFC, realizadas com os Srs. Tenente Severino Sombra, chefe da Legião Cearense do Trabalho - LCT e primeiro chefe da Ação Integralista Brasileira - AIB, no Ceará; Capitão Jeovah Motta, também chefe da Ação Integralista Brasileira, sucessor de Severino Sombra nos referidos cargos; e Franklin Gondin Chaves, chefe da Ação Integralista Brasileira em Limoeiro, todas pertencentes ao acervo do referido núcleo.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Entrevistas: Tenente Severino Sombra, Julho a Dezembro de 1983; Capitão Jeovah Mota, Dezembro de 1983; Franklin Gondin Chaves, Março de 1984. Todas pertencentes ao NUDOC.

Outros materiais utilizados foram: o Manifesto de Outubro, publicado por Plínio Salgado, em 1932, que marca o início das atividades da AIB; a Súmula Integralista, documento que expõe as concepções do Integralismo sobre o Estado, a Nação, a democracia liberal, a família, a religião e tantos outros aspectos da organização da sociedade brasileira; e vários artigos escritos por Plínio Salgado e publicados em livros e jornais. Todo esse material foi extraído por meio de endereço eletrônico<sup>18</sup> através da rede mundial de computadores, que nos tempos atuais tem facilitado o acesso de pesquisadores aos mais variados tipos de documentos. Dessa forma fiz uso dessas facilidades através do acesso à documentos integralistas.

Quanto as entrevistas com os Srs. Severino Sombra e Jeovah Motta são importantes para montar um quadro geral do movimento integralista no Ceará. Já no que diz respeito à entrevista com o Sr. Franklin Gondin Chaves, personagem que fundou e liderou o movimento ao nível local, assumindo a chefia municipal, considero-a fundamental para significar o percurso da memória integralista, em Limoeiro, visto que essa personagem pode ter influenciado decisivamente para a construção da memória do movimento do *sigma* para os demais entrevistados, perseguindo, assim, as pistas para elaborar um perfil do itinerário da memória integralista. Dessa forma, é possível perceber pontos de coincidência entre as entrevistas do Srs. Franklin Chaves, Clodoveu Vidal, José Amirto, Evaldo Holanda em pontos específicos, como o entusiasmo que o movimento despertara; a fundação das escolas de alfabetização; o caráter marcial do movimento; bem como pontos relativos a assuntos de outra natureza, como a união das diversas famílias de Limoeiro, que outrora eram adversárias, em torno da criação da Diocese, que acontece no ano de 1938, um ano após o fechamento da AIB. O mesmo ocorrendo com o movimento de criação da Escola Normal Rural de Limoeiro. Tudo isso constitui outros momentos ricos de mobilização da comunidade local.

---

<sup>18</sup> <http://www.integralismo.com/doutrina>.



A todo esse material somam-se as Atas da Câmara Municipal do município de Limoeiro coetâneas ao movimento integralista<sup>19</sup>. Nessas atas pode-se encontrar muitas informações importantes sobre os acontecimentos ocorridos após a chamada Revolução de 30 até o ano de 1937, a última ata utilizada. Numa dessas atas, em especial, está transcrito um documento integralista, na sua totalidade, sobre os pleitos municipais que se avizinhavam, por sugestão do presidente da câmara municipal, Franklin Chaves, que era também o chefe local da Ação Integralista Brasileira. Assim, o documento é apresentado à assembléia:

O Sr. Presidente pediu permissão para ler um documento publicado pela Ação Entegralista (sic) do qual foi sinatário (sic), em seguida pediu para ser transcrito na ata que passando em votação foi aprovado, e cujo testo (sic) se segue!<sup>20</sup>

Esse documento é importante porque realça o papel dos municípios dentro do jogo federativo na ótica do Integralismo, colocando-os como o espaço onde as coisas se realizam e se fabricam, mas que, naquele momento, estavam subordinados ao poder centralizador do estado e da União. Assim essa visão ajuda a compreender o espaço por excelência onde as experiências integralista aconteciam, o município.

Acredito que o diálogo entre as fontes seja muito importante para compreender os significados desses movimentos de natureza política. Em se tratando do corpo documental da pesquisa, quer sejam as entrevistas realizadas com os velhos contemporâneos ao movimento; as entrevistas do acervo do NUDOC; ou as atas da câmara municipal, constituem possibilidades concretas de aprofundamento da problemática, na medida em que a natureza diferenciada da sua produção escrita ou oral, permitiu um diálogo entres as fontes, entre contemporâneos.

<sup>19</sup> Ata da Câmara Municipal de Limoeiro de 14/01/1931 extraída do *Livro para registro das atas das Sessões Ordinárias e Extraordinárias da Câmara Municipal de Limoeiro do Norte - Ce, durante os períodos de 30/05/1929 à 24/07/1935 e 17/06/1936 à 24/07/1937.*

<sup>20</sup> Ata da Câmara Municipal de Limoeiro de 18/06/1936, referente à 2ª Sessão Ordinária. Nesse trecho transcrito aparecem alguns erros de grafia como *integralismo* iniciado com a letra "E" e texto escrito com "s" e não com "x", como manda a gramática. Isto leva a aferir que a palavra *sinatário* exprima *signatário*, que mostra que o Sr. Franklin Chaves tenha subscrito o mesmo.

As fontes produzidas, através das entrevistas, os outros documentos utilizados, o diálogo com os autores que lidam com a problemática da memória, em geral, e das fontes orais, em particular, lançam luzes sobre o objeto de pesquisa, sobre a memória das experiências de militantes e contemporâneos do integralismo em Limoeiro.

Com Maurice de Halbwacs<sup>21</sup> e seus estudos sobre a memória coletiva, principalmente no que se refere à sua definição enquanto uma comunidade afetiva, conforme demonstrou, pude intuir que havia a formação de uma comunidade integralista por afeição, isto é, uma adesão afetiva ao movimento político, mesmo depois de transcorridos vários anos, perceptível na maioria dos depoimentos. (...) *Limoeiro era muito pequeno, cidadezinha, então muita gente se entusiasmou, o povo da região ribeirinha coisa e tal*<sup>22</sup>. O entusiasmo de que trata o Sr. Francisco Clodoveu Vidal é uma constante e se refere ao número de adeptos, àquilo a que se propunha e ao lema em torno do qual se articulava: Deus, Pátria e Família. Assim, a idéia de ser integralista rompe, de certa forma, com o que a historiografia tradicional sempre colocou sobre o assunto, tomando como parâmetro o movimento ocorrido nos grandes centros urbanos do Sul e Sudeste e sua ligação com as ideologias nazi-fascistas às quais se filiava. Nesse aspecto, assumia posições às vezes desqualificadoras em relação à importância da natureza histórica do movimento.<sup>23</sup> Assim, é preciso penetrar nos significados do Integralismo a partir das experiências e vivências dos militantes e contemporâneos do Integralismo em Limoeiro, sobretudo naquilo que ele instigou: a produção de utopias.

Com Michel Pollak<sup>24</sup>, pode-se acrescentar a noção de *memórias subterrâneas*, ao mostrar como as memórias sufocadas pelas memórias oficiais vão, em seu interstício de silêncio, sendo tecidas e mantidas vivas para se irromperem em momentos de tensão e crise. Assim, é possível perceber um longo percurso em que a memória integralista vai sendo construída,

<sup>21</sup> HALBWACS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

<sup>22</sup> Francisco Clodoveu Vidal, 76 - 15/03/2001.

<sup>23</sup> A esse respeito um exemplo de postura desqualificadoras do movimento encontra-se no prefácio que Florestan Fernandes escreveu à obra de Gilberto Vasconcellos. In VASCONCELLOS, Gilberto. *Ideologia Curupira: Análise do Discurso Integralista*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1979.

<sup>24</sup> POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In. *Revista Estudos Históricos*. V. 2. N.º 3. FGV, Rio de Janeiro: Vértice, 1989.



incorporando elementos que a faz emergir com significados novos, incorporados a partir das experiências históricas de seus portadores. Não que se trate aqui da apropriação tal qual é a noção de memórias subterrâneas, de acordo com o que Pollak formulou, haja vista ele ter dedicado seus estudos a outros grupos sociais e outras experiências, mas sobretudo aproprio-me da idéia de que essas vão sendo tecidas a despeito e a partir de seu contato com a memória dita oficial, encontrando o momento em que elas se precipitam.

Sobre a trajetória da memória, de maneira geral, recorri ao Alistair Thomson,<sup>25</sup> ao seu estudo sobre os ex-combatentes australianos da Primeira Guerra Mundial, pois as idéias apresentadas no referido estudo são bastante enriquecedoras para a discussão no que se refere ao trabalho da memória, sobretudo no que concerne aos influxos que essa sofre em sua produção pelo discurso oficial historiográfico. Dessa forma fui atentando para os momentos em que a memória integralista vai incorporando elementos da própria historiografia sobre o assunto, haja vista os entrevistados não serem analfabetos e a possibilidade de terem tido acesso a informações diversas, sobretudo as de origem escolar, são um indicador disso. Com Thomson, abordar-se-á a problemática das fontes e da história oral, mas como um método do que como uma outra disciplina. E, mais especificamente, sobre esse debate das fontes orais, lanço mão de algumas reflexões de Alessandro Portelli<sup>26</sup> que, em seu trabalho sobre *Ética e História Oral*, no estudo dos camponeses do sul da Itália, muitas sugestões trouxe para o tratamento dado aos meus depoentes, pois ele lembra que nem sempre estamos no mesmo *pé de igualdade*, em relação àqueles, e isto muito contribuiu para a realização das entrevistas.

A temática da Ação Integralista Brasileira, pensada, a partir das fontes, em geral, e da fonte oral, em particular, coloca questões deveras instigantes, pois em muitos casos confronta-se com a historiografia dita oficial. Não me contentar com respostas rápidas recolocou o debate sobre o Integralismo no

---

<sup>25</sup> THOMSON, Alistair. *Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. In. Projeto História - 15: *Ética e História Oral*. São Paulo: Editora da PUC, 1981.

<sup>26</sup> PORTELLI, Alessandro. *Tentando Aprender um Pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral*. In. Projeto História - 15: *Ética e História Oral*. São Paulo: Editora da PUC, 1981.

bojo das agitações políticas das décadas de 20 e 30 no Brasil e no Ceará. Com isso, não é possível pensar as experiências integralistas em Limoeiro com os mesmo parâmetros para o estudo desse fato em outros espaços. Apressadamente poder-se-ia concluir tratar-se de um movimento fascista, de direita, numa espécie de mimetismo dos movimentos que ocorriam alhures, no entanto, o que importa não é classificar o movimento como fascista, visto que essa postura não dá conta das experiências integralista em sua realidade local. Tenho recusado essa posição pelas implicações metodológicas que acarreta e sobre as quais tenho desenvolvido uma atitude crítica, inspirado em Sader<sup>27</sup> quando afirma que buscar interpretar situações e processos particulares com esquemas teóricos consagrados *não adiciona uma vírgula à compreensão do fenômeno*.

As agitações políticas e culturais ocorridas na década de trinta, nas quais se inscreve o Integralismo, no âmbito nacional e no Estado do Ceará, apontam para uma historiografia especializada. Inicialmente chamou-me a atenção o fato de muitos autores que interpretaram o movimento integralista, no Ceará, terem restringido suas análises aos acontecimentos de Fortaleza, deixando uma lacuna em relação aos municípios do interior, às experiências mais localizadas. Isso motivou-me a aprofundar essa temática. Em seu livro *Anauê: Os camisas Verdes no Poder*, o Prof. Josênio Parente,<sup>28</sup> faz apenas algumas referências ao movimento no interior, como em Quixadá e na Região Jaguaribana, ocupando pouquíssimas páginas de seu trabalho. Contudo suas análises sobre a trajetória integralista apesar de se mostrarem bastante fecundas, ao destacar os movimentos políticos, sociais e religiosos que formaram a base do Integralismo e o que elevou as lideranças locais ao ponto máximo de sua caminhada ao ocuparem cargos de destaque no legislativo estadual e federal, eleitos pela Liga Eleitoral Católica - LEC, permanece dentro da tradição consagrada pela historiografia integralista.

A ausência, no que concerne às experiências integralistas no interior, num primeiro momento, intrigava-me, pois ouvia com freqüência da parte de

---

<sup>27</sup> SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena. Experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 38.

<sup>28</sup> PARENTE, Josênio C. *Anauê: Os camisas verdes no poder*. Fortaleza : Editora UFC, 1999.



um ex-militante, o Sr. Francisco Vicente<sup>29</sup> e, num segundo momento, nos depoimentos dos entrevistados, que o movimento em Limoeiro envolveu a maioria da população masculina do município, informações essas que não apareciam na historiografia sobre o tema. Foi com o intuito de entender o desprezo por essas experiências militantes principalmente no sentido de voltar o interesse para o passado do município que elegi o Integralismo em Limoeiro, a partir das memórias de velhos militantes e contemporâneos dessas experiências, como caminho viável de resignificação desse passado. Até porque desconfiava que essa ausência de referências tinha seus significados políticos.

Nas entrevistas apareciam referências sobre a participação da Igreja Católica na configuração do Integralismo no Ceará e em Limoeiro. Assim lembra um deles: *Ninguém sabe se ia defender, mas a bandeira era essa, defender Deus, Pátria e Família. Quem é que não queria defender essas três coisas?*<sup>30</sup> O próprio slogan que dava suporte ao movimento, simbolizado pela tríade *Deus, Pátria e Família*, já indicava uma relação entre o Integralismo e a Igreja, se não do ponto de vista orgânico, talvez no aspecto ideológico e doutrinário, pois haviam coincidências em seus discursos.

Essa imbricação aparece no trabalho da Júlia Miranda, *Poder e Fé: Discursos e Práticas Católicas*,<sup>31</sup> ao mostrar que muito mais do que uma simples coincidência discursiva, havia um projeto amplo pensado pela Igreja Católica, para a sociedade brasileira, que se materializava na chamada Ação Católica. O referido projeto inspirava-se na publicação da *Encíclica Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII (1891), orientando a ação dos fiéis contra os

<sup>29</sup> Seu nome de batismo era Francisco Andrade Maia e ficou conhecido por Francisco Vicente e Chico Mãozinha, o primeiro devido ao seu pai que se chamava Joaquim Vicente Maia e o segundo porque este sofria de paralisia em uma das mãos. O Sr. Chico Mãozinha era um homem de ideais. Para ilustrar essa afirmação recorro a uma informação no mínimo curiosa. Ele faleceu a 14/11/94, aos 84 anos, em plena sessão do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Limoeiro do Norte após discursar por 15 minutos em resposta a um membro da sessão que tinha cometido a deselegância de afirmar que os trabalhadores rurais eram preguiçosos, provocando de imediato sua reação. Depois de proferida a fala, bastante exaltada, em defesa do "homem do campo", o Sr. Francisco caiu estatelado no chão e teve morte instantânea, conforme foi relatado por uma de suas filhas a Sra. Maria do Carmo Nunes Maia.

<sup>30</sup> Cristóvão Maia Pitombeira, 02/01/1996

<sup>31</sup> MIRANDA, Júlia. *O Poder e a Fé. Discurso e Prática Católicas*. Fortaleza: edições UFC, 1987.

males decorrentes do capitalismo liberal, como o laicismo e a proliferação do comunismo e em favor da organização e formação de centros de estudos e difusão dos valores cristãos. Júlia Miranda afirma:

Com tais preocupações, a Igreja Brasileira enfrenta, um grande desafio: Conquistar espaço no seio da sociedade, 'ganhar' os fiéis. As vias para consecução desse objetivo, não tanto por um ato de vontade da hierarquia, como por forças das próprias condições objetivas e históricas, é seu engajamento na 'questão social', o que se dá, basicamente, através do combate ao comunismo ateu e ao liberalismo.<sup>32</sup>

A relação entre Igreja e Integralismo, enquanto caminho para entender as experiências integralista no âmbito local, é pertinente. Destarte, pretendo dar a essa perspectiva lugar de destaque para poder perceber essa imbricação, esse envolvimento e, sobretudo, em que medida a Igreja, seu pensamento, sua ação social e a forma como ela se organizava, vai contribuir para facilitar a difusão das idéias e práticas integralistas.

Sobre a Igreja Católica e o papel que exerceu no contexto do debate que se efetivou nos anos 30, Oscar de Figueiredo Lustosa<sup>33</sup> traça um perfil do projeto político-social que esta pretendia para a sociedade brasileira, abrangendo estratégias que iam, desde a formação de uma intelectualidade laica até o esboço de propostas políticas concretas a serem defendidas na Assembléia Nacional Constituinte de 1933 pelos deputados eleitos pela L. E. C. (Liga Eleitoral Católica) ou, em conformidade com os seus princípios. O referido programa eleitoral ficou conhecido como o *decálogo da ação da L.E.C.*, pois assentava-se em dez pontos principais que visavam combater o processo de laicização da sociedade brasileira imposto pelo capitalismo liberal.

<sup>32</sup> MIRANDA, Júlia. Op. Cit. p. 37.

<sup>33</sup> LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. O.P. *Igreja e Política no Brasil. Do Partido Católico à L.E.C. (1874-1945)*. São Paulo: Edições Loyola/CEPEHIB, 1983 (Cadernos de História da Igreja do Brasil - 3).



Quanto ao contexto histórico em que se inscreve o movimento da Ação Integralista Brasileira - com todas as reservas à noção de contexto que tende ao reducionismo da ação humana, uma vez que aparenta uma realidade já dada em torno da qual os fatos se sucedem e por isso prefiro adotar a idéia de produção discursiva sobre os fatos, o que vai conferindo-lhes significados - considero coerente adentrar no debate, nos discursos que se estabeleceram em torno da chamada Revolução de 30, pois é nesse quadro que se desenvolve uma série de movimentos políticos e sociais em todo o país. Esses discursos iniciam-se no calor dos acontecimentos, fixando, assim, uma memória interpretativa dos mesmos e que terá grande penetração no conjunto das produções historiográficas, a partir de então, impondo uma memória oficial para o ocorrido, o que concorrerá para o silêncio das experiências vividas por diversos grupos sociais envolvidos, que, naquele momento, viram seus sonhos e utopias sufocados por esse discurso homogeneizador patrocinado pelos setores que se estabeleceram no poder. Daí resultou minha opção de também tentar estabelecer os significados desses acontecimentos a partir do corpo documental utilizado que, no meu entender, constitui o fio condutor da relação do estudo local e suas imbricações com a realidade mais abrangente, a realidade nacional.

É importante salientar que os anos trinta foram bastante agitados, pois é possível perceber uma mobilização geral em torno dos problemas que diziam respeito aos destinos do Brasil, ou melhor, da *Nação*. Considerando-se que o período precedente foi de sufocamento das manifestações políticas, não se pode deixar de observar que durante os anos 20 muitos movimentos vão surtir efeito para desembocar no movimento de outubro de 1930, quando Getúlio Vargas assume o poder. A partir daí os segmentos sociais envolvidos passam a reivindicar maior participação nas decisões, o que, na realidade, não irá ocorrer, haja vista tratar-se de uma modernização conservadora que, em nenhum momento permitirá, o tão sonhado acesso que outros segmentos nutriam em chegar ao poder. Daí, então, torna-se necessária a produção de uma imagem da própria revolução que viesse a dialogar com os setores subalternos da sociedade, esvaziando, assim, o conteúdo político dos principais grupos ideológicos envolvidos. Dessa forma, estavam postos os

elementos que fixaram as bases da memória oficial sobre o que ocorrera em 30, sob a égide dos segmentos que se pretendiam hegemônicos.

Recuperar a atmosfera política do período e ressaltar como dentro dela desenvolveram-se as lutas pelo poder, destacando que o projeto modernizador e nacionalista estava na base de todos os movimentos que se apresentavam, enquanto alternativa para o momento, quer fossem declaradamente de esquerda ou de direita e que estes não conseguem fugir a esse imperativo que foi marca registrada do entre-guerras em todo o mundo, constitui-se possibilidade de entender a efervescência política e cultural que espalhou-se pelo Brasil afora, inclusive nas várzeas jaguaribanas.

Deve-se reconhecer que esse fenômeno nacionalista/modernizador repercutiu uma tendência mundial, embora, saliente-se que a esse fenômeno mundial acrescentava-se o que poderíamos denominar de um *tempero brasileiro*, uma apropriação a partir das nossas condições sócio-históricas. De acordo com Mariza Velozo e Angélica Madeira, em *Leituras Brasileiras*,<sup>34</sup> havia uma intensa atividade cultural e política na década de 30 que teve como base o nacionalismo e o ideal de modernização das estruturas arcaicas que mobilizou grandes setores da sociedade destacando, assim, o papel da intelectualidade nesse debate, papel que não tivera em momentos anteriores. Daí investirem-se no papel de demiurgos da pátria, articulando os elementos do nosso passado e nossas origens para entender o presente e preparar o futuro.

Marilena Chauí também fala da busca do passado em *Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária*<sup>35</sup>, esclarecendo que esse discurso foi calcado na idéia de um passado que não cessa, isto é, parte de uma idéia de que já existia um Brasil em séculos precedentes, fixando, assim, mitos e heróis de um Brasil contínuo. Embora seu trabalho não seja dirigido para o movimento integralista, considero que suas reflexões em torno da brasilidade lançam luzes para a análise da AIB, visto que os integralistas podem ser considerados

---

<sup>34</sup> VELOSO, Mariza e MADEIRA, Angélica. *Leituras Brasileiras: Itinerários no Pensamento Social e na Literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

<sup>35</sup> CHAUI, Marilena. *Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000 (História do Povo Brasileiro).



partícipes da construção desse discurso, desse esforço de mobilizar as forças do passado para guiar os destinos da Nação.

Essas leituras colocam questões para pensar como aqueles indivíduos vivenciaram intensivamente esse debate, que aparentemente se colocava distante, pois dizia respeito aos grandes centros urbanos, mas que, no confronto com o material empírico foi me mostrando que essas experiências históricas foram sendo interpretadas e significadas nas vivências cotidianas daquela população, que toma o Integralismo como um projeto capaz de conduzi-los a um Brasil mais justo e livre das *mazeias* em que viviam.

Assim, para dar forma a esse debate que envolve memória integralista e historiografia integralistas; contexto das agitações políticas dos anos 20 e 30; Ação Católica e pensamento conservador; elementos presentes nesse trabalho, o faço em três capítulos.

No primeiro capítulo procuro discutir o contexto histórico no qual o movimento integralista foi criado, dando ênfase ao processo político cultural que emoldurou os anos 30. Nesse sentido, busco discutir o que defino como um ambiente de efervescência cultural no qual se gestaram movimentos sociais, políticos e ideológicos de diversas origens, mas que carregavam em seu interior matizes do pensamento nacionalista/modernista que os faziam assemelhar-se. Dessa forma, grupos que se rivalizavam por apresentarem proposições diversas, como caminho viável para tornar o Brasil numa nação livre dos seus problemas históricos, herdados de um passado colonial, comungavam da noção de que esse caminho deveria ser construído com base nos elementos formadores da brasilidade, expressão clara de um nacionalismo arraigado. Da mesma forma, a articulação desses elementos, pelos diversos grupos envolvidos constituir-se-ia na possibilidade concreta de alçar o Brasil da condição de país atrasado para inseri-lo na modernidade e, assim, colocá-lo no mesmo nível das *nações civilizadas* européias.

Nesse sentido, enfatizo a polaridade política em dois grupos distintos que se moviam em torno da possibilidade de estabelecer profundas transformações via revolução socialista, ou combatendo qualquer vestígio dela. Visto por esse prisma, a idéia de revolução passa a se constituir tema central

para esses grupos, levando a se alinharem, de um lado, os grupos que a defendiam e, do outro, os grupos que a combatiam.

Assim, interesse-me, em particular, pelos grupos que se articulavam em defesa da ordem contra qualquer vestígio de revolução, no modelo proposto pelos socialistas/comunistas. Para esses grupos tal modelo de revolução era visto como um elemento desagregador da paz e da harmonia social, levando a desestruturação da família, encarada como célula base da sociedade. A Ação Católica organizada para que a Igreja viesse a intervir nos problemas da sociedade, sob a direção do Centro Dom Vital, e liderada pela intelectualidade laica e a Ação Integralista Brasileira criada dentro dos princípios do fascismo europeu que preconizava a criação do Estado Totalitário e a cooperação entre as classes sociais são expressões acabadas da idéia de combate a qualquer vestígio de revolução. Nesse sentido, dedico especial atenção ao movimento da Ação Integralista Brasileira e seu imbricamento com o catolicismo social inspirado na *Rerum Novarum*. Destaco, portanto, o ambiente político e cultural do movimento integralista no Brasil dos anos 30 e, em especial, no Ceará, terreno em que se moverá o Integralismo, em Limoeiro. Contudo rejeito qualquer idéia de mimetismo do movimento integralista, quer seja deste em relação ao fascismo europeu ou do movimento no Ceará, em relação ao nacional, pois aqui o Integralismo assumiu características que o difere das demais experiências. Reconheço, porém, o seu caráter centralizador, em torno das decisões da chefia nacional, contudo considero que isso não seja suficiente para se falar de mimetismos.

Obedecendo a essa mesma linha de raciocínio, procuro desenvolver o segundo capítulo, reservado ao debate sobre o Integralismo local, vivenciado nas várzeas do Limoeiro, às margens do Rio Jaguaribe. Considero, portanto, ser possível apreender os significados do Integralismo em nível das experiências locais, adaptado às condições do cotidiano dos indivíduos envolvidos, que reinterpretaram os significados mais gerais a ele atribuídos. Dessa forma, é importante perceber os atores sociais dentro do jogo da política local. Por isso, enfatizo as disputas políticas entre as duas principais famílias que conformavam o cenário político-eleitoral local e como esse quadro interfere



na estruturação e na organização do movimento integralista, influenciando assim para que famílias inteiras viessem, literalmente, vestir a camisa integralista.

Acrescente-se a esse aspecto a presença marcante da Igreja Católica no seio da sociedade local. Ela aparece como portadora de um discurso que tinha em seu interior os elementos da ordem e da harmonia social inspirado no catolicismo social, perceptível na escolha dos padres que em Limoeiro aportaram, oriundos de uma formação rígida no Seminário da Prainha, em Fortaleza. Vê-se, portando, a Igreja local, na pessoa do clero, como portadora de um discurso abonador do Integralismo. Se por falta de maior clareza das fontes orais sobre o assunto não é possível identificá-lo como indicando abertamente aos fiéis seu ingresso no movimento integralista, o forte apelo anticomunista de seu discurso, que colocava o Comunismo como *a ameaça vermelha* que vinha da Rússia, são indícios muito fortes do aval da Igreja para com o movimento. O medo difundido contra o Comunismo indicava o remédio para combatê-lo, e o que se apresentava com maior eficácia naquele momento era, sem sombra de dúvidas, o Integralismo.

Assim, busco relacionar o poder político local exercido pela família Chaves, tanto pelo domínio do processo eleitoral, como pela tradição política advinda de seus ascendentes, bem como pela declarada relação que mantinham com as hostes superiores da Igreja Católica no estado do Ceará.

Acrescento, ainda, um tópico sobre Franklin Chaves, chefe do Núcleo Municipal do Integralismo, destacando o seu ingresso no movimento como estratégia de sobrevida do domínio político da família Chaves após os acontecimentos de 30. A opção de fazer um item sobre Franklin Chaves, de figurá-lo no texto, se justifica, não somente por esse ter sido o chefe local, mas porque nas entrevistas os depoentes sempre fazem referência ao mesmo com muita frequência chefe. Dessa forma percebi que era um tema a ser discutido à luz do caráter personalista, centralizador e autoritário do movimento.

Na seqüência, mostro os meandros do movimento integralista local. Sua organização e os eventos que mais se destacaram na memória dos entrevistados, salientando que essa seleção dos momentos mais significativos são fruto da construção da própria memória, que será tratado no capítulo seguinte. Dentre os aspectos organizacionais do movimento integralista local,

destaco o papel exercido pelas escolas integralistas, no que se referem às estratégias de recrutamento de novos militantes e de discussão da doutrina integralista. Destaco ainda o papel que elas exercem no imaginário de uma comunidade formada predominantemente de pequenos agricultores que privilegiam a educação como mecanismo de ascensão social, o que possivelmente não se daria por outros meios.

As escolas, assim como os desfiles em praça pública; os comícios; as festas integralistas; o juramento por ocasião do ingresso de um novo militante; os trajes e a saudação integralista; o recrutamento das mulheres e dos plinianos constituíram-se num conjunto de símbolos e ritos que contribuíram para o sucesso do movimento, pois possibilitavam o diálogo da ideologia integralista num nível de entendimento e de representação política da população local. Não é à toa que o Integralismo foi, até aquele período, o maior e talvez o primeiro partido de massas do Brasil, como afirmou Trindade, e possibilitou aos sujeitos locais o extravasamento de suas emoções, ao alimentarem sonhos de um país melhor e, talvez, a primeira possibilidade de participar ativamente de um movimento político, o que historicamente lhes tinha sido negado.

No terceiro e último capítulo, dou seqüência à discussão do movimento integralista no âmbito local, mas dando ênfase, sobretudo, ao que denomino de memória integralista e aos significados por ela atribuídos. Parto da compreensão de que a memória integralista - colhida, sobretudo, nas fontes orais que são as entrevistas com ex-militantes e contemporâneos ao evento, conforme já foi destacado anteriormente - desenvolve um certo percurso que resulta nos significados apreendidos pelos sujeitos envolvidos. Tal percurso sofre a inflexão dos discursos políticos e historiográficos sobre o integralismo, que se gestaram posteriormente ao fechamento da AIB e à Segunda Guerra Mundial, que são profundamente marcados, também, por leituras desqualificadoras do movimento, ao associá-lo ao fascismo europeu derrotado no conflito mundial, tratando-o simplesmente como um fascismo caboclo, produto de uma sociedade subdesenvolvida econômica e culturalmente.

Para tanto, procuro apreender seus significados para os sujeitos envolvidos a partir das inflexões que a memória integralista sofre em seu



percurso, adotando como suporte as reflexões inerentes à história e à memória. A partir de um cruzamento dos temas suscitados pela documentação com as reflexões de autores que trabalharam com a memória, busco encontrar pontos que mostrem o itinerário da memória integralista, privilegiando as memórias de uma camada social ausente do debate historiográfico para ver como esses vão resignificando o fato. De certa forma, procedo a um retorno ao debate historiográfico inicial, mas, dessa feita, mediatizado pelo olhar dos depoentes. No entanto, trata-se de um esforço de perceber novos significados para o Integralismo não encontrado nos discursos integralistas trabalhados e de perceber o entrecruzamento da memória dos indivíduos e a historiografia. Assim, procuro fixar determinados temas considerados recorrentes nos depoimentos dos entrevistados, como estratégia que me fornece indícios para chegar ao que afirmo, como uma memória integralista.

A opção de fazer desse capítulo um debate sobre os significados do integralismo, a partir da memória, remete para uma discussão mais teórica no intuito de expor os conhecimentos adquiridos no percurso da pesquisa. Assim, a discussão teórica sobre o integralismo e seus significados foi ao mesmo tempo ponto de partida e de chegada. Ponto de partida na medida que exprime os primeiros esforços explicativos do trabalho e ponto de chegada quando tomo os autores para refletir sobre a memória a partir da experiência empírica. Dessa forma, a discussão aponta para uma certa conclusão do trabalho ao expor o resultado da pesquisa.

Enfim, o que vai se encontrar no texto a seguir é um trabalho que visa olhar para o movimento integralista pela ótica dos ex-militantes e contemporâneos ao transcorrido. No entanto, o discurso que apresento é mais de minha responsabilidade do que deles, pois o tratamento dado às informações colhidas constitui as reflexões possíveis a que pude chegar.

## 1º CAPÍTULO:

### O INTEGRALISMO RUMO À *REVOLUÇÃO DO ESPÍRITO*

A ação integralista Brasileira é um movimento revolucionário, não no sentido comum que se empresta a esta expressão, porém num sentido mais alto e profundo. (Plínio Salgado. In. "A Ofensiva", 24/01/1935)<sup>36</sup>

#### 1- Anos 30: Nacionalismos, Conservadorismo e Movimentos Sociais

Considero prudente principiar a discussão sobre o movimento da Ação Integralista Brasileira - AIB - localizando-o em seu contexto histórico. Esse se traduz por características gerais que, num sentido mais amplo, definem um momento da história nacional e traz as marcas de sua temporalidade. No entanto, chamo a atenção para o emprego da noção de contexto e suas possíveis armadilhas, como, por exemplo, a forte tendência de se reduzir a importância da ação humana, do indivíduo na história, visto que esta manifesta a sensação de uma realidade já dada e explicada, daí resultando que os eventos obedecem aos seus imperativos. Assim, considero frutífero e pertinente trabalhar com a idéia de produção discursiva sobre os fatos, o que lhes vai conferindo interpretações e significados. Mesmo preferindo encarar o estudo dos fatos como discursos produzidos em determinadas circunstâncias, retorno à idéia de contexto para dar forma ao que estou expondo. Nesse caso, uso a noção de contexto, não como algo dado, mas como a reconstituição de circunstâncias em que se insere um acontecimento que as institui e por essas circunstâncias é também instituído.

---

<sup>36</sup> Artigo: *Sentido e Ritmo da Nossa Revolução*. <http://www.integralismo.com/doutrina>.



Assim, a problemática do movimento da Ação Integralista Brasileira - AIB - se inscreve nesse quadro mais amplo da realidade, o que tornou possível a sua criação e o relativo sucesso alcançado, no tocante à mobilização de grande contingente da população de Norte a Sul do País, fazendo desse o primeiro partido de massas no Brasil. No entanto, antes de vê-lo como um *fascismo caboclo*, seguindo as trilhas de outras interpretações, deve-se olhar para o movimento integralista como parte constitutiva da correlação de forças e de idéias na construção da Nação, numa conjuntura política e cultural própria de seu tempo e que de mãos dadas com outros movimentos e ideologias conservadores e autoritários perfizeram esse quadro.

O ambiente político e cultural em que o movimento integralista se instituiu foi bastante agitado, porque o Brasil acabara de passar por um processo de crise das instituições políticas fundadas no liberalismo da Primeira República, que culminou num movimento liderado pelas oligarquias dissidentes que colocou Getúlio Vargas no poder. As divergências políticas e ideológicas, nos primeiros anos que se seguiram aos acontecimentos de 1930<sup>37</sup> foram evidentes. Foi um período de francas disputas de projetos políticos, esses com seus ideários profundamente marcados pelo nacionalismo e modernismo, influenciando grupos opositores ao regime político instalado, de um lado e, por outro lado, os grupos que defendiam a manutenção da ordem, capitaneados, em linhas gerais, pelas Aliança Libertadora Nacional - ALN - e a Ação Integralista Brasileira - AIB -, grupos esses que adquiriram maior visibilidade.

Rever o terreno dos debates, dos discursos e das práticas políticas que se efetivaram nos momentos que se sucederam aos acontecimentos de 30 mostra-se bastante rico para compreender os diferentes níveis da experiência integralista. Muitos desses discursos e práticas gestaram-se no calor dos acontecimentos, contribuindo, assim, para edificar uma memória interpretativa do fato que se pretende como verdadeiro. Resulta que essas leituras exerceram grande inflexão no conjunto das produções historiográficas, a partir

---

<sup>37</sup> Utilizo a expressão *acontecimentos de trinta* em vez de *revolução de trinta* por considerar a última como carregada de significados que denotam uma ruptura política e social profunda assemelhando-se com as interpretações oficiais que se estabeleceram no momento dos acontecimentos. Ver DE DECCA, Edgar. *1930: O Silêncio dos Vencidos. Memória, história e revolução*. 5ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 73.

de então, impondo uma memória oficial para o ocorrido, no que concorrerá para o silêncio das experiências e dos projetos de sociedade de vários segmentos sociais envolvidos que, naquele momento, viram seus sonhos e utopias sufocados por esse discurso homogeneizador, patrocinado pelo poder instituído<sup>38</sup>.

Embora o discurso historiográfico tenha, em certa medida, *exorcizado* a luta de classe do interior dos acontecimentos de 30, fica patente que as agitações políticas são a marca desse período, e recuperá-las possibilita melhor entender o contexto mais amplo em que o Integralismo fundou sua práxis. Tais disputas foram contagiantes e conferiram uma certa tônica ao período, a mobilização de diversos setores da população brasileira - a intelectualidade laica e religiosa, a classe média urbana, o movimento operário urbano, setores das forças armadas - para discutir, propor e encaminhar soluções que fossem capazes de superar os problemas existentes e de dar um novo rumo aos destinos da Nação. Mesmo considerando que os anos que imediatamente precederam aos eventos de 30 foram marcados pela tentativa de sufocamento das manifestações políticas, durante os anos 20, muitos movimentos políticos e culturais surtirão efeito para desembocar no movimento de outubro de 1930, quando Getúlio Vargas assume o poder. Dentre tantos, podem ser destacados o Tenentismo, a Semana de Arte Moderna e a fundação do Partido Comunista.

A polarização política e ideológica nesse contexto fez nascer nesses segmentos sociais a aspiração de maior participação nas decisões políticas. No entanto, esse anseio não se realizou em sua plenitude, pois os acontecimentos apontavam para uma modernização conservadora, sem desalojar por completo os setores mais conservadores da sociedade, no caso, as antigas oligarquias<sup>39</sup>.

---

<sup>38</sup> Edgar De Decca traduz esse momento como o de exercício efetivo do poder político que define a periodização da história e o lugar onde ela deve ser lida, memorizando o passado como o de domínio das oligarquias e o presente como o de uma revolução que não tem lugar para acabar, apresentando a revolução como unitária e monolítica. A revolução de trinta apareceria como um divisor de águas na história do Brasil, o antes e o depois. DE DECCA, Edgar. Op. Cit. p. 71-75.

<sup>39</sup> O debate sobre o domínio das oligarquias agrárias no Brasil da Primeira República é recorrente ao discurso historiográfico. Tal discurso é reforçado pelas interpretações acerca dos acontecimentos de 1930, pois a idéia de Revolução subjacente as essas interpretações definiram o lugar das oligarquias como aquele associado às forças do atraso, derrotada pelas forças ligadas ao progresso da Nação. DE DECCA op. Cit. p. 73



Decorre daí, então, a produção de uma memória da *revolução* que viesse dialogar com os setores subalternos da sociedade, transformando aqueles acontecimentos num marco periodizador da história do Brasil, para balizar o que ocorrera antes e depois. Consta ainda desse ato a idéia de modernidade, de um futuro que se apresentava no presente, esvaziando, assim, o conteúdo político dos principais grupos ideológicos envolvidos. Dessa forma, foram postos os elementos que fixaram as bases da memória oficial sobre o que ocorrera em 30, sob a égide do poder político.

Dentro dessa linha de raciocínio, Mariza Veloso e Angélica Madeira, em *Leituras Brasileiras*,<sup>40</sup> dão as pistas para significar o período, quando afirmam ser possível perceber que nessa década surgiram discursos, narrativas, cujos objetivos eram a Nação. Em seus rastros reside a preocupação em estabelecer um caráter nacional brasileiro que foi extremamente significativo para a edificação da idéia de Nação, procurando distinguir os traços culturais típicos do Brasil, desencadeando um nacionalismo exacerbado. O forte apelo nacionalista foi acompanhado da idéia de modernização.

Assim elas descrevem:

O tema do nacionalismo é um eixo aglutinador dos movimentos sociais e do ideário dos mais diferentes grupos; por mais que estes se diferenciem quanto a cor, a densidade e proporções específicas, o nacionalismo traz um temário comum e englobador. (...) Ao lado do ideário nacionalista, ocorre ainda intenso processo de modernização no país, o que também faz com que haja todo um repensar sobre as estruturas sociais e as estruturas políticas até então vigentes.<sup>41</sup>

Observa-se que o nacionalismo, por seu turno, foi a temática mais presente nos ideários dos mais diferentes grupos sociais em disputa, fossem aqueles que propugnavam, o Integralismo, o Comunismo, o Trabalhismo, ou o Catolicismo Social. O ideário modernizador, era dirigido contra as estruturas *arcaicas* do liberalismo do período anterior, pois esse se inscrevia num momento em que estava ocorrendo uma crescente urbanização, a formação de um proletariado urbano, o crescimento da industrialização, a formação do mercado

<sup>40</sup> VELOSO, Mariza e MADEIRA, Angélica. *Leituras Brasileiras: Itinerários no Pensamento Social e na Literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

<sup>41</sup> VELOSO, Mariza e MADEIRA, Angélica. Op. Cit. p. 137.



interno. Essa atmosfera nacionalista e modernizadora contagiou o entre-guerras estimulando o acirramento das posições políticas e ideológicas em todo o mundo, inclusive no Brasil.

Quanto ao envolvimento de grande parcela da população, pode ser visto como sinais de otimismo no tocante à modernização, se for levado em consideração que nos períodos anteriores, principalmente no modelo Oligárquico da Primeira República, período imediatamente anterior ao que está sendo focado, não havia apego à ordem democrática. Assim, os acontecimentos políticos e culturais da década de 20 - o Tenentismo, a Semana de Arte Moderna, a fundação do Partido Comunista do Brasil - e os desdobramentos dos eventos do ano de 1930, somados ao desenvolvimento no setor da produção despertaram o otimismo nos destinos da nação<sup>42</sup>.

A atmosfera política do período foi marcada pela polarização em que se desenvolveram as lutas pelo poder, marcadas pelo ideal modernizador e nacionalista, influenciando os mais diferentes segmentos sociais. Contudo, os dois principais segmentos político e ideológico dessa disputa foram o liberalismo e o comunismo. O primeiro defendendo as liberdades individuais e econômicas e o segundo defendendo o socialismo.

Segundo Cordeiro Júnior, essas divergências assentadas numa intensa atividade intelectual foram o aspecto mais discutido desses ideários, mas, apesar dessas divergências, elas se unificaram em torno da defesa do laicismo do Estado, das instituições sociais e culturais e na valorização dos aspectos materiais como explicação e solução dos problemas relativos à existência humana. No entanto, outras práticas coletivas - neste ponto inclui o Movimento Integralista - eram resistentes a essa onda modernizadora, principalmente no que se refere ao ordenamento social, apostando na força da tradição que correspondia a uma ordem social baseada numa *natureza nostálgica em face de um passado supostamente perfeito e mantido às custas de laços orgânicos de solidariedade*<sup>43</sup>. No entanto, essa resistência à modernização não se dirigia contra as mudanças que se operavam na base da produção, ou contra o

<sup>42</sup> CORDEIRO JR, Raimundo Barroso. A Legião Cearense do Trabalho. In SOUSA, Simone. *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2000, p. 317-318.

<sup>43</sup> CORDEIRO JR, Raimundo Barroso. Op. Cit. p. 318.

avanço da industrialização, restringido, assim, suas críticas aos aspectos relativos a ordem social vigente, ameaçada por esse progresso, caso ele não estivesse devidamente sintonizado com as tradições herdadas do nosso passado.

Dentre as instituições que defendiam a posição de forte combate à modernidade estava a Igreja Católica. Sua preocupação com os rumos tomados pelas sociedades industriais surgiu oficialmente com a Bula Papal *Rerum Novarum*, de Leão XIII, em 1891. A intervenção da Igreja Católica no social visava livrar a sociedade da decadência dos princípios morais e éticos oriundos de um modelo de sociedade assentado na industrialização.

Para Cordeiro Júnior na Encíclica *Rerum Novarum*

Estão retratadas as preocupações com a desorganização social, revelada no avanço do pragmatismo moral, com a secularização das relações sociais fundamentais e com a renúncia à explicação transcendental dos papéis sociais dos indivíduos.<sup>44</sup>

Dessa forma, estavam dadas as condições para o surgimento de grupos sociais em torno de um pensamento conservador voltado para o restabelecimento da tradição, da ordem e da harmonia social rompidos com a edificação da sociedade industrial. A maioria desses grupos baseavam sua práxis no pensamento social da Igreja Católica, exercendo aproximações orgânicas com a mesma.

A ação social da Igreja foi melhor definida no Brasil com a fundação do Centro Dom Vital (1921), criado pelo Cardeal do Rio de Janeiro Dom Sebastião Leme, e tinha como finalidade preparar a intelectualidade católica para intervir no social, para enfrentar o que ela própria definia como a *ignorância dos fiéis* e aumentar o número de padres. *Dom Sebastião Leme trata de encontrar saída para esse impasse, propondo a dinamização do ensino religioso e voltando sua atuação para a intelectualidade laica.*<sup>45</sup>

Para atingir esses objetivos a Igreja Católica visava:

<sup>44</sup> CORDEIRO JR, Raimundo Barroso. Op. Cit. p. 320.

<sup>45</sup> MIRANDA, Júlia. *O Poder e a Fé. Discurso e Prática Católicos*. Fortaleza: edições UFC, 1987, p. 39.



Recrutar entre os intelectuais da classe média urbana brasileira, os fiéis aos quais caberá fundamentalmente essa tarefa propagandística(...) Enraíza nas grandes questões da época, apontando soluções para algumas aspirações sociais do momento.<sup>46</sup>

Deve ficar claro que os alvos principais da Igreja Católica eram o comunismo e o liberalismo, ambos encarados como responsáveis pelo avanço do laicismo no interior da sociedade e no cotidiano das famílias. Optando por um modelo de sociedade fundado no corporativismo, rejeitava as interpretações classistas próprias dos movimentos socialista e a fragmentação da sociedade industrial liberal assentada nos interesses particulares e nas disputas políticas a ela inerentes. Assim, o movimento católico passava a intervir na organização dos trabalhadores, através da criação de agremiações assistencialistas e corporativistas como os *Círculos Operários* e as *Sociedades Vicentinas*, estimulando a ajuda mútua dos trabalhadores com vistas à cooperação entre as classe, item indispensável, em sua ótica, para o engrandecimento da Nação.

A luta da Igreja Católica era, portanto, dirigida contra o processo de laicização da sociedade brasileira, manifesta tanto no modelo liberal que vigorou nos primeiros anos republicanos, como nos que se apresentavam nos novos projetos de sociedade, especialmente os conduzidos pelos grupos de ideologia socialista.

Essa práxis católica visava à formação de uma sociedade fundada numa ordem social com base numa *natureza nostálgica*<sup>47</sup> em face a um passado perfeito e que se manteve por laços de solidariedade. Assim, qualquer tentativa de mudança que viesse romper com essa ordem era vista como um declínio, ou uma degenerescência social, que poderia comprometer a harmonia social e felicidade humana.

Partindo dessa compreensão é que a Igreja Católica visava organizar a intelectualidade para servir de bastião na defesa desses princípios, reeducando a sociedade nos valores do cristianismo, que foram, segundo seus formuladores, abandonados pela sociedade industrial, materialista e laica. Nesse sentido, o que ela propunha era algo que levasse a retornar a um passado não mais existente, mas com potencial para se reorganizar, a partir da

<sup>46</sup> MIRANDA, Júlia. *Op. Cit.* p. 43.

<sup>47</sup> CORDEIRO JR, Raimundo Barroso. *Op. Cit.* p. 319.

conjugação dos elementos da Nação associados aos princípios morais por ela formulados.

Nesse sentido, Severino Sombra, um dos intelectuais orgânicos do catolicismo, crítico da sociedade liberal e defensor das doutrinas da Igreja Católica, afirma:

Então quando rompeu a revolução de 30 conduzida pela aliança Liberal, eu não podia aceitar essa revolução, porque eu estava formado pela doutrina Jacksoniana,<sup>48</sup> católica Jacksoniana, dentro de uma linha anti-liberal. (...) que era acusado pela Igreja, pelo pensamento, pelos pensadores católicos era acusados dessa transformação que levou à indiferença, o ateísmo do mundo moderno.<sup>49</sup>

Não é de se estranhar que como frutos dessas preocupações e de sua reorganização no interior da intelectualidade, a Igreja Católica tenha formulado e colocado em prática uma série de atividades que visavam à consecução de seus ideais. Podem ser incluídos nessa relação a criação do Centro Dom Vital, em 1921, com sede no Rio de Janeiro; a fundação de diversos Círculos Operários espalhados por todo o Brasil e organizados em torno da Confederação Nacional de Operários Católicos<sup>50</sup> e, no Ceará, mais especificamente, foi criada, em 1931, a Legião Cearense do Trabalho - LCT - coordenada por um intelectual católico, o Tenente Severino Sombra; em 1932 foi criada a Liga Eleitoral Católica - LEC - que funcionava como um conjunto de princípios que deveriam ser seguidos por candidatos às eleições constituintes, do ano de 1933<sup>51</sup>. Em alguns estados do Brasil a LEC chegou a ser um partido

<sup>48</sup> Referência a Jackson de Figueiredo, um dos fundadores e intelectual do Centro Dom Vital e da revista "A Ordem", que divulgava as atividades e doutrinas do referido centro.

<sup>49</sup> Severino Sombra. NUDOC/UFC, 1983. Fita Nº. 02, p. 14.

<sup>50</sup> MANUAL DO CIRCULO OPERÁRIO. Publicado pela Confederação Nacional dos Operários Católicos, em 1939, e com Prefácio de Alceu Amoroso Lima, expressa o poder de intervenção da Igreja Católica junto ao movimento operário e ao mesmo tempo é um indício da visão de que os intelectuais é que estavam responsáveis pela tarefa de levar a mensagem cristã a uma sociedade que vinha gradativamente se afastando dos princípios da cristandade. O Manual, embora tenha sido publicado em 1939, sintetiza idéias que vinham sendo elaboradas ao longo da década, desde sua fundação em 1932.

<sup>51</sup> A LEC organiza-se em torno de princípios doutrinários para orientar os candidatos em sucessivas eleições: 1933/1937 (campanha eleitoral, pois veio o Golpe de Estado)/1945.



político registrado, como no caso do Ceará, conforme demonstra Josênio Parente.<sup>52</sup>

Segundo Oscar de Figueiredo Lustosa, após a Igreja Católica ter aguardado uma melhor definição política dos momentos posteriores aos acontecimentos de trinta, fundou a LEC, no ano de 1932:

Em qualquer hipótese, descartados mesmo a possibilidade e a conveniência da implantação de um Partido confessional, todos estavam entretanto convencidos da necessidade de formar a consciência política dos católicos no Brasil e de descobrir fórmulas práticas para a mobilização e canalização dos eleitores em favor dos postulados da Igreja.<sup>53</sup>

Observa-se que a criação da Liga Eleitoral Católica obedeceu a estratégias bem definidas da Igreja Católica de retomada da aproximação dessa instituição com o Estado. Através da adoção de postulados bem definidos e de uma organização simples, centralizada por uma Junta Nacional sediada no Rio de Janeiro e espalhada pelo Brasil, através das Juntas Estaduais e Municipais, tinha como tarefa principal despertar os católicos da indiferença em que viviam e obter dos partidos políticos compromissos formais de votarem com a doutrina social da Igreja

O programa mínimo apresentado pela Igreja Católica aos candidatos constituintes e que estes deveriam assumi-lo constava: da inclusão do nome de Deus na Constituição; da defesa da indissolubilidade do casamento; do efeito civil ao casamento religioso; e da incorporação do ensino religioso facultativo nas escolas públicas, mostrando com isso que uma das preocupações da Igreja Católica era restabelecer seus laços com o Estado, perdidos com o movimento republicano e com a Proclamação da República, materializados na sua primeira Constituição. Esses *postulados mínimos* foram resumidos em dez pontos, aos quais Lustosa definiu como *decálogo da ação da LEC*.<sup>54</sup>

<sup>52</sup> PARENTE, Josênio C. *Anauê: Os camisas verdes no poder*. Fortaleza: Editora UFC, 1999, p.136.

<sup>53</sup> LUSTOSA, Oscar de Figueiredo OP. *Igreja e Política no Brasil. Do Partido Católico à LEC (1874-1945)*. São Paulo: Edições Loyola/CEPEHID, 1983, p. 19 (Coleção Cadernos de História da Igreja no Brasil).

<sup>54</sup> LUSTOSA, Oscar de Figueiredo OP. Op. Cit. p. 20-30.

A atuação da LEC pelo Brasil não se restringiu somente a um conjunto de pontos programáticos a serem defendidos por candidatos dos diferentes partidos, nos diferentes estados da federação. No estado do Ceará, a Liga Eleitoral Católica constituiu-se em partido político com registro, tendo eleito 06 Deputados Constituintes contra 04 eleitos pelo PSD, mostrando, assim, a força do projeto social da Igreja Católica.<sup>55</sup> Essa opção por registrar-se como partido político conferiu à Igreja no Ceará o papel de liderança frente aos mais variados grupos políticos de matiz conservadora.

A Ação Social da Igreja Católica no Ceará se dava através dos movimentos sociais por ela própria criados que tinham à frente os intelectuais católicos laicos, formados nos princípios do catolicismo reformado do Centro Dom Vital, tão difundido no Brasil por meio da revista *A Ordem*, e dos jornais católicos. Em Fortaleza, a arquidiocese edita o jornal *O Nordeste*, um exemplo claro dos organismos escritos de difusão do pensamento social da Igreja Católica, em que o próprio Severino Sombra se torna colaborador. Sombra, assim, diz: *E eu comecei então a colaborar no jornal católico "O Nordeste"*.<sup>56</sup> Não é absurdo asseverar que muitos dirigentes de movimentos católicos, ou não, como o Integralismo, formaram-se, ideologicamente, a partir da leitura desses periódicos que difundiam sistematicamente a doutrina da ação católica. Um exemplo concreto foi Franklin Chaves, chefe municipal da Ação Integralista Brasileira, em Limoeiro, que teve no jornal *O Nordeste* uma de suas fontes de inspiração. Assim, práxis social católica teve como alvo as diversas classes sociais, inclusive o operariado. Isso fica visível na criação dos Círculos Operários Católicos e da Legião Cearense do Trabalho, esta última liderada pelo Tenente Severino Sombra, um intelectual que também ocupou a função de Chefe Provincial da Ação Integralista Brasileira no Ceará.

A Legião Cearense do Trabalho, tornou-se a expressão do conservadorismo católico levado às camadas populares, através de sua proposta, para o movimento de trabalhadores, buscando afastá-los dos efeitos *maléficos* do sindicalismo filiado aos movimentos socialistas e comunista. A LCT colocou em prática os princípios do corporativismo, ou seja, da cooperação

---

<sup>55</sup> PARENTE. *Josênio*. Op. cit. p. 110.

<sup>56</sup> Severino Sombra. Op. Cit.



entre as classes sociais, visando ao que eles definiam como o engrandecimento da nação. Vários estudiosos afirmam essa pretensão, como Santos e Ponte:

A Legião Cearense do Trabalho, criada em 1931 pelo Tenente Severino Sombra, procura organizar e proteger o operariado para ser um colaborador das classes operárias (sic.)<sup>57</sup>

A LCT tinha como objetivo proteger, educar, valorizar os operários e atender algumas de suas reivindicações mais imediatas, desviando-o de um comportamento político de esquerda".<sup>58</sup>

Pode-se observar que a LCT constituiu-se num espaço privilegiado da práxis católica em terreno, dantes sob olhar dos movimentos de esquerda, sobretudo do Bloco Operário e Camponês - BOC<sup>59</sup>, e teve por objetivo afastá-los de sua influência, colocando-os dentro do espírito verdadeiramente cristão. Essa preocupação é manifesta por Alceu Amoroso Lima em seu prefácio ao Manual do Círculo Operário em que afirma:

É mister, de um lado, mostrar aos católicos em geral, clero e laicato, a importância fundamental do *movimento operário* nos tempos modernos. E de outro, mostrar às classes operárias a importância fundamental do *movimento cristão* não só em todos os séculos, mas particularmente em nosso século, tão ameaçado por agitações aberrantes.<sup>60</sup>

Conclui-se, dessa forma, que a Legião Cearense do Trabalho, os Círculos Operários Católicos, Juventude Operária Católica e a Liga Eleitoral Católica são movimentos pensados dentro dos valores da cristandade para o século XX, marcado pelas *agitações aberrantes* que são, na visão de seus formuladores, o comunismo e o laicismo que estavam a comprometer a harmonia social estabelecida no passado e perdida com o advento da República no Brasil, conseqüentemente, com o liberalismo que expôs as diversas classes sociais ao conflito, visto como forma de degeneração social.

<sup>57</sup> Entendo que a LCT fora organizada para fazer das classes operárias colaboradoras das classe patronais e não da forma com a autora expôs, pois na continuidade do seu texto afirma que a LCT recebia o apoio da Interventoria no Estado do Ceará, das oligarquias e de setores da indústria e do comércio. In. SANTOS, Maria Sângela de Sousa. *A Organização dos Operários Têxteis / CE (1933 a 1938)*. Dissertação de Mestrado. Recife: 2000, p. 32. Mimeo.

<sup>58</sup> PONTE. Sebastião Rogério de Barros. *A Legião Cearense do Trabalho*. In SOUZA, Simone (coord.). *História do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994, p. 371.

<sup>59</sup> O Bloco Operário e Camponês foi fundado no ano de 1927. In. SANTOS, Maria Sângela de Sousa. Op. Cit. p. 33.

<sup>60</sup> AMOROSO LIMA, Alceu. Prefácio. In. *Manual do Círculo Operário*. Petrópolis: Editora Vozes, 1939, p. 6.

No mesmo prefácio, Alceu Amoroso Lima acrescenta que o importante nesses movimentos foi o despertar para a formação de uma *consciência cristã* entre as classes trabalhadoras para vencer a inércia, a indiferença e a incompreensão. Chamando a atenção para os aspectos da inércia e da indiferença, Alceu Amoroso Lima, intelectual orgânico do catolicismo, um dos principais membros do Centro Dom Vital, deixa claro os interesses da ação católica para as classes operárias, combater os ideais socialistas presentes na organização do movimento, no início do século XX, considerando que não fazê-lo constituía-se numa apostasia, o que significava um grande mal à Igreja. O século XX também era visto como o século das massas, em que antes prevaleceram as personalidades, e daquele momento em diante apareceriam as massas como constituintes de uma nova realidade. Era preciso, portanto, cristianizá-las.<sup>61</sup>

Quero com isso mostrar que a Legião Cearense do Trabalho, entidade criada como parte da estratégia da Ação Católica no Ceará, inseriu-se no debate corrente à época, buscando na organização dos trabalhadores colocar em prática os valores da cristandade associados ao debate político que tinha como eixo central a questão da nacionalidade, a natureza da Nação Brasileira, sob a responsabilidade da intelectualidade religiosa ou laica. Sobre esse aspecto Cordeiro Jr. afirma:

Nascido das preocupações com o destino social do País, tem suas hostes compostas basicamente de jovens católicos antiliberais e anticomunistas e militares opositores ao movimento de 1930. Esteve ligado ao projeto de recristianização da sociedade moderna planejado pela Igreja Católica através do apostolado leigo, reunindo em torno de seu projeto algumas concepções políticas e sociais herdadas de matrizes políticas como os fascismos italiano e português.<sup>62</sup>

Vê-se que a LCT se inscreveu no debate de seu tempo, apresentando uma proposta de organização dos trabalhadores que expressava o modelo de sociedade baseado na cooperação entre as classes e na estruturação de um Estado forte e centralizado. Esses pontos entram em concordância com os

<sup>61</sup> AMOROSO LIMA, Alceu. Op. Cit. p. 06-07.

<sup>62</sup> CORDEIRO JR, Raimundo Barroso. Op. Cit. p. 325.



princípios morais da Igreja Católica. Segundo Cordeiro Jr. esse pensamento constituía-se numa espécie de *utopia regressista*, pois adotava como modelo o mundo medieval europeu como uma sociedade ideal para fazer frente às transformações advindas da sociedade industrial, como o individualismo, o laicismo, o liberalismo, o materialismo e comunismo, todos encarados como deformadores dos valores tradicionais do cristianismo.

Dessa forma Jeovah Mota se refere à Legião Cearense do Trabalho definindo suas características e os fatores que proporcionaram o seu surgimento:

(...) a Legião não se apresentava como um programa de luta de classes. O que facilitava a aproximação de muitos grupos operários. Não tinha um programa extremado, socialmente falando. Em segundo lugar ela tinha o apoio implícito da Igreja, pois que o Severino Sombra falava em nome do pensamento católico. E o padre Hélder Câmara com o seu vigor e o seu realismo era para a Igreja um sinal de que a Legião doutrinariamente estava num bom caminho. Também não descarto a influência do Tenentismo, pois que afinal o Severino Sombra era um Tenente aos olhos da comunidade cearense. Os Tenentes tinham uma influência enorme no governo do Capitão Carneiro de Mendonça. E finalmente, para incluir um fator de natureza mais pessoal: nas reuniões que começou a realizar nos núcleos operários, Severino Sombra soube usar uma retórica convincente e foi aliciando, com sua personalidade, núcleos que estavam ávidos de um movimento daquela natureza: e ele vinha e apresentava seu movimento. Era uma coisa que se encaixou na outra.<sup>63</sup>

Observa-se no trecho acima essa tentativa por parte de segmentos ligados à Igreja Católica de intervir num campo de atuação predominante do movimento político e sindical. A criação de movimentos classistas sintonizava-se com as diretrizes da Ação Católica, orientado pela intelectualidade laica, no intuito de evitar que as classes trabalhadores viessem a ficar a mercê da influência indesejável do comunismo. Quando Jeovah Mota afirma que a Legião não tinha um programa de luta de classes e, aliada a essa característica, a anuência da Igreja Católica favorecia a reunião dos operários, percebe-se que havia uma inquietação no interior da sociedade frente aos problemas por ela vivenciados, deixando-a predisposta a ingressar em movimentos que se mostrassem capazes de solucioná-los. Assim, tornava-se imperativo para a

<sup>63</sup> Entrevista Jeovah Mota, realizada por Sebastião Rogério Pontes - NUDOC/UFC, 1983.

intelectualidade católica apresentar-se como alternativa antes que essa massa fosse influenciada pelos comunistas.

Assim a LCT se transformou na base para a fundação do Movimento Integralista no Ceará, pois seus principais líderes, o Tenente Severino Sombra, o Tenente Jeovah Motta e o Padre Hélder Câmara, assumirão, sucessivamente e simultaneamente, as funções das duas entidades. Não obstante constituírem-se em entidades distintas suas atividades políticas apresentavam estratégias semelhantes, como os desfiles em praça pública e os grandes comícios em que o discurso contra o comunismo e o liberalismo eram pontos constantes de suas pautas. Mas foi no ano de 1932, quando a Legião Cearense do Trabalho estava sob a liderança de Jeovah Motta e do Padre Hélder Câmara, uma vez que seu fundador Severino Sombra se encontrava no exílio em Portugal por ter lutado ao lado dos revoltosos da Revolução Constitucionalista de São Paulo contra as forças leais a Getúlio, que ela se filiou à Ação Integralista Brasileira. Segundo Cordeiro Jr. foi aí que se fundiu o discurso de arregimentação de trabalhadores e a farda cáqui com a pregação pequeno-burguesa e a camisa verde do integralismo pliniano.<sup>64</sup>

Jeovah Mota ao fazer referência as duas instituições busca separá-las:

(...) não ligamos umbilicalmente a Legião ao Integralismo. Mas de tal maneira que tudo funcionou como se, havendo a Legião, havia também o Integralismo. Havendo a Legião para os problemas do programa legionário e da luta operária e sindical. Havia o Integralismo; movimento político para aliciar todas as classes e os jovens, etc, etc.<sup>65</sup>

Nota-se que as duas organizações visavam atingir públicos diferenciados e tinham objetivos políticos distintos. Enquanto a LCT propunha-se atingir as classes trabalhadoras a partir do encaminhamento de suas demandas, mas sem que isso representasse um conflito aberto contra a classe patronal, a AIB buscava inserir-se no meio das classes médias urbanas, da intelectualidade religiosa e laica e tinha um caráter político bem mais

<sup>64</sup> CORDEIRO JR, Raimundo Cordeiro. Op. Cit. p. 326.

<sup>65</sup> Entrevista Jeovah Mota, realizada por Sebastião Rogério Pontes - NUDOC/UFC, 1983.



abrangente, pois se colocava na condição de liderar os brasileiros na tarefa de alcançar as pretendidas transformações na organização social e política do Brasil. Quanto ao esforço do depoente em separar as duas organizações, o fato deste haver assumido simultaneamente as suas direções são indícios fortes de que a Legião funcionava como base de arregimentação de novos militantes para as suas fileiras e dar sustentação ao Integralismo. Embora fossem organizações diferentes percebe-se que elas se entrecruzavam.

A referência feita por Cordeiro Jr. - a fusão entre a farda cáqui dos trabalhadores legionários com a camisa verde integralista - mostra um ponto de distinção entre a LCT e AIB quanto à aproximação da primeira com as camadas populares e, a segunda, arregimentando os setores médios da sociedade. No entanto, Montenegro percebe na aproximação entre essas duas entidades algo que conferiu ao integralismo no estado certa peculiaridade, ao trazer para o seu interior elementos da classe trabalhadora, visto que, nos grandes centros urbanos do Sul e Sudeste do Brasil, o Integralismo foi um movimento que teve como suporte a classe média urbana evidenciado no discursos de Plínio Salgado, que visavam, preferencialmente, esses segmentos da sociedade.<sup>66</sup>

## **2- Anos 30: Nacionalismo, Intelectualidade e Revolução**

Retomando o debate sobre o nacionalismo defendido pelos diferentes grupos políticos que propugnavam uma saída para os problemas da sociedade brasileira, foi recorrente entre eles, sobretudo os de matriz conservadora, a defesa de solução doméstica buscada a partir da articulação das forças internas e das qualidades inerentes ao povo brasileiro. Mesmo admitindo que esses grupos voltavam suas sínteses teóricas para a definição do caráter nacional, não nego que a maioria desses projetos inspiraram-se em movimentos e ideologias que erigiram-se em outros centros, principalmente na Europa. Assim, observa-se que os grupos de esquerda capitaneados pela ANL - Aliança Nacional Libertadora -

---

<sup>66</sup> MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *O Integralismo no Ceará: Variações Ideológicas*. Fortaleza: IOCE, 1986, p. 18.

baseavam sua práxis política nos fundamentos do comunismo da III Internacional e os movimentos de direita, em que o Integralismo adquiriu maior expressão tinham nas idéias fascista ou no pensamento social da Igreja sua inspiração, Essas idéias ganharam formas e incorporaram elementos próprios da cultura e experiência histórica brasileiras.

A esse respeito, não se pode esquecer que, para formular doutrinas capazes de estabelecer os elementos formadores do caráter brasileiro, cumpre papel fundamental a arregimentação de intelectuais capazes de dar continuidade a tais pretensões. Nesse sentido, não é exagerado afirmar que a efervescência política envolveu a intelectualidade da época, visto que essa não ficou isenta desse debate. Quanto ao seu papel, é de fundamental importância perceber que na década de 20, principalmente, a partir da Semana de Arte Moderna, a intelectualidade passa a nutrir o sentimento de demiurgos da sociedade brasileira, preparando, assim, as bases para sua intervenção nos acontecimentos ocorridos no ano de 1930 e nos anos que se seguem. Nesse período, há uma redefinição na história da cultura brasileira, como atestam Mariza Veloso e Angélica Madeira. Elas afirmam que essa redefinição foi responsável pelo modernismo, pelos acontecimentos de 30 e fez surgir uma vanguarda intelectual que vai revolucionar as idéias acerca do seu papel e da sua atuação na sociedade. Eles sentiam a necessidade de organizar a cultura, sentiam-se responsáveis em organizar a sociedade, a partir da idéia de missão, de falar em nome do povo. Os intelectuais se auto atribuíam o papel de demiurgos, de heróis civilizadores da nação.<sup>67</sup>

Nesse sentido as autoras afirmam:

Esses intelectuais sentem a necessidade de agir concretamente, no sentido de organizar a cultura, pois eles se sentem responsáveis por essa organização. No Brasil isso se torna característico: os intelectuais assumem a postura de falar em nome do povo. O povo sempre, e até esse momento, é considerado um infante, ou seja, aquele que não fala, por isso é preciso que alguém o apresente. Daí a idéia de missão, de organização da sociedade e de nação que os modernistas vão compartilhar, lançando-se em trabalhos concretos, como a criação de um conjunto enorme de instituições culturais.<sup>68</sup>

<sup>67</sup> VELIOSO, Mariza e MADEIRA, Angélica. Op. Cit. p. 138.

<sup>68</sup> VELIOSO, Mariza e MADEIRA, Angélica. Op. Cit. p. 138.



Observa-se que os intelectuais passaram a nutrir um certo sentimento de culpa, por serem letrados em um país de analfabetos, devendo estar à frente desses na condução dos destinos da nação. Decorre daí, também, o fato de sentirem-se imbuídos de construir uma cultura nacional autêntica que expressasse os valores da sociedade brasileira. Vê-se, dessa forma, que as autoras são enfáticas, quanto ao nacionalismo, ao modernismo e ao papel do intelectual, na construção dos discursos correntes no período.

Esse momento vivido pela intelectualidade expressa mudanças no pensamento social brasileiro que começa a substituir os conceitos de raça pelos de civilização e de cultura, nascendo, portanto, a idéia de civilização brasileira. Pensar o Brasil, enquanto civilização era uma necessidade sem precedente para inseri-lo no contexto das nações civilizadas. Mais uma vez antevê-se o modelo padronizado de civilidade desenvolvido na Europa. A idéia de civilização é indissociável da de modernidade, pois essa significa atualizar-se frente às transformações universais das quais o Brasil ainda se encontrava fora e que, para se inserir nelas, era preciso descobrir nossas verdadeiras características, significando que para encontrá-las só era possível interpretando o passado.

Nesse contexto, verifica-se que o acirramento das posições políticas e o debate em torno dos destinos do Brasil influíram na conformação e no relativo sucesso de movimentos como o Integralismo. Observando melhor suas características (ver próximo tópico) nota-se que o Movimento Integralista pauta-se pela organização de uma classe de intelectuais capazes de capturar os sentimentos próprios da brasilidade, recorrendo ao passado para entender melhor o presente e para preparar o futuro. Esse, sem dúvida, se constitui em um dos primados da Ação Integralista. Ao fixar seu slogan *Deus, Pátria e Família*, recorria aos valores que estavam na gênese de nossa formação, enquanto uma nação Católica, por origem e com base nesse slogan, fixava sua práxis com vistas ao Estado Integral.

Sobre a fixação de características que identifiquem o caráter nacional, Marilena Chauí,<sup>69</sup> ao definir a noção de o *mito fundador*, o faz, afirmando que esse reforça a idéia de um passado que nunca cessa e impõe um vínculo interno

---

<sup>69</sup> CHAUI, Marilena. *Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000, p. 9-10(História do Povo Brasileiro).

com esse mesmo passado, como origem, denotando, dessa maneira, uma idéia de continuidade que está na base do modernismo, criando a sensação de que o presente é uma continuação lógica das tramas sociais de outrora, sacralizando, dessa forma, determinados mitos e verdades que, na visão da autora, criam um bloqueio da realidade e que impede lidar com ela. Para a autora, nessa tradição historiográfica, as narrativas históricas são soluções imaginárias das tensões e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos em nível da realidade. Nesse sentido, os discursos correntes, no período, enfatizavam que era preciso buscar no passado as raízes da brasilidade, para melhor compreender o presente, as transformações sociais da época, e preparar o caminho para o futuro, com a intervenção da intelectualidade.

Visto por esse prisma conclui-se que o Movimento Integralista, em sua práxis política, buscava essa continuidade com o passado harmonioso construído sobre os pilares da fé, do lar e dos destinos da pátria, materializado na idéia de uma Nação forte, rumando em direção à civilidade. Marilena Chauí indica que o discurso integralista assegura a seu destinatário a idéia de que ele era a *marcha natural da história*, pois se baseava na noção de uma revolução integral do espírito e da civilização<sup>70</sup>.

Assim, observa-se que não somente os Integralistas, mas também os diferentes grupos - já referidos - que disputavam as atenções da população no início da década de 30, preconizavam soluções para a sociedade brasileira em sintonia com a onda nacionalista/modernista. Dentre eles, dois se destacaram: os Integralistas e os Comunistas. Não obstante diferenças de pressupostos que possam ter levado à variações e nuances nas diversas realidades mais localizadas, incorporaram o discurso nacionalista corrente e, sobretudo, tomaram um ao outro como a negação daquilo que desejavam construir. Nesse sentido, Eliana Dutra<sup>71</sup> expõe que esses dois movimentos, o Comunista e o Integralista, apresentavam características semelhantes às quais a autora chama de *disposições totalitárias*, pois, em ambos os casos, estão sempre dispostos a partir

<sup>70</sup> CHAUI, Marilena. Apontamentos para uma crítica da ação Integralista Brasileira. In. CHAUI, Marilena e FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra/Centro de Estudos da Cultura Contemporânea, 1978, p. 45-46.

<sup>71</sup> DUTRA, Eliana. *O Ardil Totalitário: Imaginário Político no Brasil dos 30*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1997.



da negação do seu opositor, visto que para fazer valer suas proposições e práticas políticas implicam no aniquilamento do inimigo indesejável<sup>72</sup>. Para tanto, Dutra concentra sua análise na idéia de que o conceito de *revolução* torna-se o ponto chave sobre o qual giram as propostas e as ações políticas dos contendores.

A disposição totalitária de que trata Dutra, de forma geral, e em particular o Integralismo, nasce do próprio jogo entre as diferentes forças - o Estado, a Igreja, entidades de classes, intelectuais, militares - que atuaram para a criação do Estado Novo, mostrando que as estratégias e os discursos que os envolve, são reveladores dessa disposição, haja vista sustentarem a imagem de uma *sociedade una, indivisiva e homogênea*,<sup>73</sup> mostrando a dimensão imaginária da vida política. Com isso pode-se observar que, no Brasil dos anos 30, houve um movimento em direção à fascistização da sociedade que se materializou na construção de projetos políticos e ideológicos calcados nesses pressupostos totalitários, que vão tomando maiores proporções, a partir de novembro de 1935, quando a insurreição comunista foi sufocada. É interessante observar que o iminente *perigo do comunismo* mantinha-se vivo, continuando a ser alvo das ações e dos discursos políticos, tanto dos integralistas como do trabalhismo varguista nos anos que se seguem.

Quanto a idéia de revolução, Dutra defende que a fisionomia política do século XX baseou-se nessa idéia, pois desde o início da época moderna a *revolução* ocupou um lugar privilegiado, visto que para os grupos políticos de esquerda todas as mudanças passam fundamentalmente por ela, enquanto que, para os grupos de direita, a revolução representa aquele aspecto mais temido, a possibilidade de ruptura. Compreende-se, portanto, que o estudo dos embates políticos e sociais concentrados principalmente entre os anos de 1935 e 1937, no qual se inscreve a Ação Integralista Brasileira, passaram necessariamente por esse campo de mobilização contra o comunismo e os efeitos devastadores que

---

<sup>72</sup> Embora destaque esse conceito de *disposição totalitária*, de Dutra, não cabe no escopo desse trabalho a discussão sobre o chamado *totalitarismo comunista*, uma vez que este não é o objeto de minha pesquisa. As referências ao mesmo tem o intuito de melhor capturar a ambiência em que o Integralismo se insere e por considerar sua vertente totalitária já estabelecida pelos estudos na área das Ciências Humanas.

<sup>73</sup> DUTRA, Eliana. Op. Cit. p. 15-16.

uma revolução poderia proporcionar, pois essa última era o fim desejado dos comunistas. Sobre essas construções imaginárias Eliana Dutra, afirma:

O embate ideológico entre grupos sociais antagonistas é responsável, nesses anos, pela intensificação de produção de imaginários sociais concorrentes, onde, em torno da idéia de revolução, proliferam representações - umas, legitimando relações de forças; outras, postulando uma nova legitimidade no campo político. Toda essa produção imaginária, que tem a revolução como centro de sua representação política, será o objeto e o lugar dos conflitos sociais que marcam o país nesses anos.<sup>74</sup>

Observa-se que a temática da revolução ocupou lugar de destaque nas doutrinas e práticas dos movimentos políticos do período e que em torno dela esses grupos se movimentaram. Aliado a essa temática, o totalitarismo se manifesta entre os grupos conservadores articulando-se em torno de estratégias que tinham por objetivo a preservação da ordem e o saneamento moral da sociedade, afastando, assim, a idéia de revolução que viesse de forma violenta. Quanto à preservação da ordem e ao saneamento moral da sociedade, temas recorrentes ao Integralismo e aos diversos grupos de matriz conservadora, se articulam numa tentativa de penetrar no imaginário político da população, partindo da idéia de que as experiências sociais e políticas, anteriores a outubro de 1930, levaram o país à degenerescência política justificando sua intervenção. Decorre daí, portanto, o fato de a temática da revolução, conforme definiu Dutra, ocupar um espaço privilegiado na práxis política desses grupos. Nesse sentido, os Comunistas, enquanto defensores ardorosos da revolução e organizados em torno da ANL - Aliança Nacional Libertadora - tornaram-se o alvo e o inimigo privilegiado dos grupos que se alinhavam à direita e defendiam a preservação da ordem social.

Dessa forma, com a definição do *inimigo*, estabelecido a partir da dicotomia Bem versus Mal que é transportada para a esfera política, esses grupos articulavam-se em torno de estratégias que visavam legitimar suas ações. Em 1935, com a *Intentona Comunista*<sup>75</sup>, articulada pela ANL, o Governo

<sup>74</sup> DUTRA, Eliana. Op. Cit. p. 33.

<sup>75</sup> Movimento liderado pelos comunistas no intuito de desestabilizar o Governo Vargas. Ver COSTA, Homero. *A Insurreição Comunista de 1935. Natal - O primeiro ato da tragédia*. São Paulo: Ensaio; Rio Grande do Norte: Cooperativa Cultural Universitária do Rio Grande do Norte, 1995.



Federal adotou um conjunto de estratégias de cunho anticomunistas, que visavam deslegitimar as ações daquele movimento, usando para isso, os meios de comunicação no intuito de formar uma opinião negativa sobre o comunismo: o *fantasma* do comunismo ameaçava a ordem e a tranqüilidade estabelecidas.

Outro aspecto importante é que a imagem construída sobre esse *inimigo* tornou-se essencial; estimulando junto ao povo uma noção de unidade capaz de apoiar o governo na tarefa de combater o inimigo. Em seus discursos, o governo enfatizava que o comunismo representava um ameaça para os interesses da Nação, convocando-a para ajudá-lo no combate e uma das estratégias mais eficiente foi a de associar o comunismo a um inimigo externo - o comunismo russo - estimulando na população um verdadeiro estado de guerra contra o *perigo vermelho*.

Nessa linha de raciocínio, o inimigo passa a ser visto como o mal, encarado como doença, devendo ser diagnosticado para depois ser combatido. Foi *pensando no comunismo como doença que Vargas se referiu às reservas de energia sã como a nação teria reagido às insurreições de 1935*.<sup>76</sup> Vê-se que essa metáfora do corpo acompanhou essas estratégias discursivas, comparando a Nação ao corpo, indiviso, funcionando harmoniosamente para sustentar sua cabeça, lugar privilegiado que comanda as demais partes desse corpo. Portanto, era preciso sanar as doenças que apareciam em uma de suas partes para que não comprometesse seu pleno desenvolvimento. Resulta dessa idéia a noção de cooperação entre os diversos segmentos da sociedade, desqualificando qualquer interpretação do social que afirmasse a existência de classes antagônicas, princípios esses que se coadunam com as formulações dos grupos ligados ao comunismo.

Nesse debate sobre as classes sociais, é interessante a leitura feita para o período por Marilena Chauí.<sup>77</sup> Seu trabalho enfatiza que a maioria dos seus interpretes, liberais e marxistas - principalmente os que se localizaram entre os anos de 1920/1938 - partem da idéia de que, nesse período, as classes sociais ainda não estavam bem definidas, pois não havia uma burguesia nacional plenamente desenvolvida para se apresentar enquanto classe dirigente e a

<sup>76</sup> DUTRA, Eliana. Op. Cit. p. 42.

<sup>77</sup> CHUÍ, Marilena e FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. Op. Cit. p. 19-22.

classe média urbana era de difícil definição, oscilando entre a burguesia e o operariado. Este, por sua vez, apresentava desvios em sua formação por serem oriundos dos camponeses, pensados como não tendo consciência de seu lugar de definição das classes, e dos imigrantes, de tradição anarquista, ou por conduzirem suas lutas sob orientação política com base na III Internacional. Dessa forma, as classes não eram capazes de produzir uma ideologia própria.

Para a autora, o que há de problemático nessas interpretações é que partem do pressuposto de que o desenvolvimento do capitalismo no Brasil fora tardio e, por isso, o Estado assumiu as funções que seriam essencialmente das classes investidoras, do ponto de vista econômico e, do ponto de vista político, o Estado se investiu no papel de sujeito histórico, alegando a incapacidade das classes sociais em formação de exercer esse papel, haja vista não haver uma nítida luta de classe, pelo menos, nos termos definidos teoricamente, no interior da sociedade civil. Dessa forma, no plano descritivo e interpretativo, de acordo com Chauí, a visão do Estado Vargasista e dos intérpretes do período se assemelham à visão integralista, com uma sensível diferença: esses vêem no autoritarismo aquilo que *deveria ser* as soluções para os principais problemas da sociedade brasileira, pois esses problemas não haviam sido superados com os acontecimentos de 30, enquanto os varguistas, de forma oposta, vêem no autoritarismo aquilo *que teve de ser* a solução encontrada pela classe dominante incapaz de exercer a hegemonia.<sup>78</sup>

Com base nas afirmações de Chauí, o que difere a interpretação dos Integralistas das suas concorrentes, mesmo havendo coincidências entre elas no que se refere ao autoritarismo como solução para os problemas da sociedade, é que para os integralistas essa solução não havia sido ainda posta em prática, cabendo a eles a consecução dessa tarefa, daí resultando a idéia do que *deveria ser*. Contrariamente, os liberais e marxistas, partem da idéia de que essa foi a solução encontrada na edificação do regime posterior aos acontecimentos de 30, denotando a idéia do *que teve de ser*.

Interessa observar, portanto, que a produção intelectual que busca dar conta das vicissitudes do período, assim como a produção dos discursos do poder instituído com a revolução de 30, caminham na direção de negar a

---

<sup>78</sup> CHUÍ, Marilena e FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. Op. Cit. p. 21-23.



existência da luta de classes, quer pela formulação que aponta a incapacidade das classes dirigentes de exercerem a hegemonia, por não estarem devidamente formadas, quer pela idéia de que a Nação funcionava como um corpo. Quanto a essa última idéia, observava-se a tentativa de identificar a luta de classes como uma doença que afeta o corpo são. Uma vez comparada a uma doença, essa pode ser perfeitamente diagnosticada e, portanto, torna-se passível da adoção de uma prescrição dos remédios necessários ao seu saneamento.

Dessa forma, a idéia da Nação vista como um corpo coloca um manto nas lutas cotidianas travadas no interior da sociedade do trabalho. Nesse sentido, Alcir Lenharo<sup>79</sup> parte de uma idéia muito próxima da de Marilena Chauí, quando afirma que o Estado Trabalhista investiu em sua auto-imagem, enquanto agente capaz de intervir para cumprir as tarefas de uma sociedade incapaz de efetivá-las e de estancar as tensões das lutas de classes, estas ainda entendidas como não estando perfeitamente formadas. Para o autor, o campo privilegiado adotado pelo Estado para atingir aquilo que perseguia, obstinadamente, era o mundo do trabalho e o movimento operário. Para Lenharo, enquanto os integralistas investiam prioritariamente nas camadas médias urbanas, as estratégias políticas do Trabalhismo Varguista voltavam-se para as classes trabalhadoras, através da intervenção no sistema de sindicalização e criação das leis trabalhistas, relegando ao segundo plano e ao esquecimento toda uma experiência e dinâmica do cotidiano do movimento operário capaz de estruturar uma interpretação das suas condições e dos seus anseios. Dessa forma o Estado procurou penetrar no universo cultural dos operários buscando capturá-lo para si.

Segundo Lenharo, essa intervenção na vida e na cultura dos operários dirigida pelo Governo Vargas muito influiu para a descaracterização dos indivíduos enquanto tais e colocava a necessidade de serem recuperados na perspectiva de uma identidade submetida à organicidade da Nação, através de uma suposta harmonia social já alcançada. Nessa perspectiva a Nação e o Estado apareciam identificados entre si, constituindo, assim, a base de um

---

<sup>79</sup> LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. 2ª Edição. Capinas: Papyrus, 1986.

pensamento totalitário que investiu na figura do Estado, enquanto o criador da Nação e de todos os seus componentes e simbolizaria o lugar no qual a Nação, enquanto projeto, realizar-se-ia.

Para Lenharo:

O poder apresenta pois a nação como sua obra acabada, a dimensão orgânica de uma sociedade que superada suas disparidades(...) classes, grupos, indivíduos encontraram o seu lugar na história que rege o corpo pronto da nação.<sup>80</sup>

Observa-se nessa citação que a comunhão Estado/Nação se materializava, através das organizações corporativas, sua espinha dorsal, que foram criadas para ser, por assim dizer, a expressão da vontade nacional, a força representativa da Nação.

O País/Nação, enquanto representação política, colocava-se acima das disputas políticas, dos partidos e dos interesses individuais, pois esta aparecia como algo já dado, um corpo que já existia para além da vontade das pessoas, com vida e dinâmica próprias. Considerada a Nação como um corpo, foi muito recorrente nessas representações o uso da *metáfora médica*, em que esse corpo podia estar acometido de certas doenças que afetavam o seu pleno desenvolvimento, isto é, a sua saúde. Assim, alguns sintomas eram passíveis de ser diagnosticados enquanto males comprovados, comprometendo o todo harmônico da Nação. Os sintomas mais freqüentes nessas representações eram o comunismo, a luta de classe e o liberalismo, que levaram a Nação a viver de querelas partidárias e dos interesses individuais. O liberalismo era encarado como responsável por inúmeros males vividos pela sociedade, inclusive por ser responsável pelo acirramento das lutas entre as classe e o aparecimento do comunismo, uma vez que não foi capaz de dirigir os verdadeiros destinos da Nação.

A imagem da nação como um corpo composto como metáfora médica muito contribuiu para a fixação de uma representação dualista da realidade colocando os acontecimentos sob o julgamento de valores no tocante ao que seria o bem, sadio para a sociedade, em contraposição àquilo que seria a

---

<sup>80</sup> LENHARO, Alcir. Op. Cit. p. 35.



manifestação do mal, não hesitando em dizer, conforme já foi mencionado anteriormente, que esta manifestação do mal estaria posta na figura do outro, daquele inimigo que já fora detectado, restando, porém, envidar esforços para combatê-lo.<sup>81</sup> Não é difícil de concluir que, tanto os integralistas como o poder do Estado já haviam escolhido seu inimigo predileto, os comunistas, que traziam consigo o fantasma da revolução e o medo da ruptura da ordem social estabelecida.

De uma outra forma, o autor também remete à problemática já mencionada anteriormente sobre a revolução como eixo central sobre o qual giraram as diferentes formas de ação política, os diferentes projetos para saneamento da sociedade brasileira que oscilavam entre as rupturas desejadas de um lado e, temidas, do outro. Assim, a revolução era a temática norteadora dos diferentes grupos que almejavam o poder e para esse fim construíram estratégias políticas capazes de dialogar com o grande público que, em sua visão, esteve por longas datas afastado do debate sobre os destinos do país.

A sensação passada para a maioria da população era que essas tantas outras *mazelas* foram, de certa forma, do ponto de vista do imaginário político, amenizadas com o advento da chamada Revolução de 30. Levo em consideração que não houve uma ruptura profunda da ordem instituída, mas o discurso do *exercício do poder*, como lembra Edgar De Decca,<sup>82</sup> ao produzir uma periodização em que a Revolução de 30 aparecia como divisor de águas na História do Brasil, forjando a construção de uma memória coletiva que influenciou tanto a produção historiográfica ao definir como a história deveria ser lida, como as lideranças dos movimentos sociais, numa relação de imbricação entre ambos.

---

<sup>81</sup> Lenharo afirma que o corpo está na ordem do dia e sobre ele voltam-se a tenção dos mais diversos campos do conhecimento e das ciências, como a medicina, a educação... Eles partem da idéia de que para repensar a sociedade e transformá-la passa pelo trato do corpo par alcançar a integridade do ser humano, buscando o equilíbrio entre o físico e o espírito. Acredito que a recorrência a esse conceito não seja de todo deslocado do que o material sugere, quando nas entrevistas aparecem a oposição entre o Comunismo era o mal e o Integralismo era o bem. O mal pose ser visto como doença, o mal que tem cura, seu antídoto era o integralismo.

<sup>82</sup> DE DECCA, Edgar. Op. Cit. p. 72.

É nesse contexto que foi gestado um dos movimentos que teve grande repercussão no seio da sociedade brasileira: a Ação Integralista Brasileira, vindo a se constituir, em seus últimos anos de existência legal, no maior partido de massa do Brasil.

### 3- A Ação Integralista Brasileira (AIB)

A Ação Integralista Brasileira - AIB vem sendo estudada por vários pensadores<sup>83</sup> o que tem resultado num conjunto variado de interpretações. Dentre esses, alguns estudos como os de Héglio Trindade, Gilberto Calil Grassi e Rosa Maria Feiteiro Cavalari chamam a atenção pelo seu caráter inovador, ao romper com leituras desqualificadoras que reservaram a esse movimento uma interpretação genérica de *fascismo caboclo*.<sup>84</sup> Essas interpretações implicaram em conclusões reducionista sobre o movimento integralista ao tratarem desse como mero reflexo dos movimentos fascizantes ocorridos na Europa, especialmente do fascismo italiano, do nazismo alemão e do salazarismo português, numa espécie de mimetismo político<sup>85</sup>. A esse respeito Gilberto Calil ratifica essa crítica ao afirmar que o estudo de movimentos políticos de direita como o Integralismo, muitas vezes, resume-se à *crítica sumária de sua*

<sup>83</sup> Dentre eles podem ser lembrados: Héglio Trindade, Gilberto Vasconcellos, João Alfredo Sousa Montenegro, José Chasin, José Parente, Marilena Chauí, Rosa Maria Feiteiro Cavalari.

<sup>84</sup> Héglio Trindade na apresentação da obra de Rosa Maria Cavalari, chama a atenção para uma certa desqualificação, do ponto de vista historiográfico, para com o movimento integralista, este que foi o primeiro partido de massas no Brasil, ao ser interpretado como mero *fascismo caboclo*. CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massas no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 1999 (Coleção História), p. 9.

<sup>85</sup> Quanto ao mimetismo, este é um termo caro aos observadores do movimento integralista. Héglio Trindade busca identificar o Integralismo dentro das condições históricas dos anos 30, no Brasil afastando a hipótese de um simples mimetismo aos movimentos fascistas da Europa. TRINDADE, Héglio. *Integralismo: O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. 2ª Edição revista e ampliada, São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1979. Já Gilberto Vasconcelos o vê, enquanto um discurso fascista inserido numa sociedade capitalista periférica. VASCONCELLOS, Gilberto. *Ideologia Curupira: Análise do Discurso Integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979. Ou ainda, como afirma Chasin, que ao negar o seu mimetismo em relação ao fascismo europeu propõe que o Integralismo é um movimento reacionário e utópico, uma forma de regressão do capitalismo. CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado: Forma de Regressividade no Capitalismo Híper-Tardio*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.



*ideologia*<sup>86</sup>, e acrescenta que um movimento que mobilizou expressivos contingentes populares não pode ser reduzido a mera *mistificação*.<sup>87</sup>

Para esses autores, tais leituras acabaram por não revelar os níveis das experiências proporcionadas aos seus militantes, dirigentes e simpatizantes que, durante a trajetória do movimento, aspiraram e conviveram com ideais de organização de uma sociedade calcada nos valores da cooperação e da colaboração entre indivíduos e classes, diferentes daqueles praticados durante o liberalismo da Primeira República que, na visão dessas pessoas, deixavam-nos à mercê das disputas políticas e partidárias em curso no período.

O nível de desmobilização das massas, bem como sua desmotivação com os assuntos que diziam respeito aos rumos da nação eram evidentes durante a primeira fase do período republicano, devido aos efeitos produzidos por um modelo político oligárquico por si só excludente. Dessa forma, os movimentos políticos correntes a partir dos acontecimentos de outubro de 1930, quer fossem de direita ou de esquerda, despertaram o anseio de maior participação e decisão nas questões referentes ao futuro do país, embora muito desses anseios tenham sido frustrados pela ação de um Estado montado em princípios totalitários, cercado de ampla propaganda nos meios de comunicação disponíveis na época.

Não obstante tais constatações, não se pode desprezar a força dos movimentos políticos e sociais que foram criados durante os primeiros anos da década de 30. Nessa esteira foi criada a Ação Integralista Brasileira - AIB - movimento político de inspiração fascista com forte ligação com os movimentos conservadores e o pensamento autoritário brasileiro em decurso. Para compreender a importância desse movimento e o nível de mobilização que atingiu, congregando grande número de pessoas de todas as classes, é necessário evidenciar a sua estrutura, seu ideário e as estratégias mobilizadoras, pensadas em torno de grandes temas.

---

<sup>86</sup> Qualificar o integralismo como um movimento de direita torna-se uma tarefa relativamente fácil para os dias atuais, depois de longos anos decorridos e de toda propaganda anti-integralista e de execração que se procedeu após a Intentona Integralista de 1938 e da II Guerra Mundial.

<sup>87</sup> CALIL, Gilberto Grassi. *O Integralismo no Pós-Guerra. A Formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001 (Coleção História: 39), p.16.

A Ação Integralista Brasileira foi fundada oficialmente no dia 07 de outubro de 1932, sob a Chefia de Plínio Salgado, através da leitura de um manifesto no Teatro Municipal de São Paulo, que ficou conhecido posteriormente como *Manifesto de Outubro*.<sup>88</sup> Em maio do mesmo ano já tinha sido fundada a Sociedade de Estudos Políticos - SEP - da qual se originaria a Ação Integralista Brasileira. Contudo, o lançamento do Manifesto Integralista foi adiado por Plínio Salgado devido aos conflitos da Revolta Constitucionalista que ocorria em São Paulo no referido ano. Segundo Plínio Salgado, a SEP se destinava a *criar uma nova mentalidade no País e a coordenar os estudos da nova idéia*.<sup>89</sup> A SEP foi criada quase que, simultaneamente, no mês de março de 1932, em outros estados do País, inclusive no Ceará, em Fortaleza, antecedendo em alguns dias a fundação dos núcleos da referida sociedade, em São Paulo - SP. De acordo com Montenegro, logo após, foram criadas a SEP de Pernambuco, Minas Gerais, Rio de Janeiro e tinha como propósito:

(...) estimular a formação de uma segura e forte consciência das realidades, necessidades e aspirações nacionais, para isso divulgando trabalho de grandes pensadores e sociólogos brasileiros, que realizaram obra de inquérito, de crítica e de filosofia social e política.<sup>90</sup>

Pode-se observar que o ideário integralista, formulado inicialmente pela SEP e, posteriormente, divulgado de forma ampla pelos seus estatutos, livros, periódicos e panfletos, sustentava a necessária reorganização da sociedade brasileira com base numa revolução que se mostrasse, a partir das transformações do espírito, capaz de combater o que se compreendia como elementos desestruturadores da ordem social: o materialismo e laicismo. Daí o constante apelo, como se pode observar nas citações acima, à construção de uma nova mentalidade, de uma nova idéia, com base na formação do que eles chamaram de uma forte consciência da realidade nacional, recorrendo, assim, aos pensadores brasileiro que fossem capazes de interpretar essa nova mentalidade. São os casos de pensadores como Alberto Torres, Oliveira Viana e Euclides da Cunha que segundo Montenegro *ofereciam argumentos*

<sup>88</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. Cit. p.13.

<sup>89</sup> Monitor Integralista. Apud. CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. Cit. p.13.

<sup>90</sup> O NORDESTE, Apud MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. Op. Cit. p.17.



*pretendidamente apoiadores de uma nova ordem política e sociológica, vislumbrada num contexto de crise e de aspirações de mudanças.*<sup>91</sup>

O processo de fundação da Ação Integralista Brasileira, como uma seção da SEP, inicia-se, quando Plínio Salgado, em São Paulo, se articula com Olbiano de Mello, de Minas Gerais, com João Alves dos Santos da, Bahia, e o Tenente Severino Sombra, do Ceará - esse já estava à frente da Legião Cearense do Trabalho -, com Petrônio Rodrigues Chaves, do Rio de Janeiro e, com Laes Sobrinho, do Rio Grande do Sul.<sup>92</sup> Pode-se constatar que Salgado tinha aliados em diferentes estados da federação, o que, de antemão, pode-se supor que havia a pretensão de tornar o movimento uma organização nacional. O objetivo maior de seu chefe era atingir os estudantes e intelectuais, uma vez que se tratava de uma *revolução do espírito* e da formação de uma *nova mentalidade*.

A necessidade de manter atividades no sentido de atingir a desejada revolução do espírito está expressa em seus estatutos, no Artigo 4º, que define a AIB como um Centro de Estudos e de Educação Moral, Cívica e Física. Percebe-se, assim, a constante preocupação de definir o Movimento Integralista como um movimento cultural, muito mais do que como um movimento de cunho político, buscando credenciá-lo frente a seus possíveis interlocutores: a juventude e a intelectualidade. Dentro desses objetivos, a AIB mantinha atividades como cursos, conferências que junto com o que editava visavam divulgar os princípios filosóficos, doutrinas econômicas, sociais e políticas. Nessa mesma direção, mas com o olhar voltado para a grande massa da população, a AIB mantinha cursos populares de educação e de moral e cívica, visando esclarecer os espíritos e fortalecer os sentimentos sobre Deus, Pátria e Família. Mantinha também cursos de educação física que incluíam atletismo e ginástica<sup>93</sup>, que visavam manter a mente e o corpo incólumes aos vícios e às degenerações físicas e morais, visto que almejavam construir uma nação baseado no corporativismo, isto é, na colaboração de todos os membros, em função de um corpo perfeito, a Nação.

<sup>91</sup> MONTENEGRO, João Alfredo Sousa. Op. Cit. p.17.

<sup>92</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. Cit. p. 14.

<sup>93</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. Cit. p. 17

Os seus estatutos foram aprovados no I Congresso da Ação Integralista Brasileira realizado em Vitória - ES, no início do ano de 1934, entre os meses de fevereiro e março, e definiam a AIB como uma associação nacional com sede civil em São Paulo e sede política onde se encontrasse o Chefe Nacional, assim como foram definidos os setores de atividades. Dessa forma, a AIB seria um centro de estudos de cultura e sociologia e deveria desenvolver grande propaganda para elevação do espírito, da moral e do civismo, bem como deveria implantar no Brasil o Estado Integral. Contudo, no ano de 1935, no II Congresso realizado em Petrópolis - RJ, seus estatutos foram alterados, acrescentando, em linhas gerais, as resoluções que se referiam à atividade política, admitindo-se que a AIB funcionaria como partido político, de acordo com o registro feito junto ao Superior Tribunal Eleitoral. Permaneciam, porém, as funções de centro de estudo de educação moral, cívica e física.<sup>94</sup>

Contudo, o que se desejava mostrar é que o Integralismo se pretendia um movimento cultural, pois a revolução que deveria ser feita era a revolução interior, a revolução do espírito, mas não se pode deixar de observar que a AIB constituir-se-á também em partido político, a exemplo dos demais, com o intuito de concorrer às eleições presidenciais que deveriam substituir Getúlio Vargas na Presidência da República. Não obstante o Movimento Integralista haver se tornado um partido político, Plínio Salgado estruturou seu pensamento, criticando os partidos políticos, acusando-os de visarem apenas à conquista do poder o que, no seu entendimento, levava o País à fragmentação de suas forças, visto que cada partido representava seus interesses mais imediatos, via de regra materialistas: *Os partidos políticos nascem segundo as ambições deste ou daquele político, deste ou daquele agrupamento.*<sup>95</sup> Para Salgado, o que diferenciava o Integralismo dos demais partidos é que a AIB se colocava de modo diferente, pois sua ação seria mais duradoura e se apresentava como representante de uma nova era.<sup>96</sup>

---

<sup>94</sup> Seu registro como partido político, junto ao Superior Tribunal Eleitoral, foi obtido em setembro de 1937, e através de um plebiscito interno, Plínio Salgado foi escolhido candidato à Presidência da República. CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. Cit. p.16 e 18.

<sup>95</sup> SALGADO, Plínio. In. Súmula do Integralismo.

<sup>96</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. Cit. p. 41.



Plínio Salgado num artigo publicado em "A Ofensiva" e intitulado Sentido e Rítimo da Nossa Revolução afirma:

Essa revolução interior, a revolução espiritual. Nós sabemos que ela se processará devagar, porque estamos encharcados dos vícios de uma educação materialista, de uma educação farisaica(...) Sei que essa Revolução Espiritual durará muito tempo e o seu triunfo completo só se dará nas futuras gerações. É por isso que, paralela a essa transformação do espírito nacional, estamos acionando a Revolução Cultural.<sup>97</sup>

Observa-se na fala de Plínio Salgado um esforço de mostra que o Integralismo se diferenciava dos demais partidos porque pretendia uma transformação da sociedade brasileira a longo prazo, ao contrário daqueles que visavam, num primeiro plano a satisfação imediata de seus interesses. Tal revolução seria fruto da elevação do espírito nacional e, para tanto, deveria haver uma transformação cultural.

Pode-se aferir que o Movimento Integralista, na acepção de Plínio Salgado, colocar-se-ia como portador desses novos valores culturais que almejavam para a sociedade brasileira. Partiam, portanto, da noção de que o povo brasileiro, de uma maneira geral, era desprovido de cultura<sup>98</sup> e, assim, fazia-se necessário a transmissão de certos conhecimentos àqueles que não os possuíam. Para os integralistas era exatamente essa ausência de cultura que fazia com que a maioria dos partidos não tivessem um programa político bem definido e ficassem à mercê dos casuísmos momentâneos e dos interesses mesquinhos de cada partido. Para Plínio Salgado, era de fundamental importância romper com o atraso cultural em que o Brasil se encontrava, para alcançar a tão pretendida *revolução do espírito*.

Pensando-se dessa forma, não seria absurdo afirmar que na visão dos integralistas, sobretudo na do seu chefe nacional, caberia aos intelectuais a tarefa redentora de *corrigir a rota do processo histórico e tornar a nação capaz*

<sup>97</sup> SALGADO, Plínio. In. "A Ofensiva". 24/01/1935, Ano II, n. 37.

<sup>98</sup> A noção de cultura dos integralistas era aquela que se associava a educação formal, o acesso à instrução e às letras.

de pensar.<sup>99</sup> Para Jaime Ginzburg essa constatação parte da noção de Plínio Salgado sobre o nosso passado nacional, para quem *já* fomos uma nação pensante<sup>100</sup> e, dessa forma, anulava tudo que se produziu até aquela época para, assim, ampliar a responsabilidade da intelectualidade daquele momento, como o único estrato social capaz de sanar tamanha debilidade histórica.<sup>101</sup> Para Salgado, a produção cultural mostrar-se-ia eficaz quando fosse capaz de proporcionar a unificação nacional, negando as diferenças regionais. Só assim seria possível estabelecer uma síntese do homem brasileiro.<sup>102</sup>

Todo o projeto político integralista visava antes de qualquer coisa à unificação e padronização, pois não concebia quaisquer que fossem as diferenças, quer fossem políticas ou regionais, uma vez que era preciso construir uma nação forte e solidária, caminhando rumo à construção de uma nova mentalidade. É claro que os integralistas não negavam o progresso econômico e da produção que se apresentava pulsante, após os acontecimentos de 1930, mas esse progresso tinha sido acompanhado de um grande mal que afetava a nacionalidade, o materialismo que trazia consigo o laicismo. Dessa forma, reivindicavam que as mudanças trazidas com a industrialização fossem acompanhadas de uma nova atitude, de uma revolução do espírito. No entanto, era preciso, segundo o ideário integralista, libertar-se desse passado fragmentário e desenvolver o sentimento de nacionalidade, com base nas tradições cristãs.

No fundo, os integralistas representavam uma posição reacionária, nostálgica em relação a um passado idealizado como ordeiro e tranqüilo. Tratava-se de uma espécie de reacionarismo moderno pois embora cultuassem o passado não propunham um retorno puro e

---

<sup>99</sup> GINZBURG, Jaime. *Por uma Unidade Nacional: Poder Autoritário e Literatura em Plínio Salgado*. In. *TRAJETOS*. Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social e do Departamento de História da UFC. V. 1. (nov. 2001). Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2001, p.38-39.

<sup>100</sup> GINZBURG, Jaime. Op. Cit. p.38-39.

<sup>101</sup> O artigo de Ginzburg busca ver como política e literatura se relacionam no projeto nacionalista de Plínio Salgado, partindo de seus textos. Contudo interessa para esse estudo a questão do nacionalismo e do autoritarismo que dão sustentação a obra de Salgado. GINZBURG, Jaime. Op. Cit. p. 37-44.

<sup>102</sup> GINZBURG, Jaime. Op. Cit. p. 38.



simples aos velhos tempos , mas uma recuperação dos antigos valores através de uma revolução integralista.<sup>103</sup>

A revolução integralista de que trata a citação era uma revolução nas mentes, no pensamento, e não uma revolução no modelo proposto por seus inimigos diletos, os comunistas, que se baseava no acirramento das diferenças entre as classes sociais, algo que os integralistas abominavam, pois partiam da premissa de que deveria haver uma cooperação entre todos para o engrandecimento da Nação, essa sim, o alvo privilegiado e um dos temas mais recorrentes do ideário integralista. A colaboração entre as classe era a base para a construção do Estado Integral<sup>104</sup>, uma organização estatal forte, centralizada, com autoridade forte, que seria a responsável pela recuperação dos valores da nacionalidade e pelo combate às forças negativas da modernidade. Entenda-se por forças negativas o materialismo e o laicismo.

No Manifesto de Outubro fica explícita a opção do Integralismo pela organização de um Estado forte e centralizado, com base na cooperação ente as classes:

A nação brasileira deve ser organizada, una, indivisível, forte, poderosa, rica, próspera e feliz. Para isso precisamos de que todos os brasileiros estejam unidos. Mas o Brasil não pode realizar a união íntima e perfeita de seus filhos, enquanto existirem estados dentro do estado; partidos políticos fracionando a nação; classes lutando contra classes(...) Uma nação, para progredir em paz, para ver triunfar seus esforços, para lograr prestígio no interior e no exterior, precisa ter uma perfeita consciência do Princípio da autoridade.<sup>105</sup>

Dessa forma, a estabelecimento de uma Nação forte capaz de adquirir respeito externa e internamente necessita, da mobilização de suas forças contra qualquer tipo de fragmentação que venha comprometer sua unidade. Nesse sentido, deve recorrer a instalação de um Estado baseado no princípio da autoridade que se coloque acima dos interesses dos partidos e capture par si as

<sup>103</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Introdução à História dos Partidos Políticos Brasileiros*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, p. 73.

<sup>104</sup> Plínio Salgado em um artigo afirma: *os integralista não querem o Estado Totalitário, porque os integralistas adotam uma filosofia "totalista", isto é, tem do mundo uma concepção integral*. SALGAD, Plínio. *Estado Totalitário e Estado Integral*.

<sup>105</sup> Manifesto de Outubro/Seções: Como Entendemos a Nação Brasileira e O Princípio da Autoridade - AIB (1932).

energias da nação, promovendo a cooperação entre as classes. Claro está que essa cooperação não altera as relações entre capital e trabalho no interior da sociedade.

O modelo proposto chamava-se Estado Integral, *livre de todo e qualquer princípio de divisão*,<sup>106</sup> uma forma de organização da sociedade brasileira contida no ideário integralista, fundada num modelo de Estado que envolvia todos os segmentos da nação e esse poderia intervir nos diversos níveis da vida das pessoas, por considerar que os interesses coletivos da nação eram superiores aos interesses pessoais e de grupos. Para tanto, a organização do Estado seria acompanhada de um grande aparato que fosse capaz de dar sustentação às demandas da coletividade.

Para atingir aos objetivos traçados de promover a revolução do espírito e estruturar o Estado Integral, o movimento da Ação Integralista Brasileira lançou mão de estratégias e de temas mobilizadores que se mostraram instrumentos eficientes na interlocução com o grande público o que fez do integralismo um dos primeiros partidos de massas da história do Brasil.

Para promover a *revolução do espírito*, os integralistas, através de seu Chefe Nacional, lançaram um plano de alfabetização da população que visava elevar o nível cultural das massas para promover o que eles chamavam de a *revolução do espírito*. Segundo Plínio Salgado, a tarefa principal do Estado Integral era a de transformar a massa popular, vista como um *monstro estúpido e inconsciente*, em cidadãos.<sup>107</sup> Dessa forma, pode-se observar que a visão de cultura expressa no ideário integralista era a de que os indivíduos deveriam deter determinados conhecimentos, aqueles referentes a instrução formal contidos no processo de alfabetização e, principalmente, aqueles sintetizados pelo integralismo, em sua doutrina.

A esse respeito Salgado afirma:

O problema educacional exige uma solução uniforme para todo o Brasil. O Integralismo iria de encontro às suas tendências fundamentais, se aceitasse uma dispersão ou uma desarticulação das células educacionais que são as escolas. A escola tem uma função educacional que o Integralismo não desconhece. Onde não

<sup>106</sup> Manifesto de Outubro/Seção: O Estado Integralista - AIB (1932).

<sup>107</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. Cit. p. 43.



existe unidade racial, a escola é o fator predominante na formação de uma unidade histórica e ética indispensável. Unificar, porém, não quer dizer estandarizar (sic) a cultura. O Integralismo é pela escola unificada.<sup>108</sup>

Observa-se que a proposta de alfabetizar a população constituir-se-ia, por excelência, uma estratégia com grande repercussão junto à população e pode ser encarada como uma forma de arregimentação política capaz de mobilizar amplos setores da sociedade brasileira, muito embora, em sua fala, Salgado destaque aspectos como a formação de uma unidade histórica através da escola ou justificando sua existência para cobrir a falta de identidade racial. Importa perceber que o esforço de unificação representa a possibilidade de difusão da doutrina integralista aos lugares mais distante do País, disputando a preferência da população com as ideologias concorrentes.

Seria ingênuo, portanto, acreditar que a alfabetização fosse responsável pela redenção completa dos problemas vividos pela sociedade, promovendo a elevação do nível cultural das massas, mas essa proposta mexeu com o imaginário de uma população carente de informação e de participação política herdadas do modelo político excludente da Primeira República. Não quero com isso afirmar que o ideário integralista fosse mais democrático e menos excludente que o modelo político anterior ao seu surgimento, visto que a centralidade na chefia nacional, o respeito e a fidelidade devida aos seus superiores, bem como as intenções e tentativas de unificação e padronização do movimento o fez ser caracterizado como integrante do rol das organizações reacionárias e autoritárias. Contudo, sua capacidade de dialogar com os anseios históricos de uma população desprovida dos seus direitos de cidadãos fez do Integralismo um movimento de massas sem precedentes no Brasil.

Visando elevar o nível cultural da população, a AIB mantinha um rede de informação que incluía a edição de livros, jornais, que eram responsáveis de divulgar a doutrina integralista. Nesse sentido Cavalari afirma:

A palavra impressa , isto é, o livro e o jornal ocupava um lugar de destaque na rede constituída pela AIB. Era, principalmente por seu intermédio que a doutrina integralista chegava até ao militante. O

---

<sup>108</sup> SALGADO, Plínio. *Súmula do Integralismo*.

livro veiculava as idéias produzidas pelos teóricos do partido e o jornal as popularizava.<sup>109</sup>

Na publicação de livros e jornais se percebem dois níveis diferentes, no tocante ao público que pretendiam atingir, os livros dirigidos ao público mais culto e aos intelectuais e os jornais à população de uma maneira geral, considerada de um nível cultural inferior. Também os cursos e conferências que eram promovidos pelo movimento visavam, da mesma forma, a dois públicos diferenciados. Observa-se, assim, o caráter elitista do movimento, que mantinha em suas hostes intelectuais responsáveis pelos estudos filosóficos, ou melhor, doutrinários do Movimento, e uma ampla base militante responsável pela divulgação da doutrina, tornando-a mais acessível à maioria da população, apoiada no jornal, que o ajudava a cumprir bem essa função.

Segundo Cavalari, o jornal desempenhava o papel de atualização e popularização do *corpus teórico integralista junto* aos militantes, era o meio responsável por doutrinar e transmitir a doutrina de modo uniforme. De acordo com a mesma autora, os jornais do interior reproduziam o que os jornais dos grandes centros editavam, buscando veicular a doutrina integralista da mesma forma para todos os militantes, para que fizessem as coisas de maneira uniforme.<sup>110</sup> Exemplo concreto disso pode ser visto na documentação que estou utilizando, pois as entrevistas mostram discursos muito parecidos, quando os depoentes são convidados a falar sobre as características do movimento, sempre destacando determinados eventos ritualizados com fortes elementos simbólicos que ficaram marcados em suas lembranças. Esses eventos também foram estrategicamente pensados com o objetivo de fazer a doutrina integralista melhor calar nas mentes daquela população. Aqui lembramos os desfiles, a saudação e o lema do movimento: Deus, Pátria e Família.

Ainda, de acordo com Cavalari, *havia, portanto uma padronização da imprensa integralista, tanto com relação ao conteúdo que veiculava, quanto com relação a forma que era dada a ler*<sup>111</sup>. Isto fazia parte da estratégia de uniformização e controle adotadas pela chefia integralista para que não houvesse discursos dissonantes e tampouco houvesse dissidências. Nesse

<sup>109</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. Cit. p. 79.

<sup>110</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. Cit. p. 82-83.

<sup>111</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. Cit. P. 83.



sentido, foram criadas as Secretaria Nacional de Imprensa - SNI - e a Comissão de Imprensa. A primeira exercia a função de orientar e ou punir os periódicos que eram publicados para que estivessem de acordo com as orientações da Chefia e a segunda, era responsável pela seleção dos materiais que seriam publicados junto aos gabinetes dos chefes provinciais e municipais.<sup>112</sup>

No tocante à padronização, um recurso utilizado era a existência de colunas iguais em diferentes publicações e documentos<sup>113</sup> destinadas à notícias do movimento que visava fortalecer os núcleos, pois essa estratégia tinha um efeito multiplicador. Deve-se também a esse recurso, o efeito de persuasão junto ao militante, visto que essas matérias eram constantemente repetidas no mesmo jornal ou em jornais diferentes. Essas colunas que se repetiam em livros<sup>114</sup> e jornais, geralmente, tratavam do que os integralistas defendiam, o que combatiam, o modelo de Estado proposto, enfim, visavam, em última instância, convencer, arregimentar e uniformizar.

O esforço de unificação empenhado pela chefia nacional muito contribuiu para que o movimento apresentasse características semelhantes em vários pontos do território nacional onde estivesse organizado. Não é exagerado afirmar que o teor dos discursos, os rituais, os símbolos utilizados eram os mesmo onde quer que o movimento se encontrasse. Todo esse esforço existia para afastar qualquer possibilidade de surgirem vozes dissonantes no interior do movimento e garantir, dessa forma, sua pretensa unidade. Em qualquer núcleo espalhado pelo país, seus chefes locais falavam, não em seu nome, mas em nome do chefe nacional. Por esse mecanismo simbólico do Chefe Nacional exercia o poder da onipresença.

<sup>112</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. Cit. p. 84.

<sup>113</sup> Um exemplo concreto pode ser visto no material que utilizo na pesquisa, pois os artigos, o *Manifesto de Outubro*, a *Súmula Integralista*, trazem os mesmos temas e estes se repetem em publicações como "O que o Integralista deve saber", de Gustavo Barroso (1935) e "Obras Completas", de Plínio Salgado. Para não me alongar citarei alguns: O Estado, a Nação, a Família, a Religião, a Revolução, o Sindicato, os Comunistas, o Município, a Educação etc.

<sup>114</sup> Muitas vezes capítulos de livros, na íntegra, eram reproduzidos nos jornais integralistas. Eram transcrições sem referências à fonte, o que mostra seu caráter doutrinário e autoritário. CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. Cit. p. 97.

Nesse intuito, a AIB criou uma verdadeira rede capaz de assegurar a homogeneidade do movimento constituída pelos impressos já mencionados, pelas sessões doutrinárias, pelo rádio e pelos ritos e símbolos utilizados. Cavalari afirma que, para criar a uniformidade e a padronização de pensamento a AIB criou os chamados *Protocolos e Rituais*, uma verdadeira legislação que fixava regras de conduta, juramento solene e festas integralistas.

Interessa, porém, destacar que um dos aspectos marcantes nesse processo de padronização era o juramento prestado por aqueles que pleiteavam integrar o movimento. Em primeiro lugar, o candidato deveria ser apresentado por um outro militante, de preferência por aquele de conduta inquestionável, para num segundo momento, prestar seu juramento a Deus, à Pátria e ao Chefe Nacional. O ato de juramento deveria ser feito na sala de sessões do movimento, na sede onde o candidato se inscrevesse e em frente ao retrato do Chefe Nacional.<sup>115</sup> O juramento era um ato marcante e estava cercado de uma simbologia tal que não permitia que o candidato viesse a se desfiliar do movimento e, antes que isso ocorresse - quando era o caso de qualquer discordância ou *desvio* - o dissidente era expulso, significando sua morte simbólica para os demais integralistas. O ato de juramento se dava da seguinte maneira:

A autoridade integralista ( Chefe Provincial, municipal ou distrital ou seu representante) ordenava ao novo integralista que levantasse o braço direito verticalmente e pronunciasse as seguintes palavras: 'Juro por Deus e péla minha honra trabalhar pela Ação Integralista Brasileira, executando, sem discutir, as ordens do Chefe Nacional e dos meus superiores'. A autoridade, então, dizia: 'Integralistas! Mais um brasileiro entrou para as fileiras dos camisas-verdes! Em nome do Chefe Nacional o recebo e convido os presentes a saudá-lo, segundo o nosso rito: Ao nosso novo companheiro, Anauê!'<sup>116</sup>

Observa-se, na transcrição do ritual de juramento dos novos integralistas, que os seus diferentes momentos eram bem planejados para que o novo candidato se comprometesse com a doutrina integralista e com seu chefe nacional, no intuito de garantir a uniformidade. *O Integralismo exige um juramento de fidelidade e obediência à sua Doutrina incarnada no Chefe*

<sup>115</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. Cit. p. 169.

<sup>116</sup> *Protocolos e Rituais*. Apud. CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. Cit. p.169



*Nacional*.<sup>117</sup> Vê-se, portanto, que um dos momentos fortes do juramento é quando o candidato jura fidelidade ao Chefe Nacional e às autoridades integralistas sem discutir suas ordens.

Outros mecanismos que foram criados pela AIB como estratégia de coesão e uniformização do movimento eram as festas integralistas, que eram um momento em que se reuniam todos os militantes durante os feriados integralistas. Não se deve, contudo, esquecer que os integralistas respeitavam as datas comemorativas e os heróis nacionais, mas acrescentaram datas comemorativas próprias do movimento para lembrar seus momentos marcantes, definidas, é claro, pela Chefia Nacional. Eram três as festas integralistas: *Noite dos Tambores Silenciosos*, que acontecia no dia 07 de outubro e visava lembrar o lançamento do manifesto de outubro de 1932; *Matinas de Abril*, realizada no dia 23 de abril, em comemoração ao primeiro desfile dos 'camisas-verdes' realizado em São Paulo, no ano de 1933; e *Vigília da Nação*, festejada no dia 28 de fevereiro para comemorar o I Congresso Integralista Brasileiro realizado em Vitória - ES, em 1934.

Essas festas eram minuciosamente planejadas e objetivavam avivar a memória da militância integralista para a importância que o movimento havia atingido e para as possibilidades da conquista do poder político, haja vista, que, durante essas festas, todo o bloco integralista ia às ruas numa clara demonstração da sua força política e seu poder de arregimentação e para renovar os ânimos na luta pelos seus ideais. Cabe destacar que, ao final de cada festa, os chefes provinciais e municipais deveriam enviar telegramas à Chefia Nacional noticiando o evento bem como o número de participantes.

Outros ritos que funcionavam com o objetivo de uniformizar poderiam ser destacados, mas frisei o juramento e as festas integralistas porque reaparecerão nos capítulos posteriores, quando da análise do movimento integralista ao nível das experiências locais. Contudo, a ênfase nesses ritos que são revestidos de poder simbólico são ponto de inflexão para entender como o movimento integralista atingiu tamanha repercussão na sociedade brasileira dos anos 30, não obstante as análises desqualificadoras já mencionadas.

---

<sup>117</sup> BARROSO, Gustavo. O que o Integralista deve saber. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935, p. 111.

## 2º CAPÍTULO

### INTEGRALISMO: SIGNIFICADOS DE UMA EXPERIÊNCIA LOCAL

Quando nós começamos a se organizar, assim na praça para fazer uma pequena marcha, poucos integralistas, iam nas janelas, nas portas, lá chamando galinha-verde. No final todo mundo respeitava porque via a força. (Cristóvão Maia Pitombeira).

O ano de 1934, marcou o início das atividades da Ação Integralista Brasileira, em Limoeiro - CE, pequena cidade do interior do Estado<sup>118</sup>. O movimento da Ação Integralista Brasileira - AIB - só estruturou-se em Limoeiro<sup>119</sup>, dois anos após sua criação, 1932, em todo território nacional e suas atividades foram encerradas, em 1937, por ocasião do golpe de Estado de Getúlio Vargas, coincidindo com seu fechamento por todo o país. Dado o nível de envolvimento de vários estratos sociais da população do município, é possível supor que se tratou de um movimento de grandes proporções para a época e que, marcou profundamente a vida e o cotidiano de pequenos proprietários rurais e suas famílias, camponeses, pequenos comerciantes,

---

<sup>118</sup> O Município de Limoeiro, no ano de 1934, tinha uma configuração diferente da atual, que incluía os distritos: Alto Santo, Ibicuipeba (atualmente denominado Tabuleiro do Norte), Jandduim (atualmente denominado São João do Jaguaribe) e Bica (Atualmente Olho D'água da Bica e pertencente à Tabuleiro do Norte). Esses distritos tiveram sua emancipação política na década de 50. In. FALCÃO, Mário Fábio Pelosi. *Ciará: Terra do Sol. Genealogia e Toponímia dos Municípios Cearenses*. Fortaleza: 1999, p. 138, 244, 256 e 328.

<sup>119</sup> Esse estudo se restringe à cidade de Limoeiro e as localidades rurais adjacentes, o que representa a conformação atual desse Município, não incluindo os distritos mencionados na nota anterior.



enfim, todos os sujeitos dos mais diferentes estratos sociais.<sup>120</sup> Não é temerário afirmar que os efeitos desse movimento ainda podem ser percebidos na organização política e social deste município, nos dias atuais e nas práticas e atitudes de seus habitantes. Dessa forma, o Integralismo pode ter contribuído para a formação de uma cultura política nesse espaço, em particular.

Interessa-me, por conseguinte, examinar a experiência integralista em um espaço e um tempo muito particulares: o município de Limoeiro, nos anos 30, com sua população eminentemente rural. A esse respeito o Sr. Francisco de Assis Pitombeira, rememora:

Interessante que nesse tempo o ambiente urbano tinha pouca influência na política de Limoeiro. A política era comandada, em termos, por exemplo de vereadores, pelos coronéis donos de terra de carnaubal, como Raimundo Remígio. (...). Os vereadores quase todos eram da área rural, eram ligados aos donos de terra de carnaubal que tinham, naquele tempo, dinheiro e influência.<sup>121</sup>

Observa-se, com base nesse depoimento, que, no município de Limoeiro, à época do integralismo, sua população se concentrava, na grande maioria, na zona rural, assim como os destinos políticos do município eram definidos pelos proprietários de terras destinadas à extração da cera de carnaúba, produto de grande valor no mercado internacional, no período do entre-guerras. Vale acrescentar que o referido município nesse período tinha outra dimensão territorial, visto que incluía distritos como Alto Santo, Janduim (São João do Jaguaribe) e Ibicuipeba (Tabuleiro do Norte), que se

<sup>120</sup> O Município de Limoeiro era, naquele período, essencialmente rural, pois aproximadamente 3/4 de sua população total vivia no campo. Dos 12.567 habitantes, apenas 2.954 morava no perímetro urbano enquanto os 9.613 restantes via na zona rural. São os dados do IBGE de 1940, 03 anos após o encerramento de suas atividades. Os dados do último censo da população mostrou que atualmente a população urbana de Limoeiro do Norte é superior a 50%. Fonte: IBGE.

<sup>121</sup> Francisco de Assis Pitombeira, 71. Entrevista - 16/03/2001. No interior de sua fala se multiplicam os exemplos de alguns proprietários rurais donos de carnaubais que chegaram a eleger filhos ou, eles próprios chegaram a se eleger, para ocupar cadeira na Câmara Municipal de Limoeiro. Acera de carnaúba atingiu seu apogeu no comércio internacional exatamente durante as crises econômicas do entre-guerras, vindo a substituir o plástico no fabrico de diversos produtos. Muitos municípios do Ceará, principalmente os de extensas várzeas, localizadas à margens dos Rios Jaguaribe e Acaraú, tiveram grande surto produtivo da cera, o que trouxe riqueza para os proprietários rurais.

emancipariam alguns anos depois. No entanto, concentro minhas atenções à sede do município de Limoeiro e suas localidades rurais que o conformam na atualidade.

Sobre a predominância de uma população que vivia no campo e o domínio político dos proprietários de terra e carnaubal, encontram-se várias referências entre os entrevistados que apontam para a possibilidade de aferir que o grosso da população que ingressou no movimento integralista advinha das comunidades rurais. Índícios fortes do que afirmo encontro na fala do Sr. Cristóvão Maia Pitombeira, que em seu relato sobre as escolas integralista, diz que um grupo de jovens rapazes, após terem frequentado a Escola de Formação de Instrutores, seguiu para suas comunidades de origem para que lá fosse dado continuidade ao trabalho de doutrinação e organização do movimento, local de onde afluía grande número de pessoas que desfilava aos domingos em praça pública;<sup>122</sup> Outro indício pode ser percebido através da própria procedência dos depoentes, como já se viu anteriormente. Em sua grande maioria esses depoentes eram filhos de agricultores que habitavam as comunidades rurais no entorno da sede do município.

Assim, procuro penetrar nos significados que são atribuídos ao movimento integralista pelos sujeitos que dele tomaram parte na condição de ex-militantes ou na de observadores atentos, em função de suas proximidades com o mesmo. Significados como: a possibilidade de participação política dantes negada, a inserção no debate sobre os destinos da Nação, a cooperação entre as classe, a alfabetização de uma população camponesa inculta, a defesa dos valores assentados na tradição cristã, enfim, a utopia integralista. Dessa forma, pretendo fugir das armadilhas de uma possível transposição de outras experiências, o que implicaria em caracterizá-lo como uma espécie de mimetismo do movimento local, em relação ao que ocorria nos grandes centros urbanos, dificultando, dessa forma, a possibilidade de penetrar nas experiências localizadas, sem perder de vista sua conexão com o que estava acontecendo em todo Brasil.

Destarte, considero que a Ação Integralista Brasileira, enquanto um movimento político ideológico, muito se insinuou no cenário político da década

---

<sup>122</sup> Cristóvão Maia Pitombeira, Entrevistado em 02/01/1996. Conferir notas 60 e 65.



de 30, no Brasil, assim como também teve seu papel de destaque na paisagem política do Ceará e do município de Limoeiro, buscando, dessa forma, identificar os seus condicionantes, as leituras que propunham do social, tão audíveis e com grande ressonância entre os camponeses pobres, bem como sua adequação ao jogo da política local já em curso antes do seu advento, naquela realidade específica.

Para tanto, parto da compreensão de que, mesmo se tratando de um movimento político de direita, revestia-se de um ideário político, de um projeto político para a sociedade que penetrava no imaginário político e na sensibilidade da população, ao propor uma sociedade livre das amarras em que se encontrava e que impedia seu pleno desenvolvimento em direção à modernidade, formando, assim, o que defino como uma utopia integralista que despertava a sensação de uma verdadeira participação política. Dessa forma, seu discurso era permeado de uma linguagem de fácil interpretação que continha propostas de mudanças radicais no interior da sociedade, mudanças essas tão almejadas pela maioria da população brasileira e pela comunidade limoeirense em particular, tão duramente alijadas do exercício da participação política devido ao domínio das oligarquias rurais que prevaleceram na Primeira República. Se essas proposições não se coadunavam com as dos comunistas revolucionários, isso não me impede de afirmar que um movimento de direita também carrega consigo elementos de utopia e, enquanto tal, mobiliza, arregimenta e abre perspectiva de proceder a uma mudança na estrutura social, como o Estado Integral e Corporativista, a cooperação entre as classes sociais para o fortalecimento da Nação, conforme foi destacado no capítulo anterior.

Não quero, contudo, isentar os atores sociais que tomaram parte do movimento das responsabilidades que lhes possam ser imputadas, vendo-os como pessoas indefesas ante uma estratégia elaborada por alguém que queria usar de sua boa vontade, pois isso poderia conduzir para um campo da história que privilegiaria a ação de poucos homens. Ao contrário, quero valorizar a ação desses sujeitos que viram no Integralismo uma possibilidade de afrontar a situação de descaso a que estava submetida a maioria da população brasileira. Destacar, portanto, sua ação significa olhar os acontecimentos a partir desses

significados que os próprios sujeitos estão atribuindo ao movimento em que tiveram oportunidade de se inserir.

Assim, o movimento da Ação Integralista Brasileira, em Limoeiro, adquiriu contornos próprios à lógica de vida da população - sua procedência rural e as disputas políticas locais - e se revestiu de significados que lhes são peculiares, mesmo que esses não deixem de dialogar com a memória integralista construída por seus intérpretes, ao longo dos anos que vão, desde os tempos em que a AIB teve vida ativa, e se estendem até os dias atuais, momentos em que as entrevistas foram colhidas. Esses pontos de inflexão da memória integralista, percebidos na interpenetração das lembranças com as informações construídas pela historiografia integralista, são ricos para capturar os significados atribuídos ao movimento local. Suas representações foram sendo construídas pelos atores envolvidos, ainda durante sua participação no movimento, e por inúmeras interpretações posteriores, e que no conjunto perfazem a memória integralista com a qual lido. Contudo, certas leituras dos fatos tendem, porém, em determinados momentos a se pretenderem hegemônicas e, dessa forma, acabarem por silenciar outras possíveis interpretações. São a essas que pretendo dar vazão.

Reunindo algumas características, como a crítica constante aos problemas oriundos do capitalismo liberal e propugnando alternativas baseadas na transformação integral dos indivíduos, mergulhando profundamente nas tradições da Nação brasileira e aliando a tudo isto uma forte propaganda contra a ameaça do comunismo, o Integralismo conseguiu organizar-se de Norte a Sul do território nacional, nos grandes centros urbanos e nas pequenas vilas espalhadas pelo Brasil, como no caso do município de Limoeiro, envolvendo os mais diferentes segmentos sociais em suas fileiras. Nos grandes centros pode-se observar que predominava a presença de intelectuais, de militares, da classe média de uma forma geral e, até mesmo, de segmentos do operariado. Nos municípios mais distantes encontravam-se indivíduos ligados à atividade comercial e pequenos proprietários agrícolas, camponeses, configuração social observável no contingente integralista de Limoeiro.

Um exemplo disso é que a própria pessoa do chefe da Ação Integralista Brasileira local, Franklin Chaves, era de família de comerciantes no



referido município, destacando, porém, que esses comércios nas pequenas cidades do interior funcionavam como extensão das propriedades rurais, pois estavam ligados ao beneficiamento e ao comércio de produtos, como a cera da carnaúba, óleo da fruta da oiticica e do caroço de algodão, fontes que faziam movimentar esses negócios.

Acrescente-se que o Integralismo atingiu a façanha de ser um partido de massa, tanto pela sua ideologia assentada na chamada *Revolução do Espírito*, como por um conjunto de estratégias de uniformização, controle e disciplina impostos a todos os núcleos integralistas submetidos ao crivo da Chefia Nacional, para não permitir possíveis dissensões. Embora houvesse toda essa preocupação em uniformizar o movimento, não é com esse dado, como determinante único, que procuro refletir sobre a experiência local do integralismo. Muito pelo contrário, visto, dentro de toda essa estratégia, perseguir outros significados que a militância e a experiência social da população limoeirense atribuem ao integralismo.

Dentro dessas duas perspectivas, principalmente no que se refere à chamada *Revolução do Espírito*, Rosa Maria Cavalari diz que *o integralismo visava à formação completa do homem, do ponto de vista físico, moral e intelectual*<sup>123</sup>.

Nesse sentido, o Sr. Clodoveu lembra que:

O Sujeito não sabia nem andar. E o integralismo tinha um caráter militar, que era um movimento nacionalista e civil, mas com disciplina militar. Aí então o sujeito aprendeu a andar, a marchar, a ordem de sentido e, tudo isso que então, em parte, tornou-se benéfico.<sup>124</sup>

Observa-se na fala acima que o movimento integralista penetrava no imaginário da população local, não somente pelo discurso doutrinário, mas também pela articulação de imagens e a adoção de terminadas práticas capazes de fazer-se entender por grande número de pessoas. Uma dessas práticas é, sem dúvida, aquela que identifica na atividade física consorciada com a educação formal como um caminho para preparar os indivíduos rumo à revolução do espírito. Um dado interessante é que os desfiles, na forma

<sup>123</sup> CVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Op. Cit.* p. 46.

<sup>124</sup> Francisco Clodoveu Vidal, 76. Entrevistado - 15/03/2001.

militarizada, ocorriam nas escolas integralistas espalhadas pelos núcleos rurais do município, preparando-se, assim, para o seu momento apoteótico, os desfiles de todos os integralistas que ocorriam no centro da cidade. Dessa forma, o Movimento Integralista fará um apelo forte às atividades físicas, sobretudo ao treinamento militar; à boa conduta moral, baseada na tradição do catolicismo.

Uma educação que integrava os aspectos da moral, do civismo e do exercício físico constituía-se numa estratégia em que esses níveis apareciam indissociáveis um dos outros. Nesse sentido Lenharo lembra:

Só o corpo convenientemente educado favorece o desenvolvimento do espírito, atua também como "um instrumento dócil e perfeito", mesmo porque "um corpo obedece, enquanto um corpo fraco comanda". (...) Cabe ao Estado ordenar o desequilíbrio entre o corpo e as faculdades do espírito.<sup>125</sup>

A idéia de militarizar o corpo, amplamente utilizada pelo Integralismo visava uma disciplina rígida que repercutiriam no ordenamento permanente do cotidiano das pessoas. Dessa forma, os camponeses que integravam o movimento eram, de certa forma, desqualificados em relação à vida que levavam, no intuito de serem requalificados na perspectiva da doutrina integralista. A prática de exercícios apresentava-se como instrumento capaz de criar corpos obedientes aos comandos de sua mente disciplinarmente prepara e, principalmente, às ordens de seus superiores.

Para o Sr. Clodoveu, depoente que presenciou os desfiles que se realizavam nas diversas comunidades de Limoeiro e os que ocorriam na sede do município, essas atividades foram importantes para disciplinar pessoas de origem *matuta*, como ele próprio define aquelas pessoas nascidas no campo, que, através do integralismo, aprenderam muito, principalmente a se interessarem pelas coisas do Brasil. Quanto ao último aprendizado referido pelo Sr. Clodoveu, pode-se asseverar que as estratégias utilizadas pelos integralistas criavam a sensação de pertencimento a uma comunidade nacional e, conseqüentemente, de domínio sobre os destinos da Nação.

<sup>125</sup> LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. 2 ed., Campina: Papyrus, 1986, p.77.



Assim, em suas proposições, destacaram-se os aspectos relacionados ao imperativo de a Nação caminhar unida, em sua totalidade, para enfrentar os problemas oriundos do descaso político aos quais o Brasil havia sido submetido. Nesse sentido, um dos depoentes lembra:

Razão porque defendiam a tal de democracia orgânica, seria a representação por classe - nos parlamentos, nas Câmaras Municipais, nas Assembléias Legislativas, no Congresso Nacional - fossem representadas as classes, as classes trabalhadoras do país(...). A idéia da corporação das classes. Então todos tinham seus representantes nos parlamentos, nos legislativos, nas câmaras municipais e no Congresso Nacional. Assim tinham mais força para reivindicar e obter aquilo que eles precisavam.<sup>126</sup>

Note-se que a idéia de classe do depoente resvala para as de corporação e de cooperação, numa chamada democracia orgânica, em que as partes unidas deveriam contribuir para fortalecer o todo orgânico, para influir nos destinos do País e em proveito desses segmentos marginalizados. Deixa transparecer a noção de que não está havendo uma sintonia, uma harmonia, entre a cabeça e seus membros, entre o todo e as partes que o compõem. Dessa forma, o Integralismo seria o responsável por corrigir essas distorções, para *equilibrar o corpo e as faculdades do espírito*.<sup>127</sup>

Essa idéia de um todo orgânico, no fundo, atende às estratégias que pretendiam a uniformização no interior do próprio movimento, visto que esse se apresentava bem hierarquizado. Essas estratégias eram coordenadas pelas secretarias nacionais, ligadas à Chefia Nacional e repassadas aos núcleos provinciais e municipais e se constituíam de preceitos sobre a organização interna, hierarquização, respeito ao chefe nacional, ritos e festas integralistas.

<sup>126</sup> Evaldo Holanda Maia, 80 - 31/03/2001.

<sup>127</sup> LENHARO, Alcir. Op. Cit. p. 77.

## 1- Fundação do movimento da AIB em Limoeiro

Quando em 1934 foi estruturado o núcleo da Ação Integralista Brasileira - AIB - em Limoeiro, esta iniciou suas atividades e teve como Chefe o Sr. Franklin Gondin Chaves<sup>128</sup>.

Devido às imprecisões da memória, base que tem ancorado as interpretações que busco para remontar a experiência integralista local, pode-se perceber uma certa dificuldade dos entrevistados em estabelecer a data precisa de instalação do núcleo da AIB, em Limoeiro. Alguns afirmam ter acontecido no ano de 1932. No entanto, com base em outros indícios, como o fato de o próprio Franklin Chaves afirmar que só iniciara as atividades da Ação Integralista, em Limoeiro, quando assumira mandato de vereador do município<sup>129</sup> e que a sua eleição ocorrera pela Liga Eleitoral Católica, em 1933, pode-se, a partir daí, aferir que o Movimento Integralista local iniciou suas atividade em 1934, embora, como afirmei, seja bastante discutível a problemática da datação, a partir das fontes orais.

A esse respeito Lauro de Oliveira Lima afirma que, em 1933, *Franklin Chaves e José Guerreiro Chaves foram eleitos para a Câmara Municipal, o primeiro, exercendo várias vezes, o cargo interino de prefeito.*<sup>130</sup> Dessa maneira, tomando como referência a Eleição de Franklin Chaves e o fato de o próprio Franklin afirmar em seu depoimento ao NUDOC que criara o Movimento Integralista depois que já assumira o cargo de vereador, mesmo dizendo não saber precisar qual o ano, conclui-se, portanto, que esse fora criado em 1934.

No entanto, as referências dadas por muitos dos documento a que se teve acesso não são muito precisas, quanto ao ano de fundação do

<sup>128</sup> Franklin Chaves era um comerciante local que mantinha uma casa comercial na companhia de seu irmão José Chaves, e provinha de uma família que já exercia atividade política tanto em Limoeiro como em Fortaleza como admite o próprio Franklin em entrevista cedida par o Núcleo de Documentação Cultural da UFC. A casa comercial lidava com produtos variados, mas sua principal atividade era no ramo de tecidos, conforme destaca o Sr. Evaldo Holanda Maia.

<sup>129</sup> Franklin Gondin Chaves, 21/03/1984. Fita: 01, pp. 06 e 15.

<sup>130</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. *Na Ribeira do Rio das Onças*. Fortaleza: Editora Assis Almeida, 1996, p. 359.



movimento. Dessa forma, mesmo afirmando que fora no ano de 1934, a partir dos elementos acima apresentados, passo a destacar alguns pontos encontrados no material sobre o assunto.

Assim, em uma correspondência, datada do dia 03 de Janeiro de 1996, a mim enviada por José Guerreiro Chaves<sup>131</sup>, ex-militante do movimento integralista e um dos auxiliares do Sr. Franklin Chaves na condução da AIB local, este afirma o seguinte:

O movimento foi criado no fim de 1932 (sic.), tendo como chefe municipal o jovem Franklin Gondin Chaves, que soube bem conduzir o movimento chegando a registrar mais de trezentos camisas verdes e como seus auxiliares João Nogueira Sobrinho, Judite Chaves, Paulo Maia, Luís Mano, Napoleão Nunes, José Guerreiro Chaves e tantos outros<sup>132</sup>

O autor da carta faz referências ao ano de 1932 como sendo aquele que marcou o início das atividades do Movimento Integralista local e destaca, ainda, o grande número de adeptos do movimento e a liderança de Franklin Chaves e seus auxiliares. Sobre o ano de fundação, no entanto, acredito que o mesmo tenha confundido essa data com o de sua criação nacional, fato perfeitamente aceitável, se levado em consideração que já transcorreram muitos anos daquela época até os dias atuais ou que as informações da referida pessoa se misturam com as informações da historiografia sobre o assunto, do qual provavelmente vieram tais informações. Considere-se, no entanto, que tanto o Sr. José Guerreiro Chaves, como sua esposa, que ainda jovens auxiliaram na organização do movimento, posteriormente se ausentaram do convívio de seus munícipes indo morar em outra região, perdendo os laços afetivos e de identificação com a comunidade da memória integralista local. Dessa forma suas lembranças podem ter sido avivadas apenas pela historiografia oficial.<sup>133</sup>

---

<sup>131</sup> Tive acesso à referida correspondência por intermédio de uma cunhada do remetente, Dona Julinda Faheina, também conhecida como Lili Faheina - ex-militante integralista e uma das entrevistada.

<sup>132</sup> Correspondência de José Guerreiro Chaves, 03/01/1996.

<sup>133</sup> Esse debate sobre a memória integralista e sua imbricação com a historiografia será melhor discutida no capítulo a seguir.

Sobre o mesmo assunto, os Srs. Cristóvão Maia Pitombeira e Francisco Clodoveu Vidal, assim se referem:

É de minha lembrança, o integralismo chegou no município de Limoeiro do Norte, ou melhor, aqui na Região, sendo que o município de Limoeiro foi mais avançado (sic.), o mais acentuado no movimento, em 1934.<sup>134</sup>

Então, nessa época, da fundação do integralismo, era vereador aqui em Limoeiro, presidente da câmara, eleito pela célebre LEC - Liga Eleitoral Católica, a LEC, que realizou-se em 34 (sic.) essa eleição.<sup>135</sup>

Observa-se nas duas citações acima transcritas que os depoentes indicam o referido ano como aquele que marcou a chegada, ou a fundação, do Movimento Integralista em Limoeiro. O primeiro não consegue dar uma referência mais precisa para o tema, enquanto o segundo, aponta o fato de Franklin Chaves já ocupar o cargo de vereador, quando de sua criação. Essa referência coincide com a que tomo para fazer minhas asserções.

Apesar das opiniões diversas, foi-me possível indicar, a partir de alguns indícios acima apontados, uma data precisa. Entretanto, interessa-me, mais do que fixá-la, estabelecer o conjunto dos elementos políticos e sociais que influíram para o desenvolvimento de uma experiência integralista local. Mesmo assim, insisto que é possível localizar a criação da AIB local para depois de 32/33, uma vez que o Sr. Franklin Chaves já havia assumido o cargo de vereador do município de Limoeiro, eleito pela Legião Cearense do Trabalho - LEC - no ano de 1933, quando se inicia a fundação do movimento. Dessa forma é mais provável que tenha sido criado em 1934. Também foi nesse ano que foi fundada a Escola de Formação de Instrutores, ponto de partida para a organização do movimento e arregimentação de novos militantes que lhes dariam suporte.

Saliento, ainda, que em 1934, a Ação Integralista Brasileira, instância nacional, já se encontrava bem estruturada com suas funções políticas e hierarquia interna definidas, pois seus estatutos haviam sido aprovados no

<sup>134</sup> Cristóvão Maia Pitombeira, 02/01/1996.

<sup>135</sup> Francisco Clodoveu Vidal, 76 (02/01/1996).



Primeiro Congresso Integralista realizado em Vitória - ES, nos meses de fevereiro e março do referido ano.<sup>136</sup> O ano de 1934 é marcante para a expansão do movimento por todo o Brasil. Seu ápice, no entanto, foi atingido no ano de 1937, momento em que conseguiu seu registro como partido político e quando o movimento chegou a reunir em suas fileiras aproximadamente um milhão de filiados espalhados pelo país.<sup>137</sup>

## 2- Franklin Chaves e seu ingresso no movimento integralista

O movimento da Ação Integralista Brasileira em Limoeiro contou com a liderança de Franklin Gondin Chaves, um homem nascido numa família já com bastante atuação política no cenário municipal e estadual, como relata o próprio Franklin em entrevista concedida ao NUDUC (Núcleo de Documentação Cultural), da Universidade Federal do Ceará.<sup>138</sup> Sua família é originária da Região Jaguaribana. Seu avô paterno era de Aracati e seu avô materno era do Icó, ambas cidades do interior do Ceará e que integram a região do Vale do Jaguaribe.

Franklin Chaves nasceu no dia 10 de fevereiro de 1908, no Sítio Bom Futuro, onde hoje fica o Bairro Damas, em Fortaleza, e, nessa época, pertencia ao distrito da Parangaba, ou melhor Porangaba.<sup>139</sup> Mesmo sua família sendo originária da região jaguaribana, a atuação política, de seu pai se dava bem próxima ao centro do poder político administrativo do Estado. Ele disse que seu pai:

vivia mais para a política do que para tudo. Então ele vivia para o Accioly... Depois eles, não sei porque razão, por que eu era muito criança, eles se afastaram dos Accioly, e se incorporaram posteriormente ao grupo que combatia os Accioly...<sup>140</sup>

<sup>136</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. Cit. p. 16.

<sup>137</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. Cit. p.34.

<sup>138</sup> Franklin Gondin Chaves, 21/03/1984. Fita: 01, p. 03;04;05, (Entrevista - NUDOC).

<sup>139</sup> Franklin Gondin Chaves, 21/03/1984. Fita: 01, p. 01. A Oligarquia Acciolina é denominação comum ao grupo político liderado por Antônio Nogueira Accioly que ficou longos anos no poder, no Estado do Ceará, no auge da "política dos governadores" da Primeira República, sendo destituído por uma revolta popular, em 1912, liderada por Franco Rabelo.

<sup>140</sup> Franklin Gondin Chaves, 21/03/1984. Fita: 01p.03-04.

Não obstante as contradições e as possibilidades de leituras percebidas em sua fala, observa-se que ele atribui a esse envolvimento do seu pai Sindulfo Serafim Freire Chaves e do seu tio Leonel Chaves, que fora deputado estadual, junto às hostes do poder político cearense, um indício bastante forte para explicar seu ingresso nas atividades políticas, ainda muito jovem. Dessa forma, considera-se que o ambiente político proporcionado pelo envolvimento da família criou uma atmosfera que passou a respirar desde criança, acrescido do desejo de manter a tradição da família e as benesses que essa proximidade com o poder poderia proporcionar, fatores de grande peso para que Franklin Chaves tenha assumido a liderança, local, do movimento integralista. Não se deve deixar de destacar que o contato com as chamadas lideranças estaduais e os canais de acesso a esse circuito tornavam-se muito mais abertos, proporcionando-lhe um sucesso antecipado, pois antes de atribuir o sucesso de uma vida política exclusivamente à capacidade pessoal de um indivíduo<sup>141</sup> de se locomover nesse campo, é importante detectar as condições de um terreno que já foi preparado para a sua atuação.

Considero, portanto, que os espaços ocupados por Franklin Chaves, inicialmente, no cenário político local como vereador, prefeito<sup>142</sup> e chefe da AIB seção de Limoeiro e, posteriormente, no cenário estadual, com sucessivos mandatos como Deputado Estadual, muito influenciou na trajetória política de seus ascendentes familiares. Assim, o fato de ter nascido em um clã político que mantinha fortes relações com os poderes estabelecidos à época foi fundamental para sua ascensão e trajetória políticas.

Em Limoeiro, a família Chaves já exercia forte poder, ocupando funções estratégicas à sua expansão e manutenção, o que viria a acontecer por longos anos, haja vista que somente no ano de 1954, com a eleição do Prefeito Sabino Roberto de Freitas, é que se encerra, pelo menos temporariamente, o ciclo de controle político direto mantido pela referida família.

---

<sup>141</sup> Refiro-me ao sucesso conseguido por Franklin Chaves em sua trajetória política, que se inicia com sua eleição para vereador, passa pela condução da AIB (Núcleo de Limoeiro) e se estende aos 16 anos de mandatos como Deputado Estadual, que ocorrerá posteriormente.

<sup>142</sup> O Franklin Chaves foi prefeito interino, por diversas vezes, quando seu irmão José Chaves assumia o cargo entre os anos de 1936-1937, em substituição o titular. LIMA, Lauro de Oliveira Lima. Op. Cit. p. 359.



desde os primeiros tempos do município, na passagem do século XIX para o século XX. Entretanto, durante a Primeira República, período marcado por políticas de trocas de favores entre os diferentes níveis de poder, a família Chaves foi uma forte aliada da Oligarquia Acciolina, uma fonte segura para manutenção e ampliação dos poderes da família. Dois episódios, um narrado pelo próprio Franklin Chaves e outro narrado pelo Sr. Francisco Clodoveu Vidal, são indícios da influência da família Chaves nos meandros do poder temporal e religioso nos âmbitos local e estadual:

Franklin Chaves diz:

Quando eu fui para Limoeiro, aos 15 anos mais ou menos, quando eu saí do Colégio Cearense e fui para lá, o meu tio era vigário de lá, esse João Climério Chaves, eu lhe falei há pouco, tinha sido vigário de Caucaia, diretor da Escola Normal<sup>143</sup>. Porque houve o seguinte: Lá havia um padre, Acelino Arrais, vigário há muitos anos lá e tal. Mais era um homem muito voluntarioso e tal e entrou na política contra esse meu tio. Entrou na política ao lado dos Democratas e ele era cabeça do partido e tal. A política se exaltou muito e tal e o padre foi perdendo o gosto pelo ministério, se envolvendo na política e tal. O fato é que veio de lá muitas reclamações e o papai aqui era quem recebia e transmitia para Dom Manuel as denúncias e tal e os pedidos que tirasse o padre de lá e botasse outro qualquer e tal, e Dom Manuel demorou, demorou e tal, prometeu tirar. Demora um tempo que o Acelino é muito teimoso, se eu tirar ele assim, é capaz de deixar a batina e eu não quero perder o padre. Ele pediu um ano de prazo. Papai: está certo. (...)o fato é que completou um ano, o papai foi bater lá: Dom Manuel o senhor pediu um ano de prazo, já esgotou-se o ano. Ele disse: è verdade. Agora eu não tenho padre. Será que o Climério quer ir para lá? ....<sup>144</sup>

Observa-se, assim, que a família Chaves tinha trânsito no interior do poder eclesiástico a ponto de sugerir (exigir) de Dom Manoel da Silva Gomes, Arcebispo de Fortaleza, que um vigário fosse substituído por outro, inclusive o substituto sendo membro da família, irmão de Sindulfo Chaves, pai de Franklin, fato ocorrido no ano de 1922. Nota-se que esse desentendimento entre o Pe. Acelino, destituído de suas funções, e a família Chaves não circunscrevia-se apenas no plano religioso, mas tem profunda conotação política, visto que aquele padre pertencia a outra agremiação política.

<sup>143</sup> Climério Chaves, "foi Co-Fundador do colégio Cearense Sagrado Coração de Jesus em Fortaleza. CASTELLO BRANCO, Mons. João Olímpio. *O Limoeiro da Igreja: A história de Limoeiro do Norte a partir de seus párocos*. Fortaleza: Minerva. 1995. p.135.

<sup>144</sup> Franklin Gondin Chaves, 21/03/1984. Fita: 01, p.16.

Quando na sua fala, Franklin Chaves afirma que o Pe. Acelino era cabeça dos democratas, está afirmando que ele pertencia ao grupo político de oposição, também denominado, à época, de *maloqueiro*. Os membros do partido da situação recebiam a alcunha de *cafifins*. Essas denominações não se restringiam somente aos limites da política local, mas estendia-se a todo o Estado do Ceará, como atesta Gustavo Barroso, citado por Lauro de Oliveira Lima.<sup>145</sup> O termo democrata que aparece na citação não significa um apego à tradições democrática do referido religioso, uma vez que os grupos políticos que se rivalizavam na década de 20 em Limoeiro, embora fossem opositores, vinham de uma matriz política muito semelhante. Talvez Franklin tenha qualificado-o de democrata pelo fato de os opositores da família Chaves, de uma maneira geral, terem tomado o partido dos tenentes às véspera dos acontecimentos de trinta, enquanto os Chaves, eternos aliados de quem estivesse no poder, ficaram meio que aguardando o rumo dos acontecimentos.

Observa-se também que Franklin Chaves em sua fala vai desqualificando a atividade pastoral do Pe. Acelino, à medida em que este se interessa mais pela atividade política, em seu dizer, e dessa forma credencia e dá legitimidade e justificativa para as injunções políticas feitas pelos membros de sua família para substituí-lo por um parente: o Pe. João Climério Chaves. No entanto, se esquece, pelo menos é o que deixa transparecer, que o novo Vigário também exercerá seu ministério embalado pelas demandas políticas locais, sobretudo aquelas relacionadas aos interesses de sua família.

Ainda sobre os poderes assumidos pela família Chaves, mas destacando-o em outra dimensão, trago a fala do Sr. Francisco Clodoveu Vidal, quando se refere ao cartório de ofício como fonte de poder político da referida família. Dessa forma, ao ser indagado sobre que tipo de poderes assumia, responde que tudo começa com o cartório. Veja-se o que ele afirma:

Já assumiam posições políticas<sup>146</sup>. Primeiro que tudo em consequência do cartório, cartório de registro civil, primeiro cartório, que ainda hoje é dos Chaves, que aquilo foi uma injustiça. Primeira injustiça cometida em Limoeiro, tá escrito ali no livro do Lauro<sup>147</sup>. O

<sup>145</sup> BARROSO, Gustavo. Apud. LIMA, Lauro de Oliveira. Op. Cit. p. 345.

<sup>146</sup> Referindo-se à família Chaves.

<sup>147</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. Op. Cit.



padre, cônego Bessa que se tornou político, foi deputado provinciano, então foi criado o primeiro cartório, ali o livro dá todas as... e então foi feito um concurso. Bem, ai então apareceu um concurso, fizeram esse concurso dois cidadãos que não eram aqui de Limoeiro, um era pernambucano(...), pois bem, e ai então escrevia muito bem e o... Serafim Tolentino Freire Chaves. O João Anselmo tirou o primeiro lugar, mas o deputado cônego Bessa, perdeu a eleição no Estado, para agradar o governador nomeou o Serafim, indicou o nome do Serafim, deixando o nome do correligionário, que ele era correligionário dele para... Temeu que ele levasse o nome do João Anselmo para o primeiro cartório... quis agradar o governador indicando um nome do correligionário do governador, que era o Serafim, e esse cartório vem passando de mão em mão na família Chaves e ainda hoje está.<sup>148</sup>

O depoente aponta o cartório como uma fonte de poder, no entanto, não elucida, embora faça esse esforço, como o referido cartório foi assumido pela família Chaves. Nota-se também em sua fala o jogo das relações políticas entre os setores dominantes do município em relação aos poderes constituídos do Estado, denotando todo um processo de exclusão daqueles que estavam de fora desse circuito, revelador do receio que esses tinham de que um instrumento de poder, como o cartório, viesse cair em mão de pessoas de outra procedência, o que dificultaria o controle sobre a mesma. Na seqüência o Sr. Clodoveu afirma que a obra do Prof. Lauro Oliveira Lima contém tal informação, denotando um nível de leitura, do depoente, das memórias do município, visto o que representa o mencionado livro. Contudo a supracitada obra também não esclarece satisfatoriamente a origem do poder cartorial dos Chaves no que concerne à posse do cartório. Veja-se o que afirma Lima:

Só em 1873, com a elevação da povoação à vila, instalou-se o primeiro tabelionato de Limoeiro... Com a instalação da vila (1873), intensifica-se a liderança dos Chaves (São João), com a nomeação de Serafim Tolentino Freire Chaves, tabelião e, posteriormente, comandante da Guarda Nacional.<sup>149</sup>

Nota-se no trecho transcrito acima que as referências a nomeação de Serafim Tolentino Chaves são vagas. Conclui-se a partir do indício da data de instalação da vila que se deu pelo governador da Província Francisco Teixeira

<sup>148</sup> Francisco Clodoveu Vidal, 76 (15/03/2001).

<sup>149</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. Op. Cit. p. 318.

de Sá. Contudo, quanto a realização do concurso onde dois candidatos pleiteavam assumir tais funções, observa-se uma predileção pelos Chaves, de família originária da região jaguaribana, enquanto seu concorrente tenha sido preterido ao cargo por ser oriundo de outro estado da federação. Outra possibilidade de leitura é que o poder dos Chaves não tenha iniciado com o cartório, como afirma o Sr. Clodoveu, mas que esse veio por acréscimo e em decorrência de um poder já existente, reforçando-o ainda mais, a partir daquele momento, pela função que tal órgão exerceu no jogo político do período, pois os cartórios funcionavam como instrumentos do poder e de formalização de suas práticas que envolve concessão do Estado, eleições e relações de propriedade.

Ainda na sua obra, Lima afirma que o cartório fora posteriormente herdado por Francisco Celestino, que atendia pela alcunha de *Coração*, que era casado com uma filha do Coronel Tolentino Serafim Chaves, o qual depois entregou seu comando a Sindulfo Chaves<sup>150</sup>, pai de Franklin Chaves. Após a morte de seu pai o cartório passa às mãos de Judith Chaves, sua irmã.

O cartório, por excelência, é uma fonte de poder, pois todos os registros de posse e escrituras ficam sob sua responsabilidade, além do que, dentro do jogo político partidário tem o privilégio de conduzir os processos eleitorais, que via de regra, eram fraudulentos. Eram nos cartórios que se elaboravam as listas de votação, execução do processo eleitoral e contagem dos votos, numa época em que as eleições foram por muitos estudiosos definidas como *eleições à bico de pena*. Eram eleições de cartas marcadas. Veja o que o Sr Franklin Chaves relata sobre esse processo:

O meu tio, esse meu tio era um homem bondoso e tal, mas era tabelião lá do interior, lá da equipe dos chefes. Fazia aqui, então, os livros para eleição, ele era o tabelião e era o encarregado do cartório e os livros iam para ele. Então as eleições era feitas a bico de pena. Quer dizer, já quinze dias antes da eleição meu tio<sup>151</sup> começava a chamar: Fulano assina aqui. E o sujeito assinava quatro, cinco nome de eleitor, modificando letra do eleitor<sup>152</sup>.

<sup>150</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. Op. Cit. p. 331.

<sup>151</sup> Refere-se à Francisco Celestino, casado com uma tia sua e, que havia herdado o cartório de seu avô paterno, Tolentino Serafim Freire Chaves.

<sup>152</sup> Franklin Chaves, Op. Cit. p. 12.



Nessa fala de Franklin Chaves pode-se ver que o jogo político no município reproduzia a chamada *política dos governadores* adotada em todo o Brasil, durante a Primeira República, período em que se multiplicaram as eleições de cabresto, as comissões de verificação para afastar os opositores aos governos estaduais que porventura viessem se eleger. Nesse sentido, poder-se-ia refletir sobre o assunto, com Vitor Nunes Leal, quando este afirma:

É nesse capítulo que se manifesta o paternalismo, com a sua recíproca: negar pão e água ao adversário. Para favorecer s amigos, o chefe local resvala muitas vezes para a zona confusa que medeia entre o legal e o ilícito, ou penetra em cheio no domínio da delinqüência, mas a solidariedade partidária passa sobre todos os pecados uma esponja regeneradora.<sup>153</sup>

As reflexões de Leal são elucidativas para se pensarem os acontecimentos do período, no Brasil e em Limoeiro, visto que aos amigos e parentes faziam tudo, mesmo que tais atitudes não fossem lícitas, e aos inimigos, como costuma-se falar popularmente, nem a lei. Com essa reflexão pode-se pensar não somente as eleições fraudulentas comandadas pelos chefes dos cartórios, mas também o episódio do afastamento do Pe. Acelino. Cabe salientar, portanto, que a concentração de poderes, no campo dos espaços institucionalizados, como a Igreja Católica e o cartório de ofício, que em comunhão com a justiça, a intendência e a força da guarda compunham o alicerce do mando local.

Nesse sentido, João Olímpio Castello Branco relatando o que fora dito por Cândido Olímpio de Sousa sobre as disputas políticas entre o partido do Padre Acelino e o da família Chaves. Afirma que o primeiro era um político *besta*, que não ganhava nenhuma eleição, enquanto o segundo ganhava todas, pois era mestre em eleição a *bico de pena*. Pode-se aferir, que nesse sistema de eleição, fica muito difícil de se conseguir sucesso eleitoral, haja vista, já está definida antecipadamente.<sup>154</sup>

<sup>153</sup> LEAL, Vitor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto: O Município e o regime representativo no Brasil*. 5ª Edição, São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1986, p. 38-39.

<sup>154</sup> CASTELLO BRANCO, João Olímpio. *Op. Cit.* p. 115.

Observa-se que Franklin Gondin Chaves pertencia a uma família com heranças políticas no município de Limoeiro, já acostumada ao jogo político que se praticava à época. Mesmo sabendo que até esse período o domínio político estava nas mãos dos proprietários rurais, sobretudo dos produtores de cera de carnaúba, que geralmente elegiam seus filhos para cargos políticos, principalmente para a Câmara de Vereadores, o fato de dispor de um cartório, fazia da família Chaves aquela que dava as cartas no processo eleitoral.

Com 15 anos de idade, em 1923, Franklin Chaves deixa Fortaleza, onde morava com seus pais e passa a residir em Limoeiro. Inicialmente seu objetivo era trabalhar na casa comercial de seu irmão José Chaves, pelo menos é o que o próprio Franklin alega em sua entrevista: *fui para o sertão, empreguei-me lá com meu irmão...*<sup>155</sup> Pode-se ainda trabalhar com o dado de que seu pai, devido o envolvimento que mantinha com os políticos do estado, tenha alimentado a pretensão de fazer de seu filho um herdeiro de sua atuação. Isso era muito comum.

(...), eu acompanhava, como todo jovem, esses acontecimentos. Papai era um político e sempre me levava, eu era o caçula e ele me levava sempre. Naquele tempo a gente andava a cavalo, eu andava na garupa do cavalo...<sup>156</sup>

Esse relato, embora pareça despropositado, pode revelar uma atitude de querer formar um filho para dar continuidade à sua trajetória política, pois o ato de levá-lo aos acontecimentos e fazer com que este gosto pelas coisa da política é uma forma de introduzi-lo nessa carreira. Dessa forma, pode-se inferir que a ida de Franklin Chaves para Limoeiro tenha sido muito mais do que apenas a necessidade de trabalhar. Pode, também, revelar uma estratégia da família de alargar o seu poder, pois se tratava de uma pessoa jovem e, assim, iniciaria suas atividades sem as máculas oriundas das querelas políticas que marcavam os membros mais velhos da família, dando-lhe maior credibilidade. Não é por acaso que a maioria dos entrevistados vão sempre se referir a Franklin como um homem jovem, de grande capacidade de organização e de bom discurso, capaz de empolgar os que o ouviam.

<sup>155</sup> Franklin Chaves. Op. Cit. p. 06.

<sup>156</sup> Franklin Chaves. Op. Cit. p. 05.



...havia uma pobreza em liderança. Muito pequena mesmo, então ainda vinha daquela história política de cafifins, maloqueiros<sup>157</sup>, aí então surgiu a liderança, um homem novo, que não era formado, mas de uma inteligência invulgar que foi o ex-deputado Franklin Chaves que conseguiu eleger-se deputado sete vezes (quatro), que agora você deve saber, aí então, além dele ser um líder.<sup>158</sup>

Essa fala se revela repleta de possibilidades de leituras sobre a liderança assumida por Franklin Chaves frente ao movimento integralista, a de ter influído nos significados a ele atribuído pelo depoente, por sua afinidade e afetividade como a comunidade integralista. A imagem de um homem jovem, de inteligência privilegiada, contrasta com as velhas lideranças políticas do município, possivelmente desgastadas pelos embates travados entre elas e, pela inoperância, no tocante às demandas da população. Nesse sentido, a referência que o depoente faz à capacidade de um líder nato, está permeada de valores muito próprio à memória integralista que reforçava continuamente as qualidades dos grandes chefes do movimento. Quando ao fato de Franklin Chaves não ser formado e mesmo assim ter exercido tamanha liderança antes e depois do movimento integralista, ele próprio se *vangloriava de ter, apenas, o curso primário*, como lembra Lauro de Oliveira Lima.<sup>159</sup> Dessa forma, a fala do Sr. Clodoveu assume o discurso da comunidade integralista local, no que se refere aos significados atribuídos ao movimento.

Conclui-se, portanto, que o propósito de Franklin ter se deslocado de Fortaleza para Limoeiro pode ser que tivesse obedecido a uma exigência do próprio grupo político ligado à família, no intuito de revitalizar o seu domínio político, investindo numa jovem pessoa que ainda não representava, até aquele momento, o ranço dos que já haviam assumido cargos. Ao chegar a Limoeiro, ele vai trabalhar na casa comercial de seu irmão, de quem se torna sócio posteriormente.

Sua iniciação política, como se pôde ver anteriormente, se deu pela orientação do próprio pai que o mantinha sempre inserido nesse meio e se

<sup>157</sup> Referência aos dois partidos que dominavam a cena política de Limoeiro do Norte no período da Primeira República.

<sup>158</sup> Francisco Clodoveu Vidal. Op. Cit.

<sup>159</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. Op. Cit. p. 359.

consolidou com sua primeira eleição para vereador da Câmara Municipal de Limoeiro, em 1933. Esse envolvimento é fundamental para despertar o seu interesse pelas coisas da política.

Para entender melhor a liderança que Franklin exerceu na chefia do Núcleo da Ação Integralista Brasileira em Limoeiro, deve-se destacar também, que em seu processo de formação política, o jornal *O Nordeste* exerceu um papel importante. Quando Franklin Chaves chega a Limoeiro, seu acesso ao jornal se dava na casa comercial de seu irmão, mas acredito que sua família, quando ainda este morava em Fortaleza, deveria ser assinante do referido jornal, haja vista a proximidade desta com a cúpula da Igreja Católica.

O que importa, porém, é destacar que o jornal *O Nordeste* era um periódico de responsabilidade da Igreja Católica e veiculava o pensamento social da igreja, muito atuante politicamente, nas primeiras décadas do século XX, sobretudo, a partir das Criações da revista *A Ordem*, 1922, e do Centro Dom Vital, 1923, conduzidos pelo Cardeal Dom Sebastião Leme,<sup>160</sup> da Arquidiocese do Rio de Janeiro, que tinha como finalidade preparar quadros intelectuais, capazes de intervir na realidade social. *Em 1929, inicia-se no jornal Católico 'O Nordeste', de Fortaleza, uma série de artigos, que denunciam o estado de decadência política e moral, a grave crise espiritual por que atravessava a Nação<sup>161</sup>. É nesse pensamento que Franklin vai ser formado, o que, de certa maneira, habilita-o para a empreitada integralista que estava por vir, uma vez que a aproximação da Igreja Católica com o Integralismo era cada vez mais acelerada.*

Seu irmão, José Chaves, possuía uma assinatura do referido jornal, que era bastante lido em Limoeiro, por grande parte das famílias que ali residiam, como explica o Sr. Evaldo Holanda:

...então ai esse povo era o que assinava o jornal O Nordeste. Por que? Porque O Nordeste era um jornal Católico, editado pela Arquidiocese de Fortaleza. Dom Manuel da Silva Gomes foi quem criou, fundou o jornal O Nordeste, da Arquidiocese. Então não tinha... eu me lembro de ver um monte...<sup>162</sup>

<sup>160</sup> PARENTE, Josênio. Op. Cit. p. 77-80.

<sup>161</sup> MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *O Trono e o Altar: As Vicissitudes do Integralismo no Ceará(1817-1978)*. Fortaleza: BNB, 1992, p.185.

<sup>162</sup> Evaldo Holanda Maia. Op. Cit.



Como se pode observar, parte da comunidade dos limoeirenses, acredito que, principalmente aquelas famílias mais abastadas tinham assinatura do jornal *O Nordeste*, um veículo de difusão do catolicismo social, baseado na crítica aos males que afligiam a sociedade, preparando, assim, os espíritos cristãos para o combate aos mesmos. Intui-se que as famílias que assinavam o citado jornal eram àquelas ligadas ao círculo do poder local e o faziam por orientação da Igreja Católica. Dessa forma, o referido jornal deve ter contribuído sobremaneira para a formação política daquela população, sintonizada com os princípios ditados pela Igreja e que iria ser suscetível ao pensamento integralista. Foi através da leitura do referido jornal que Franklin Chaves entrou em contato com o pensamento de Plínio Salgado:

... comecei a ler uns artigos que eu achava muito interessante, de um sujeito que eu não conhecia, Plínio Salgado. Então, me entusiasmei por aquilo, fui lendo, fui lendo, fui lendo e me tornei um integralista, sim. Foi uma adesão ao integralismo por idéia. Achei aquilo muito bonito e tal. Quase que minha primeira manifestação política<sup>163</sup>

O pensamento de Plínio Salgado calou bem na consciência de um indivíduo formado na tradição do catolicismo. Franklin Chaves podia não conhecer diretamente o Plínio Salgado, mas sua idéias, talvez as conhecesse há mais tempo, visto que, mantinha relação com a cúpula do movimento integralista no Ceará. Algo chama a atenção nos pronunciamentos de Franklin Chaves, o fato dele sempre apresentar sua relação com uma pessoa, com uma idéia, com um movimento ou uma situação política qualquer de forma casual e nunca como uma iniciativa política própria. Considero que dessa forma, sua fala acaba desautorizando possíveis questionamentos ao pairar acima da realidade, pois não a localiza no contexto das relações políticas concretas.

Quanto ao fato de apresentar o Integralismo como, possivelmente, tendo sido sua primeira experiência política, entra em contradição com afirmações anteriores, em que diz que se elegera vereador antes mesmo de organizar o movimento integralista. Sua eleição à vereador atendia aos imperativos políticos da família, denotando que, ele próprio, já era integrante de

<sup>163</sup> Franklin Chaves. Op. Cit. p. 06.

uma tradição política que deveria ser mantida. Essa contradição entre diferentes momentos da sua fala nos revela as imprecisões do trabalho com as fontes orais, de um lado, e do outro, um recurso utilizado pelo sujeito que lembra no intuito de dar maior significado a umas passagens de sua vida em detrimento de outras. Dessa forma, quando Franklin aponta o integralismo como sendo sua primeira experiência, minimizando sua ativa relação no jogo político oligárquico, próprio da política dos coronéis.

Em 1934 ele dá início à fundação do Núcleo da Ação Integralista Brasileira, em Limoeiro, reunindo um grupo de jovens:

Eu já tinha um grupo de amigos e eu vinha lendo aqueles jornais e tal. E havia um grupo de.... Já era vereador... Eu fundei lá. Lá em Limoeiro eu fundei um núcleo da Ação Integralista Brasileira. Fundei uma sedezinha, com uns banquinhos. Então comecei a ensinar o Hino Nacional, que eles não sabiam cantar o Hino Nacional. Lá em casa tinha um terreno ao lado e comecei a ensinar àqueles rapazes o exercício da ordem unida.<sup>164</sup>

O depoimento de Franklin Chaves ao NUDOC/UFC aparece de forma tímida e entremeado de lacunas, de reticências, além de atenuar a sua importância no tocante à criação do movimento, perceptível em expressões como: sedezinha, banquinhos. Quando afirma que já *havia um grupo de...*, deduz-se que se tratava de um grupo de rapazes, coetâneos do Franklin, que iriam ser os futuros monitores nas escolas criadas nas localidades rurais, conforme já mencionamos. Aqui, Franklin, a exemplo da fala anterior, ele remete sua participação para uma casualidade, uma eventualidade. Como *sem querer* reuniu um grupo de amigos para ensinar-lhes algo, de que não sabiam e, assim, foi surgindo integralismo. Contudo, chama a atenção, além do fato dele já ser vereador, conforme declara, aquilo que *ensinava aos amigos* como: o Hino Nacional, a ordem unida. Essas atividades são a expressão das estratégias integralistas de arregimentação e doutrinação, o que mostra que ele estava bem instruído acerca de suas responsabilidades para edificar o movimento em Limoeiro.

---

<sup>164</sup> Franklin Chaves. Op. Cit. p. 15.



Nesse sentido, deve-se destacar que o Sr. Franklin Chaves teve atuação de grande relevo e responsabilidade pela criação do Núcleo Integralista local, visto que ele foi procurado pelos líderes do Movimento Integralista de Fortaleza que lhe propuseram a criação de um núcleo em Limoeiro. Assim descreve:

Agora, depois da Legião , não sei, veio logo o Integralismo e eles puseram a Legião de lado ou deixaram e entraram para o Integralismo. O fato é que eles tinham essa visão integralista e quando me procuraram, eu aceitei, porque era aquilo que eu pensava, era aquilo que eu sentia.<sup>165</sup>

Ao contrário da citação anterior, essa mostra o grau de envolvimento de Franklin Chaves com a cúpula do Movimento Integralista no Ceará, pois fora procurado pelos Tenente Severino Sombra, Padre Hélder Câmara e Waldemar Falcão, pessoas que ele cita duas linhas antes na mesma entrevista quando é perguntado se havia tomado parte da Legião Cearense do Trabalho. A resposta é negativa, mas, na seqüência, mostra que os líderes daquele movimento foram os mesmos que lideraram o Integralismo, movimento no qual ele se inseriu e fê-lo criar em Limoeiro, pois estava de acordo com suas convicções. Embora na entrevista ele não tenha precisado a relação entre LCT e Integralismo, não minimiza a importância do relato, no que concerne ao seu envolvimento.

A visão do Sr. Cristóvão Maia Pitombeira é corroboradora do que se vem enfatizando, principalmente quando este se refere ao início do Integralismo local sob a chefia de Franklin Chaves: *Primeiro é que no Integralismo aqui, era dirigido pela chefia de Franklin Chaves, é quem trouxe o integralismo para Limoeiro*".<sup>166</sup>

Contudo, os primeiros anos do movimento vão ser de dificuldade para se estruturar, só conseguindo uma maior adesão com a criação da Escola de Formação de Instrutores. Acrescente-se que não seria de admirar que no seu início a população local, em sua grande maioria visse com uma certa desconfiança movimentos de qualquer natureza, pois não eram muito habituados a participar ativamente de atividades políticas, haja vista que o jogo

<sup>165</sup> Franklin Chaves. Op. Cit. p.15.

<sup>166</sup> Cristóvão Maia Pitombeira, 02/01/1996.

político partidário da Primeira República não comportava a participação popular. Nesse período, os partidos políticos, ainda regionalizados, eram instrumentos das oligarquias locais que se sintonizavam com as de âmbito nacional para garantir a chamada *política dos governadores* que predominou durante esse período.

O referido modelo político adotado durante a Primeira República, que ficou conhecido como *política dos governadores*,<sup>167</sup> vigorou, sobretudo a partir do governo de Campos Sales, e marca principalmente um predomínio das elites agrárias na definição do modelo de República implementado, após os embates em torno de seus destinos ocorridos nos anos posteriores à sua proclamação. Nesse sentido, o liberalismo econômico e o federalismo reivindicados pelos cafeicultores passam a ser adotados, refletindo, assim, os interesses político-econômicos desses segmentos. Esse modelo consistia na troca de favores entre os governos federal e estadual no intuito de afastar os grupos políticos indesejáveis da esfera do poder. Isso levou à formação de grupos oligárquicos nos diferentes estados do Brasil que controlavam seus *currais eleitorais* com o apoio dos coronéis locais, que controlavam os votos em seus municípios e em troca dos mesmos recebiam as benesses do Estado. Dessa forma, os diferentes segmentos sociais ligados à massa da população ficavam aliados do jogo político.

Em Limoeiro, o cenário não diferia muito dos demais municípios, se levado em consideração que esses partidos políticos eram liderados por grupos familiares que faziam uso dessas siglas políticas para negociar seus próprios interesses, excluindo, dessa forma, a maioria da população<sup>168</sup>. Um exemplo

<sup>167</sup> "No sistema construído, os verdadeiros protagonistas do processo político eram os Estados, os quais, dotados dos necessários suportes legais, dominavam a política nacional. Em troca da garantia de tal autonomia, sem a intervenção da União e do direito de controlar as nomeações federais, os Estados davam apoio ao presidente da República, sem o qual esse não subsistiria no poder(...). A força de uma oligarquia estadual advinda do controle exercido sobre os grandes coronéis municipais, condutores da massa eleitoral incapacitada e impotente para participar do processo político que lhes fora aberto com o regime representativo imposto pela constituição de 1891" SOUZA, Maria do Carmo Campello de. O Processo Político-Partidário na Primeira República. IN. MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Brasil em Perspectiva*. 6ª Edição; Rio de Janeiro: DIFEL, p. 185 (Corpo e Alma do Brasil).

<sup>168</sup> A família Chaves liderava o Partido Cafinfin, que representava a ala mais conservadora, aliada da hora do grupo que se encontrava no poder. A família Oliveira liderava o Partido Maloqueiro (Liberais, Democratas), e faziam oposição àqueles. Essa dominação para os partidos políticos era utilizada em todo estado do Ceará. LIMA, Lauro de Oliveira. Op. Cit. p. 345.



contundente dessa realidade pode ser mostrado, resgatando mais uma vez as lembranças do episódio, anteriormente mencionado, das divergências políticas entre o Padre Acelino que liderava um grupo contra a família Chaves a qual estava à frente de outro agrupamento. Essas divergências envolviam a população somente do ponto de vista superficial, dada a proximidade dessa com os contendores, mas do ponto de vista do poder de decisão, não se aplica a essa realidade. Dois exemplos, podem ser destacados para mostrar como essa população local estava, ao mesmo tempo próxima, e distante das disputas políticas partidárias do período. Próxima, porque ela repercutia em momentos importantes da vida cotidiana, e distante, por não possuir poder de interferir em seu destino. O primeiro pode ser extraído do texto do Monsenhor João Olímpio Castello Branco em que destaca que essas divergências repercutiam até nos momentos da festa da Padroeira do Município, Nossa Senhora da Conceição, quando as próprias quermesses - partidos Azul e Vermelho - estavam ligadas a esses grupos, chegando, em determinados momentos, ao fato de manterem nas barracas um arsenal de pedras para serem atiradas uns nos outros, se fosse *necessário*<sup>169</sup> Na Segunda situação, pode-se recordar outras duas passagens anteriores que mostram a associação do poder cartorial com as eleições a *bico de pena*, afastando, de forma sumária, qualquer tentativa de romper com o sistema eleitoral vigente e, conseqüentemente, de adentrar ao fechado circuito do poder político.

Essa exclusão da sociedade do processo político se verifica por toda a Primeira República, contrastando, em certa medida, com o que a ideologia integralista pregava, pelo menos, nas falas que os depoentes concederam para esse trabalho. A ideologia integralista se apresentava aos olhos da população como algo novo, como uma oportunidade de participar efetivamente do jogo político partidário do qual se via afastada, bem como possibilitava, no campo da construção de suas imagens, a essa mesma população pensar-se, enquanto construtora de uma nova realidade, suporte para o engrandecimento da Nação. O jogo político tradicional era apenas animado pelas disputas locais

---

<sup>169</sup> Relato de Dona Judite Chaves Saraiva vide CASTELLO BRANCO, João Olímpio. Op. Cit. p. 115.

encabeçadas por dois grupos familiares e servia à necessária desorganização do sistema, no modelo coronelístico, levado aos municípios para daí garantir os votos necessários às oligarquias estaduais. Em contraposição a essa realidade o Integralismo buscava congregar os elementos populacionais locais no cenário político nacional. Era essa a sensação despertada pelo movimento junto à população.

Se, por um lado, a população vinha sendo historicamente afastada da atividade política, do exercício dos seus direitos mínimos de cidadãos, levando-a a olhar com uma certa desconfiança as primeiras manifestações públicas do Movimento Integralista, por outro, era sequiosa de participação, o que lhe confere o desejo de ser sujeito do processo histórico dantes negado.

A esse respeito se expressa o Sr. Cristóvão Pitombeira:

Quando começou o integralismo em Limoeiro que era um blocozinho muito pequeno, nós recebemos muita piada, porque você sabe que o integralismo tinha uma farda especial(...) então, nós éramos tidos como galinhas-verdes, éramos chamados de galinhas-verdes. Quando nós começamos a se organizar assim na praça para fazer uma pequena marcha, poucos integralistas, iam nas janelas, nas portas lá chamando galinhas-verdes<sup>170</sup>

Claro está que esse comportamento arredo e até mesmo de um certo escárnio por parte da população, em relação às primeiras marchas e desfiles do Integralismo pode ser entendido também com sendo parte das divergências políticas advindas do grupo rival comandado pela família Oliveira, que não aderiu ao movimento integralista. Embora o Sr. Evaldo Holanda relate que os membros dessa família os Srs. Manfredo, Mário e Mamede Oliveira fossem pessoas, de *conduta séria* e, portanto, não apoiavam esse tipo de atitude, ficava difícil conter o ímpeto de pessoas que, com seu espírito *moleque*, fizessem pilhérias com os primeiros indivíduos que se mostravam publicamente fardados com suas camisas verdes.

Às véspera da criação do núcleo da AIB, as disputas políticas locais estavam concentradas em dois grupos distintos, aquele liderado pelos Chaves, que assumiam as posições ditas conservadoras e aquele liderado pelos

<sup>170</sup> Cristóvão Maia Pitombeira. 02/01/1996.



Oliveiras, representantes dos democratas. No auge dos acontecimentos de 30, os Oliveiras se alinhavam com as proposições do movimento tenentista, apoiando os Távoras em sua trajetória no poder cearense, enquanto os Chaves ainda se mantinham aliados às antigas oligarquias que vinham desde o tempo dos Accioly, passando por Franco Rabelo e se realinhando com os que o depuseram. Em um trecho de sua entrevista para o NUDOC/UFC, Franklin Chaves afirma que seu pai fora um aliado dos Accioly, mas diz não saber porque motivo este se voltara contra os mesmos, aderindo à causa da revolta de 1914, conduzida por Rabelo.

Depois eles não sei porque razão, porque eu era muito criança, eles se afastaram dos Accioly e se incorporaram posteriormente ao grupo que combatia os Accioly... Papai que era um político de muita evidência foi nomeado intendente(...), foi Prefeito de Porangaba-1914/1915<sup>171</sup>

Pode-se presumir, portanto, que nesse jogo político, a referida família sempre preservou a conduta de estar próximo aos que exerciam, efetivamente, o poder estadual e isso se verificará logo após os acontecimentos de trinta, pois momentaneamente, os Oliveiras, na pessoa do Sr. Mamede Oliveira assumiram a Prefeitura Municipal, em consonância com a aliança que mantinham com os Távoras (Tenentistas). Mas, à medida em que os *Tenentes* foram sendo afastados do poder por Getúlio Vargas, em Limoeiro, a família Chaves reassumia o seu posto. Dessa forma, quando Franklin Chaves afirma, em sua entrevista, não entender o porquê de sua família, em um determinado momento, ser aliada dos Accioly e logo em seguida aderir a Franco Rabelo, voltando à companhia dos primeiros, quando Rabelo é deposto, mostra-se um jogo da própria memória que visa ocultar essa migração constante de seus familiares em direção aos que estavam no poder, pois, dessa aliança, advinham benefícios.

O quadro político em Limoeiro reflete os acontecimentos em todo o Estado do Ceará, no limiar do movimento de outubro de 1930, que conduziu Getúlio Vargas e os ideais tenentistas ao poder. O grupo dos tenentes era liderado no Ceará pelos Távoras, nas pessoas de Fernandes e Juarez Távora.

---

<sup>171</sup> Franklin Chaves. Op. Cit. p. 03-04.

dimensões de tempo passado e tempo presente o faz com muita propriedade, haja vista as memórias oficiais sobre os *Anzacs* não corresponderem em muitos momentos à memória individual daqueles antigos militantes.

É interessante observar que há, do ponto de vista da historiografia oficial, toda uma imagem construída sobre a participação dos soldados australianos durante a Grande Guerra, 1914-1918. São imagens já sacralizadas que fazem parte do calendário das comemorações oficiais daquele país, pois eles são considerados os forjadores da nacionalidade australiana, presentes em elementos e símbolos como a independência, o espírito de igualdade, o companheirismo, a coragem e o patriotismo, constituindo-se em verdadeira lenda, segundo Thomson.<sup>240</sup>

A partir das entrevistas com soldados das tropas formadas por elementos da classe trabalhadora, Thomson começou a perceber que a lenda dos *Anzacs* não correspondia, necessariamente, às memórias desses soldados, mostrando o contraste existente entre as experiências deles e a lenda que prevalecia sobre a história da formação da nacionalidade australiana, pois não era possível perceber, como convencionou, heroísmos entre esses ex-combatentes. Além disso, era perfeitamente perceptível a distinção entre os soldados de escalão inferior e os oficiais, pois os soldados referiam-se, com frequência, às práticas autoritárias destes. Thomson, destaca, ainda, que muitos desses ex-combatentes desiludiram-se com as comemorações oficiais e vieram a adotar posições políticas mais radicais, denotando que as memórias desses veteranos trabalhadores foram esquecidas pela história.

Aqui se levanta uma questão: qual a relação das reminiscências desses veteranos com a história oficial? como eles as utilizavam? qual a fronteira entre as duas memórias: a instituída pela história oficial e a dos ex-combatentes? que influência tem a história oficial sobre os relatos dos soldados trabalhadores? Essas mesmas perguntas, com poucas variações feitas aos materiais com ex-militantes e contemporâneos do Movimento Integralista em Limoeiro, sugeriu que há uma interpenetração entre ambas, visto que muito do que os depoente destacam coincide com a bibliografia sobre o assunto. Assim, deduzo que história oficial sobre um acontecimento pode exercer influência sobre os

---

<sup>240</sup> THOMSON, Alistair. Op. Cit. p. 54-55.



depoimentos orais. Sobre essas questões acredito não haver respostas simples, mas podem-se encontrar pistas no que Alistair Thomson descreve:

Contudo, as entrevistas indicam também que as reminiscências dos soldados da classe trabalhadora estavam entrelaçadas com a lenda sobre sua vida, e que os veteranos haviam adotado e utilizado a lenda dos Anzacs exatamente porque ela tinha muita repercussão e porque era útil às suas próprias reminiscências. (...) Muitos tinham lido a história oficial sobre a guerra e contavam casos como se estes fizessem parte de suas próprias experiências.<sup>241</sup>

Pode-se concluir que as memórias dos indivíduos incorporam, ao longo de sua trajetória, informações oferecidas pela história escrita e que seus portadores fazem uso das mesmas na proporção de seus interesses e comprometimentos possíveis. Não que se trate de uma avaliação que reflita um juízo de valor, da minha parte. Não que isso seja bom ou ruim, falso ou verdadeiro, mas serve para entendermos os significados atribuídos pelos sujeitos históricos aos fatos por esses vivenciados. Em determinados momentos, não é confortável para os portadores de *outras memórias* assumi-las publicamente, pois o peso de uma verdade, de uma lenda, como no caso específico dos Anzacs, é muito forte e tende a sufocar outras reminiscências e experiências que não corroborem com o que é aceito.

Da mesma forma que de um lado essa memória oficial sufoca outras, por outro há o desejo, mesmo que incontido, de confrontar com essas verdades, haja vista existirem outros interesses e visões de mundo envolvidos nesse processo. Se a lenda dos Anzacs reforçava a idéia da construção da nacionalidade australiana, de uma identidade única, indivisível e inquestionável, de um lado, do outro, representa o projeto político dos segmentos e projetos vencedores em sua construção. Há, portanto, a necessidade de afirmar as diferenças sociais e de classes por parte dos soldados da classe trabalhadora que não se conformaram com a lenda criada em torno deles próprios, que esconde as múltiplas identidades, experiências de vida e projetos envolvidos, na sua grande maioria vencidos e silenciados.

---

<sup>241</sup> THOMSON, Alistair. Op. Cit. p. 55.

É recorrente no debate proposto por Thomson, assim vejo, que a fronteira entre memória e história é muito fluída, principalmente no que concerne à história oficial celebrativa em que os relatos dos depoentes muitas vezes se confundem com a própria leitura historiográfica para o fato, ocorrendo aí pontos de inflexões simultâneos. Pode-se abstrair do mesmo debate aspectos referentes à democratização da informação histórica, visto que o referido autor trabalha com os segmentos sociais pertencentes às camadas inferiores da hierarquia militar envolvida no conflito, denotando uma luta pela memória histórica em que sobressaem as informações construídas por aqueles que estavam à frente, no comando das operações, e que, por sua vez, coincide com a *história nacional* difundida no seio daquela população.

Vale salientar que, analogamente, utilizo os depoimentos de pessoas que, mesmo ocupando postos importantes dentro do movimento local de Limoeiro, como é o caso de alguns e não de todos os entrevistados, esses não se achavam em condições de interferir nos rumos do movimento em níveis territoriais mais abrangentes como o estadual e o nacional, restringindo suas ações aos espaços da vida política municipal. O caráter autoritário e centralizador do Movimento Integralista impedia um diálogo aberto sobre a doutrina que era definida pelas secretarias nacionais e, em última instância, pela Chefia Nacional. Desse modo, trabalho com as memórias dos segmentos que estavam na base do movimento, se levado em consideração o contexto mais amplo em que ele se desenvolveu. No entanto, ao restringir o campo de visão para as sociabilidades locais, encontraremos marcas profundas do jogo político adstrito ao município, como se viu no capítulo anterior. Assim, parto da idéia de que as interpretações propostas para o movimento, mesmo após sua extinção enquanto partido político, vai ser muito orientada pelos intérpretes ligados ao poder estabelecido, influenciando, assim, para silenciar níveis das experiências localizadas.

Dessa forma, no caso específico da pesquisa com os integralistas, observo intervenções da historiografia integralista nos discursos da maioria dos depoentes, que talvez seja fruto da tradição de uma cultura escolar posterior, à qual muitos tiveram acesso, ou da própria propaganda anti-integralista muito difundida depois que o Partido Integralista foi extinto, principalmente durante a



II Grande Guerra, quando o Integralismo foi identificado com o fascismo e o nazismo. A esse respeito, lembro-me das conversas com o Sr. Clodoveu, nos momentos que antecediam ou sucediam às entrevistas sem que estivesse usando o gravador. Ele fazia questão de mostrar os livros que lia, de forma autodidata, e tratava-se de uma literatura didática por ele adquirida, mesclando, assim, informações de suas percepções e de temas largamente utilizados por esse tipo de literatura.<sup>242</sup>

Alguns exemplos podem ser enumerados, inicialmente como forma de mostrar imbricação entre os dois níveis de interpretação da realidade histórica, ou seja, o discurso dos depoentes e a historiografia sobre o Integralismo. Assim, encontra-se com frequência, nos depoimentos, referência ao papel da chefia; à grande contribuição que Plínio Salgado deu para o Brasil, visto que na visão desses entrevistados, Chefe Nacional reunia grandes atributos políticos e intelectuais; e, principalmente, as imagens produzidas pelo movimento, como os grandes desfiles e os discursos em praças públicas, havendo coincidências entre os desfiles e discursos ocorridos nos grandes centros do País e os que aconteciam em Limoeiro, por ocasião de maior efervescência do mesmo. No entanto, esses depoentes assumem o discurso historiográfico, apenas em certa medida, pois quando o assunto é o fascismo e o nazismo a referência é sempre de afastamento, do tipo: ouvi dizer que em São Paulo era fascista e que Plínio tinha admiração por Mussolini<sup>243</sup>. Esse afastamento é uma posição negociada com a realidade local e que influi nos significados atribuídos ao movimento, buscando, assim, uma razão de ser, que venha justificar suas adesões ou simpatias, como também seus afastamentos.

Lidar com níveis de experiências mais localizadas como essas tem significados que são próprios para aqueles sujeitos históricos, os quais pude apreender no confronto do material. Assim, lancei mão desses exemplos para ilustrar como as reflexões sugeridas por Thomson em seu trabalho são sugestivas para indicar as possibilidades desses atores sociais incorporarem às suas experiências as leituras que tiveram e têm da história oficial, fazendo delas parte da sua própria história, muitas vezes, confundindo-as.

---

<sup>242</sup> Francisco Clodoveu Vidal, 76. Entrevistado - 15/03/2001.

<sup>243</sup> Cristóvão Maia Pitombeira, janeiro 1996.

Não há, portanto, como separá-las, e isto não torna os depoimentos menos ou mais verdadeiros, menos ou mais confiáveis, pois são os significados que lhes são atribuídos que, por sua vez, são frutos de suas variadas formas de contato com o mundo que os cerca. Além do mais, o trabalho com as fontes orais faz emergir esses e tantos outros desafios para os historiadores, colocando em questão o tratamento dado às fontes. Não importa qual seja a sua natureza, o importante é apreender os diferentes significados que os diferentes sujeitos históricos atribuem à realidade. Esta não está terminada, pois esses mesmos sujeitos constroem essa realidade, tendo em vista que ela passa pelo conjunto dos significados que lhes são imputados, pois numa relação do presente com o passado, as reminiscências podem ser alteradas, resignificadas.

Sobre essa matéria, Alistair Thomson, designou como um processo de composição. Veja-se:

Compomos nossas reminiscências para dar sentido à nossa vida passada e presente. Composição é um termo adequadamente ambíguo para descrever o processo de construção de reminiscência. De certa forma, nós as compomos ou construímos utilizando as linguagens e os significados conhecidos de nossa cultura.<sup>244</sup>

A partir desse trecho, pode-se avaliar que os depoimentos são sempre marcados pelos elementos da cultura presente, na qual o sujeito está inscrito e, que, ao pesquisador, cabe-lhe perceber as tensões entre o que é dito e não dito pelo depoente, levando em consideração que as linguagens e imagens utilizadas pela coletividade, nem sempre se encaixam nas experiências individuais dos vários sujeitos envolvidos. Ainda me sintonizo com Thomson, que afirma que as experiências novas ampliam, com frequência, as imagens antigas e que estas geram novas formas de compreensão do passado. Portanto, o trabalho da memória envolve essa relação *passado-presente* e, constantemente, as imagens sobre o passado estão sendo reconstruídas, reelaboradas, reinterpretadas ou resignificadas no presente, com os elementos que a cultura oferece.

---

<sup>244</sup> THOMSON, Alistair. Op. Cit. p. 55



No trabalho com as memórias integralistas, essa tensão entre o que publicamente tem sido dito sobre o movimento, isto é, a memória oficial e os depoimentos coletados, que expressam as experiências individuais, observo como o tempo presente, ou as experiências vividas pós-integralismo muito influenciaram para a definição dos relatos dessas experiências, perceptíveis tanto em momentos de forte entusiasmo pelo que representou o projeto integralista, bem como nos silêncios de suas relações com o fascismo. O momento presente permite ou não que determinada informação seja perfeitamente dita e aceita, pois o que eles lembram e relatam, bem como os sentidos que são conferidos aos mesmos mudam com o passar do tempo. Por ter essa compreensão, é que num momento anterior de trabalho com o material das entrevistas cataloguei-as e sistematizei-as e percebi que nelas apareciam indícios de uma certa trajetória da memória integralista, um percurso da memória, considerando que os depoimentos foram apanhados muitos anos após os acontecimentos, ou melhor, mais de meio século depois, o que seria quase natural aceitar que essas tenham sido reelaboradas, nesse percurso. Assim, percebe-se que durante seu trajeto muitas informações foram incorporadas, influenciando, assim, para definir o que deveria ser publicado e omitido naquele momento de realização das entrevistas.

Um tema bastante caro ao Integralismo e aos ex-militantes e contemporâneos do Movimento Integralista em Limoeiro diz respeito à sua filiação ideológica ao fascismo europeu. Percebi, no geral, que, ao serem indagados da relação do integralismo com o fascismo, via de regra, os depoentes reagiam afirmando que isso é coisa que acontecia em outro lugar, geralmente apontando para os grandes centros urbanos. Na verdade, essa constatação interessou-me, na medida em que me permitiu perceber a tensão entre as experiências vividas no passado e a construção de uma memória permeada por elementos do presente. Uma possibilidade de estabelecer o ponto de tensão se refere às imagens negativas criadas sobre o Integralismo, após a decretação do seu fechamento pelo Estado Novo e, sobre o fascismo, a partir da derrota nazi-fascista na Segunda Grande Guerra e sua associação aos horrores cometidos nos Campos de Concentração espalhados pela Europa. Este último evento pode exercer um papel preponderante no processo

de construção da memória em que prevalece a intenção de omitir publicamente a relação da experiência vivida por aqueles sujeitos com o caráter fascista do mesmo. Portanto, em suas imagens construídas sobre o movimento não havia lugar para algo que pudesse aparecer como um elemento maculador de um projeto que para eles era viável e necessário para redimir o Brasil dos males herdados de experiências históricas anteriores. Era esse o discurso corrente à época do movimento e que, a partir dele e das imagens construídas de uma Nação unida e coesa, alimentou os sonhos para aquelas pessoas envolvidas.

Aqui interpõe-se uma questão: os depoentes ao negarem, omitirem, silenciarem ou tergiversarem no que se refere às características fascistas do movimento integralista, estão buscando, de certa forma, desidentificar-se com o fascismo e não com o movimento em si, pois apreenderam na própria experiência histórica, quando o nazismo e o fascismos foram execrados. Deduz-se, assim, que os militantes integralistas se identificavam com a utopia e não com os massacres nazistas. Mesmo identificando-se com sua utopia, ficava por demais oneroso assumir abertamente que participaram de um movimento com tais feições, principalmente diante de seus descendente, que não viveram sua época, causando-lhes, assim, certa estranheza.

Sobre essa questão, lembro-me de um certo momento em que visitava o Sr. José Amirto Maia para entrevistá-lo e, ao terminar, em um momento de descontração, ele brincava, dizendo que suas filhas, ao ouvirem relatos semelhantes aos que me havia concedido, destacando, sobretudo, que todos os seus familiares ascendentes haviam integrado o movimento, elas sentenciavam em tom de pilhéria: então quer dizer que vovô era nazista.<sup>245</sup> Nesse mesmo momento, interoguei se as brincadeiras de suas filhas tinham procedência. Ele deu voltas e evitou responder.

Nota-se que este ponto do trabalho que envolve a relação do Movimento Integralista com o nazifascismo é central para pensar as injunções que a historiografia oficial exerce sobre a memória oral, visto que as informações adquiridas *a posteriori* dão elementos para os depoentes perceberem esse casamento e, ao mesmo tempo, abrem-lhes a possibilidade de reelaborar suas lembranças sobre o passado vivido, qualificando-o. Deduz-

---

<sup>245</sup> José Amirto Maia, 70. 16/03/2001.



se que a execração do nazismo, faz com que a memória dos ex-militantes da Ação Integralista Brasileira, em Limoeiro, rejeitem qualquer vinculação deste com o nazifascismo europeu.

Sobre a relação do presente com o passado na *composição* da memória, alguns indícios se mostraram bastante reveladores e trouxeram a possibilidade de estabelecer uma reflexão em torno do que denominei de construção de um *imaginário anticomunista*, pois, através dessa temática, pude chegar aos sentidos do Integralismo no seio de uma população rural, que tinha uma lógica de vida diferenciada daquela vivida nos grandes centros urbanos, uma vez que nessas localidades interioranas não se encontravam segmentos sociais tão comuns às urbes, como a classe operária ou a classe média tradicional. Mesmo considerando que o anticomunismo trata-se de um fenômeno ainda presente nos dias atuais, arrisco asseverar que se não nasceu com o movimento integralista, mas que foi com ele que adquiriu grande força, a ponto de sobreviver por vários períodos e ainda se mostrar bastante arraigado no imaginário político da população nos dias de hoje.

Nesse sentido lembro, a título de exemplos, dois momentos distintos em que o anticomunismo mostra sua força e atualidade. O primeiro foi quando estive visitando um dos depoentes, em 1996,<sup>246</sup> que criticara, à época, o fato de pessoas ditas católicas se prestarem a votar em candidatos comunistas, pois muitos haviam votado no candidato do Partido dos Trabalhadores nas últimas eleições presidenciais, e isso não era admitido na sua visão. O segundo pode ser visto na propaganda anticomunista utilizada no pleito eleitoral para os municípios no ano de 2000, principalmente em Fortaleza, lugar onde um candidato de sigla comunista disputou o segundo turno da referida eleição, mas foi derrotado, apresentando-me como indício para refletir sobre a atualidade do anticomunismo. Através desses dois exemplos, quero mostrar o quão é presente o sentimento anticomunista e o quão o movimento integralista pode ter contribuído para reforçar tal sentimento em seu contexto, muito embora não possa precisar se o anticomunismo, enquanto imaginário que está introjetado na cabeça e no coração das pessoas, tenha nascido com o integralismo, mas posso indicar a possibilidade de que com o Integralismo e os

---

<sup>246</sup> Cristóvão Maia Pitombeira, janeiro 1996.

movimentos autoritários e nacionalistas de sua época, ele tenha sedimentado suas bases e aprofundado suas raízes para se projetar com muita força na continuidade da história.

Quando o assunto são os silêncios ou os esquecimentos como elementos constitutivos da memória e do ato de lembrar, destaco Michael Pollak, em *Memória, Esquecimento, Silêncio*.<sup>247</sup> Partindo das contribuições e da concepção de memória coletiva, de Maurice de Halbwacs, aprofunda o debate sobre essa problemática, e transcende às formulações iniciais daquele. É possível constatar tal movimento, quando se observa que Halbwacs se inscreve no contexto de uma tradição durkheimiana que trata os fatos sociais como coisas e vê a memória coletiva como uma força quase que institucional e que confere aos indivíduos o caráter de coesão social, numa espécie de comunidade afetiva, em que a Nação é a expressão mais acabada desse sentimento. Diferentemente deste, Pollak destaca que os fatos sociais não devem ser vistos como coisas, mas como eles tornam-se coisas. Para melhor compreender destaco o que diz a este respeito:

Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisa, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias.<sup>248</sup>

Percebe-se que entre Pollak e Halbwacs se pode encontrar diferenças, principalmente no que reside à reabilitação da memória dos excluídos e marginalizados, pois o primeiro trabalha com o que ele próprio definiu como *memórias subterrâneas*, aludindo que essas fazem parte das culturas minoritárias e se opõem à *memória oficial*, e que atuam no silêncio para subvertê-las. Essas memórias subterrâneas vêm à tona em momentos de crise, quando a memória entra em disputa. Quanto a Halbwacs, este enfatiza o caráter destruidor e opressor da *memória nacional*, expressão máxima da

<sup>247</sup> POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In. *Revista Estudos Históricos*. V. 2. N.º 3. FGV. Rio de Janeiro: Vértice, 1989.

<sup>248</sup> POLLAK, Michael. *Op. Cit.* p. 4.



relação de afetividade do indivíduo com seu grupo. Nesse caso pode-se aferir que em Halbwachs a memória atua como uma espécie de camisa-de-força que aprisiona os indivíduos aos caprichos da Nação, roubando-lhes a capacidade de subverter tal situação. Quanto a Pollak, ao se interessar pelo processo de constituição e formalização das memórias e pelos atores que intervêm nesse processo em vez de tratá-las meramente como coisas, que estariam dadas, ele está privilegiando a disputa entre as diferentes memórias, isto é, os momentos de crises em que as chamadas memórias subterrâneas tendem a irromperem-se e confrontarem-se com a memória oficial, a memória nacional.

Mesmo aceitando as reflexões de Pollak sobre as *memórias subterrâneas* em confronto constante com as memórias oficiais que representam a *história da nação*, não se deve esquecer o que já foi tratado anteriormente sobre a interpenetração das memórias no ato de lembrar e relembrar, de significar e resignificar o passado, lugar privilegiado das tensões entre as memórias individuais e coletivas e como foi sugerido por Thomson sobre o imbricamento entre as memórias dos indivíduos e a memória oficial, que estão em constante interação, uma interferindo na redefinição da outra. Assim, interesse-me, em particular, pelo que Pollak acrescenta no tocante aos grupos subalternos que buscam encontrar o momento ideal para fazer com que suas memórias se irrompam do silêncio a que foram relegadas, visto que o processo de constituição das memórias nacionais se constrói no silêncio dos grupos marginalizados da história, num claro processo de disputa da memória.

Dessa forma ao considerar que a memória oficial é fruto de construção dos grupos e projetos vencedores ao longo de um processo histórico, as memórias subterrâneas portam-se as memórias de grupos e indivíduos excluídos desse processo, pois no bojo da memória nacional não há lugar para as dissonâncias. Portanto, os fatos sociais de que trata Pollak, são construções que obedecem aos imperativos do jogo de interesse entre os diferentes grupos que disputam a memória.

A partir de vários exemplos como o da destalinização na Rússia, em dois momentos distintos, o dos sobreviventes do campo de concentração que anos mais tarde retornam à Alemanha e à Áustria, e o dos recrutamentos forçados de alsacianos levado a cabo pelos alemães durante a Segunda

Guerra Mundial, Pollak vai tecendo suas considerações sobre as disputas pela memória e, ao mesmo tempo, conduz o leitor a refletir sobre a clivagem entre as memórias oficiais e as memórias subterrâneas e como o silêncio constituindo elementos definidores no estudo da memória.<sup>249</sup>

Tratando do silêncio, em especial, como forma de conservar as memórias subterrâneas que emergem em certos momentos, Pollak afirma:

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discurso oficial. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas.<sup>250</sup>

Observa-se, a partir dessa assertiva, que as memórias subterrâneas têm seus suportes que contribuem para que não se percam e que refletem formas, mesmo que silenciosas de opor-se às ideologias dominantes, às memórias que se constituíram em memórias oficiais, ou melhor, em memórias nacionais. A emergência dessas memórias dos excluídos aflora em momentos muito particulares de crises ou de necessidade de mantê-las vivas. Esses silêncios dão, assim como aquilo que é público, significados ao passado. Chamo a atenção, porém, como nos sugere o autor em destaque, que a disputa entre as memórias subterrâneas e a memória dominante não se refere, obrigatoriamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil, mas encontra-se presente nas disputas entre os diferentes grupos sociais ou de grupos minoritários em relação à sociedade englobante.

As situações descritas por Michael Pollak, com os três exemplos, são múltiplas, pois os silêncios obedecem a motivações muito específicas do grupo que se está estudando, por exemplo: no caso da desestalinização, entra em questão um processo conduzido pelo próprio Estado que pretende fazer uma *autocrítica* do passado, mas as memórias de grupos minoritários esperavam o momento certo para se expressarem. Quanto aos sobreviventes dos campos de concentração que retornam aos seus lugares de origem, os silêncios dão-se muito por conta de uma tolerância entre os que não passaram pelo mesmo

<sup>249</sup> POLLAK, Michael. Op. Cit. p. 4.

<sup>250</sup> POLLAK, Michael. Op. Cit. p. 5.



processo, necessária à própria convivência entre ambos e à reconstrução de suas vidas, bem prioritária para quem retornara de uma experiência que gerou lembranças traumáticas. No exemplo dos alsacianos que foram recrutados à força, exigiu-se que a memória aflorasse com uma certa brevidade para lutar contra os estigmas e mitos que se formavam sobre os mesmos.

Enfim, resgatei esses exemplo para mostrar o quão significativo é o estudo da memória a partir dos silêncios percebidos em suas diferentes dimensões e motivações, concluindo, portanto que os silêncios são tão importantes ou até mais do que aquilo que é dito e tornado publico, pois através dele, pode-se penetrar nos diferentes sentidos que os indivíduos conferem aos fatos.

Recorde-se então um momento desses depoimentos, em particular a fala do Sr. Clodoveu, ao tratar do caráter fascista do movimento:

Bem, admito que lá para a cúpula do setor nacional, até estadual, tivesse alguma ligação , alguma vinculação ou até vamos admitir até alguns financiamentos, porque toda organização requer dinheiro. Pois bem, naquele tempo eu acredito que aqui, para o integralismo do interior, isso era uma coisa que não chegava ao conhecimento deles, se houvesse eles pode ser inocentado, que eles não teve o conhecimento da ligação.<sup>251</sup>

Observa-se no teor da fala uma reivindicação de afastamento para abordar o assunto, principalmente quando o tema é o fascismo, remetendo-o para outros níveis de experiência que está além da realidade concreta e imediata vivida pelos sujeitos envolvidos. Isto garante uma certa isenção, frente ao que está sendo dito e demonstra um conhecimento anterior sobre a matéria. Enfim, quer-se mostrar que esse silêncio pode aparecer para legitimar o movimento integralista e preservar seus integrantes que, direta ou indiretamente, devem guardar laços de parentescos bem próximos ao depoente, se não devem fazer parte do grupo de convivência do mesmo, e, dessa forma não é conveniente declarar abertamente que o movimento era fascista.

---

<sup>251</sup> Francisco Clodoveu Vidal, janeiro de 1996.

Não se trata apenas de uma memória subalterna que se irrompe num momento de crise como observou Pollak, mas de uma memória muito particular de um grupo que deve guardar, tacitamente, determinadas cumplicidades que o impede de falar abertamente sobre um ou outro tema relacionado ao integralismo. Além do mais deve-se acrescentar que nesse quadro é muito comum o realce dado a temas mais dignificadores do movimento do que este, tão abertamente criticado nos períodos subsequentes ao fechamento do integralismo.

Dessa forma, talvez devesse se referir a esse depoimento como a manifestação de uma memória erigida coletivamente e que internamente, ao grupo, guarda uma certa coerência de significados, denotando, assim, um processo de identidade de grupo, com seus códigos de conduta, ou a formação de uma comunidade de sentido para o fato. Nesse sentido, lembro Ecléa Bosi quando afirma: *A identificação nasce de uma comunidade afetiva e ideológica, entre o indivíduo e o grupo local dominante, comunidade que a ação conjunta só poderia reforçar.*<sup>252</sup>

Se essa forma de significar o Integralismo para muitos dos sujeitos que dele tomaram parte ou simpatizaram com seus ideais for confrontada com a historiografia ou a memória oficial, irá se encontrar um distanciamento entre ambos, pois esta última pintou o movimento integralista em muitos casos, como um mimetismo dos movimentos fascistas europeus ou como expressão de uma sociedade em que o capitalismo se desenvolveu hipertardiamente - esta última forma de ver é mais caricaturada do que a primeira - e irá se observar também que a historiografia oficial sobre o Integralismo vai influenciar essas leituras, visto que o próprio significado atribuído ao fascismo sofrerá inflexões após a derrota dos países do eixo, durante a Segunda Guerra Mundial. A imagem criada do fascismo após sua derrota no conflito mundial foi igualada à imagem que se fazia do comunismo, guardadas as devidas proporções. Se o fascismo fora fonte de inspiração para o movimento integralista, um indício forte pode ser encontrado na doutrina do movimento, no presente em que o depoente concedeu sua entrevista já não o era mais, e, sendo assim, tornava-se

---

<sup>252</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3 ed., São Paulo: Companhia da Letras, 1994, p. 462.



necessário depurar o movimento desse elemento contaminador para garantir que aquilo de que tomaram parte outrora era algo legítimo.

Retomando as reflexões de Pollak para melhor entender a fala dos depoentes, vale salientar que ele traduz de forma muito concisa como as memórias coletivas, sejam elas subterrâneas ou públicas, sejam elas oficiais ou dos grupos excluídos, dizem respeito, principalmente, ao sentimento de pertença do indivíduo ao grupo, um pertencimento que para ele não é unicamente físico, mas, sobretudo, um pertencimento afetivo, remetendo assim para o debate que tem início com um dos pioneiros nesse estudo: Maurice de Halbwacs.<sup>253</sup>

Assim, para Halbwacs, como o grupo sustenta a memória coletiva, esta sustenta o grupo de indivíduos a ele pertencente. A memória coletiva é articulada em torno daquilo que o grupo confere como lhe sendo próprio e que o distingue dos demais e que, na concepção do mesmo, não existe uma memória estritamente individual, pois as lembranças do passado operam a partir de *noções comuns* que se encontram, tanto no nosso espírito como no espírito dos outros e isso só é possível se fizerem parte de uma mesma sociedade.

Assim, pode-se desenvolver algumas reflexões sobre o movimento integralista. Tomando como ponto a citação anterior sobre o caráter fascista do movimento, vê-se que se pode estar diante de um exemplo em que há um grupo que dá sustentabilidade à memória integralista, visto que se encontram muitas coincidências nos diferentes depoimentos, principalmente no que se refere ao anticomunismo, ao fascismo, às escolas integralistas e tantos outros pontos em que os depoimentos guardam certas semelhanças. Da mesma forma, pode-se estar diante de uma memória que faz com que desperte um certo grau de pertencimento ao grupo. Não querendo transpor para o movimento integralista o que Pollak ou Halbwacs desenvolveram sobre o processo de formação da memória coletiva, considero prudente, portando, lançar essas reflexões para o campo das possibilidades de leitura da memória do movimento integralista, pois considero que a noção de comunidade ou de

---

<sup>253</sup> HALBWACS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

pertencimento ao grupo, enquanto elemento estruturante da memória coletiva, é incipiente para pensar a experiência integralista em Limoeiro.

Contudo, devo salientar que a memória integralista deve ser pensada como tendo um certo percurso e que no decorrer do mesmo vem sofrendo inflexões constantes da historiografia oficial e da experiência social, o que lhe imprime processos constantes de resignificação do passado. Alguns fatos alteraram, sobremaneira, no meu entender, esse processo, e aqueles de maior envergadura foram, sem dúvida, o fechamento da Ação Integralista Brasileira em 1937; a Intentona Integralista, decorrência direta do primeiro, pois em maio de 1938 os Integralista tentam derrubar o governo Vargas por ter fechado a AIB, numa ação frustrada<sup>254</sup>; a derrota do nazifascismo na II Guerra Mundial. Esses eventos atraíram para os integralistas toda carga da propaganda varguista que passou a desqualificar o Integralismo, enquanto movimento sério capaz de oferecer soluções para os problemas nacionais.

O estudo da memória coletiva que passa, como afirmou Halbwacs, pelo sentimento afetivo de pertença ao grupo, inscreve-se no debate sobre identidade, tema bastante desenvolvido entre os pesquisadores das últimas décadas, pois a identidade também manifesta-se pelo sentimento de pertença ao grupo. Um elemento importante no tratamento das identidades é que elas constituem-se na interação dos indivíduos entre si, no grupo, e entre os diferentes grupos sociais. A identidade baseia-se no processo de interação, é o momento em que o indivíduo coloca-se frente ao outro, que é visto como ponto de referência para que ocorra a distinção entre os grupos. Segundo, Fredrik Barth, o processo de identificação com o grupo passa pela interação dos membros do grupo entre si e destes com os demais grupos sociais. Nesse processo são escolhidos os elementos de identificação para que se apresentem publicamente.<sup>255</sup>

Essa discussão sobre identidade, pertencimento, adesão afetiva ao grupo, diferença frente ao outro e escolha dos elementos que os identificam é

---

<sup>254</sup> CALIL, Gilberto Grassi. *O Integralismo no Pós-Guerra. A Formação do PRP(1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 69-74(Coleção História -39).

<sup>255</sup> BARTH, Fredrik. *Grupos Étnicos e sua Fronteira*. In. POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. Editora da UNESP. São Paulo: 1998, p. 166-172.



perceptível nos depoimentos dos meus entrevistados, pois a forma como se referem ao movimento demonstra claramente que formavam uma comunidade de pessoas que se identificavam pelas suas proposições, pelos sonhos que alimentavam e, principalmente, pelo estabelecimento do que os diferenciava dos demais grupos sociais do município que não comungavam dos mesmos valores, como no caso, os seus oponentes. É possível, sobretudo, perceber nas entrevistas uma *comunidade de memória*, pois, não obstante perceber informações variadas, há uma certa coincidência tanto nas falas, como nos silêncios.

Determinadas passagens das entrevistas são elucidativas do que estou afirmando, principalmente em três temas recorrentes nas falas. Tratam-se respectivamente da utopia integralista; do anticomunismo; dos símbolos articulados pelo movimento e tratados pelos depoentes na forma da empolgação que o movimento despertava na população. Dessa forma, esses pontos que emergiram das entrevistas são indicativos para se refletir sobre a formação de uma comunidade afetiva que intervém no processo de significação do Integralismo.

Quanto à utopia integralista, muito embora não seja corrente no discurso historiográfico falar de utopia em casos de movimentos declaradamente de direita aplicando-se mais aos estudos dos movimentos sociais de esquerda, considero-a ponto fundamental por possibilitar a articulação do nível da experiência local com o que se passava no restante do país, influenciando, assim, para que os sujeitos sociais envolvidos se projetassem para dentro de um debate que se operava nacionalmente, fato inédito na experiência daqueles indivíduos.

Sobre essa utopia, deve-se deixar aparecer a fala dos depoentes: Primeiramente o Sr. Clodoveu diz: Bem, ele (o Integralismo) defendia o nacionalismo, nacionalismo e, justamente, combatendo esse descalabro que ainda hoje há <sup>256</sup>, denotando que a frustração dessa utopia é que explica a continuidade dos problemas existente ainda hoje e, que já se exigia suas soluções naquela época.

---

<sup>256</sup> Francisco Clodoveu Vidal, 76.

Na fala do Sr Clodoveu, observa-se, ainda, que ele acena para a possibilidade de terem sido solucionados os problemas que marcavam a realidade brasileira de então, dando a noção de um ideal que se colocava acima dos problemas individuais para resolvê-los coletivamente, expressa na figura da Nação. Outro elemento é a articulação do presente com o passado, através de uma análise comparativa dos dois momentos estabelecidos por ele. Na seqüência da entrevista ele afirma que o Chefe Municipal exerceu muita influência para esse despertar, pois, segundo ele, "*o povo era analfabeto, nunca tinha visto idealismo nenhum...*" e, assim, pode ter acesso ao que a doutrina integralista defendia.

O Sr. Aniceto Gomes Ribeiro afirma que o Integralismo defendia:

(...) uma pátria nova, era assim no dizer deles, era como fazer do Brasil um novo Brasil, uma pátria nova, era uma coisa toda renovada, toda muito boa<sup>257</sup>

Esse depoente, mesmo afirmando que não fora integralista e se colocando, em determinados pontos da entrevista como se opondo ao movimento, não escapa, por vez, à força da memória integralista local que articula os elementos que devem ser publicamente anunciados e garantindo assim uma comunidade de sentidos.

Outro depoimento é o do Sr. Evaldo Holanda Maia:

Olha, almejavam um Brasil desenvolvido ligado à família, que havia muito atraso, incluindo isso a educação a saúde e tudo enfim que as classes trabalhadoras, operárias fossem mais bem representadas, que não eram bem representadas nas entidade de classe, nos sindicatos. Razão porque defendiam a tal democracia orgânica, seria a representação por classe (...). Defendiam isso.<sup>258</sup>

Vê-se, através da fala do Sr. Evaldo, toda uma construção voltada para o estabelecimento de um modelo de representação política baseado nas corporações classistas e na cooperação entre as classes, como elemento formador de nação mais justa, frente ao que se verificava até aquele momento. No entanto, pode-se ainda asseverar que, para esses velhos militantes e simpatizantes da AIB, a idéia de democracia orgânica se inscreve no bojo de

<sup>257</sup> Aniceto Gomes Ribeiro, 83.

<sup>258</sup> Evaldo Holanda Maia, 83.



uma utopia que propugnava uma mudança nas condições de vida das populações pobres e do progresso da Nação Brasileira.

Quanto ao anticomunismo, parece quase desnecessário que seja destacado nesse momento, visto que já foi feita a referida alusão a esse fenômeno em passagem anterior deste capítulo. Porém interessa destacá-lo como elemento articulador das memórias integralistas, no ato de lembrar. Acrescente-se que na campanha deferida simultaneamente e em concordância pela a Igreja Católica, através de seus movimentos da ação católica e de sua intelectualidade laica, de um lado, e o Estado varguista com seu aparato de propaganda política, através do rádio, do outro, fizeram do comunismo a grande ameaça a uma possível estabilidade política ou a um projeto de nação forte que se pretendia construir. Dessa forma, o comunismo aparecia como grande fantasma que rondava as famílias e a nação e ameaçava corromper os valores da cristandade.

Assim, traduz o Sr. Evaldo Holanda sobre o que os integralista viam nos comunistas:

Bom, não perdia a ocasião para meter o pau nos comunistas sobre qualquer ponto e criticavam, criticavam os comunistas, que naquele tempo era comunismo e integralismo. Havia um regime democrático e havia os partidos políticos, é claro, mas o lema deles era o comunismo.<sup>259</sup>

Nesse ponto, pode-se concluir que o depoente, ao contrário de sua fala anterior, que apresentava um Brasil atrasado em diversas níveis, como o educacional por exemplo, mas sobretudo atrasado no sistema de representação social e democrática, nessa citação ele parte da noção de que o sistema democrático era uma realidade. Esse desencontro das duas falas do Sr. Evaldo Holanda pode indicar que, ao reconhecer a existência de uma certa normalidade política, faz com que sua fala contra o comunismo ganhe legitimidade, pois esse passa a aparecer como um elemento desagregador dessa ordem. No entanto o que está em jogo é defender a doutrina integralista. A mesma legitimidade reivindicada aparece realçando um Brasil repleto de males que só seriam curados com a intervenção do Integralismo.

---

<sup>259</sup> Evaldo Holanda Maia, 83.

Sobre os símbolos do Integralismo, considero que esses muito contribuem para a estruturação da memória do movimento. Entendo como símbolos, não somente o significado do fardamento, do sigma, mas principalmente do ritual que o acompanhava, pois esses rituais povoam a imaginação dos depoentes. São as festas solenes em comemoração a uma data integralista; os discursos em praça pública feitos pelos *grande oradores* do movimento local ou vindos de outros centros em visita ao núcleo de Limoeiro; a saudação Anauê feita sempre que um integralista encontrava-se com um de seus pares quer fosse seu superior ou não; as sessões na sede do movimento, devidamente preparada e zelada para esse fim; as aulas noturnas nas escolas integralistas para onde os trabalhadores rurais se dirigiam após cumprirem seus deveres da jornada diária; os juramentos prestados por ocasião do ingresso de um novo integralista nas hostes do movimento; os desfiles nas ruas da cidade, ainda pequena à época, que enchiam de entusiasmo os matutos que para o local se dirigiam; a fazenda campestre adquirida pelos irmãos José e Franklin Chaves vista como campo de pouso para aviões alemães durante a II Guerra Mundial; ou até mesmo a alcunha de *galinhas-verdes* que receberam de seus oponentes. Todos esses elementos que povoam a imaginação dos depoentes tiveram seu peso na seleção e organização da memória integralista que fazem encher de entusiasmo, ainda nos dias atuais, seus ex-militantes e simpatizantes, numa clara demonstração de afetividade para com o movimento.

Nesse sentido, não é menos importante o sentimento de frustração para com um momento extremamente difícil em suas lembranças, que representa um verdadeiro golpe em seus sonhos e esperanças depositadas no movimento, a sua extinção. Na maioria das falas encontra-se a idéia de que fora abortada a utopia construída em torno do Integralismo.

Uma fala em especial é muito significativa e traduz vários dos elementos descritos acima. Trata-se da narração feita pelo Sr. Cristóvão Maia Pitombeira de uma comemoração ao aniversário de Plínio Salgado realizada na sede do Movimento Integralista, em Limoeiro. Embora o depoente não saiba precisar o fato, acredito que se tratava de uma das festas do calendário integralista, conforme destaquei no primeiro capítulo, e não do aniversário do



Chefe Nacional. No entanto, interessa-me a articulação dos elementos simbólicos para a edificação da memória integralista. Observe-se o que diz Pitombeira:

Era interessante o movimento do integralismo. Por isso é que eu digo que se não tivesse sido extinto. Eu sei muita gente diz que o integralismo era um negócio de nazismo, fascismo, essas coisas eu não sei, só sei que tinha muita gente da Igreja dentro do integralismo. No exército, falavam, tinha dentro do integralismo.<sup>260</sup>

Essa fala mostra um conjunto de símbolos articulados pelo movimento integralista que lhe garantiam, tanto um diálogo com uma população formada por camponeses semi-analfabetos, como também pode ter sido responsável por sua sobrevivência, senão enquanto movimento, mas nos sentimentos dos seus atores que permaneceram vivos até o momento presente. Talvez essas imagens trabalhadas pelo integralismo se mostrassem mais eficazes junto à população que reunia tais características, se comparadas à força da palavra, muitas vezes, de difícil entendimento para ela.

A partir do que foi exposto, lembro-me de Fentress e Chris, quando trabalham no sentido de ampliar a noção de memória coletiva para a de *memória social*, assim como Burke que também faz uso desse conceito. Para eles a memória social é mais conceitualizada do que na memória individual, pois há uma simplificação para melhor ser transmitida, uma vez que a nossa memória guarda conceitos e não sentidos. Essa abordagem difere das apresentadas anteriormente. Na discussão sobre a memória social, os autores aproximam-se de Michael Pollak quando a definem como uma *composição*, que se dá a partir de imagens, pedaços de versos, abstrações, passagens de discursos e outros. A memória social difere da memória individual, exatamente por se tratar de uma memória mais conceitual e mais articulada, enquanto a individual expressa as experiências pessoais lembradas, portanto, menos articuladas.<sup>261</sup>

Aqui está colocado um problema de outra ordem. O trabalho com as memórias integralistas se aplicaria mais à noção de memória coletiva ou de

<sup>260</sup> Cristóvão Maia Pitombeira.

<sup>261</sup> FENTRESS, James e CRHIS, Wickham. *Memória Social - Novas Perspectivas Sobre o Passado*. Editora Teorema, s/d.

chefias, dialogar com a população ao tornar as idéias e a utopia integralistas de fácil leitura por parte dessa e, como consequência disso, atuava no sentido de atrair novos adeptos e militantes; cumpria, principalmente, a função de dar visibilidade ao movimento, apresentando-o como algo de grande amplitude, dotando-o da idéia de uma força capaz de vencer os inimigos e de implementar as transformações almejadas.

Sobre esse assunto, o Sr. Cristóvão afirma:

Cansamos de formar ali depois da Catedral, naquela praça ali em procura do Banco do Nordeste<sup>207</sup>. Eis ai o povo que chamava a gente de galinha-verde, quando viram três milícias formadas ficaram, assim, de queixo caído.<sup>208</sup>

Observa-se que as imagens narradas pelos Srs. Cristóvão e Evaldo, em que aparecem a população nas calçadas a assistir o espetáculo integralista, são indicativas para mostrar a visibilidade a que chegou o movimento, naquela oportunidade. Assim, seus opositores, que de início haviam zombado do movimento, não podiam mais fazê-lo após a grandiosidade e força adquiridas.

Esse momento é significativo pois, os indivíduos que integravam o movimento vinham de suas localidades rurais aos domingos pela manhã trazendo consigo seus uniformes que deveriam ser vestidos por ocasião das manifestações, dos desfiles, que eram realizados no modelo dos desfiles militares, composto por milícias e bandeiras, organizados, antecipadamente, nos distritos e nas escolas onde freqüentavam e ensaiavam para esse momento. Antecedendo o desfile, havia sempre a fala do chefe local e de um ou outro que tinha o dom da oratória, o que era comum entre eles. Em seguida eram cantados o Hino Nacional<sup>209</sup> e o Hino Integralista e depois aconteciam os desfiles propriamente ditos.

<sup>207</sup> Refere-se à rua Sabino Roberto no trecho ente a Igreja Matriz e onde hoje fica a sede do Banco do Nordeste, na Praça Nossa Senhora da Assunção.

<sup>208</sup> Cristóvão Maia Pitombeira. Op. Cit.

<sup>209</sup> O Hino Nacional era cantado apenas em sua primeira parte porque os integralista não concordavam com o início da Segunda parte: "deitado eternamente em berço esplêndido". CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. Cit. p. 198.



Obedecendo a um processo de disciplinarização e controle do movimento, bem como em sintonia com seu caráter militar, as fardas de seus integrantes tinham que estar rigorosamente limpas. Isso era uma exigência da chefia que inspecionava para ver se estavam de acordo com tais exigências, como é possível perceber na citação acima que resgata um instante da fala do Sr. Evaldo Holanda. No entanto, por mais que pareça apenas uma medida para que as pessoas se apresentassem bem, representava muito mais do que isso, tinha um significado: a educação física, que passa pelo trato do corpo, pois *corpo são representava uma mente são*. A elevação do espírito almejada pelo Integralismo passava, portanto, pela associação entre o corpo, e o cuidado com a aparência, como formas de visibilizar a disciplina que regia o movimento.

Além dos desfiles, outra experiência marcante no movimento local foi o momento da vinda de representantes do Integralismo oriundos de outras localidades e, principalmente, da Capital (Fortaleza), que estiveram em Limoeiro, discursando para a população. Cavalari fala de ritos especiais que eram adotados para as viagens das autoridades máximas do Integralismo e que consistia de uma série de cuidados.<sup>210</sup> Importa enfatizar também que essas visitas serviam para incitar mais ainda os militantes que se empolgavam com os discursos de cunho nacionalista e principalmente quando abordavam a possibilidade de o Integralismo chegar ao poder e realizar a revolução do espírito, instalando o Estado Integral.

Estiveram em Limoeiro autoridades integralistas como Gustavo Barroso, Mayrink Veiga, Hélder Câmara. Esses são os mais lembrados.

(..) quando vinha alguma autoridade visitando aqui o município, como Gustavo Barroso, Jeovah Motta e Severino Sombra, que vieram aqui a Limoeiro e Helder Câmara esteve um dia, eu de vez em quando acompanhava quando vinham esses oradores- José Mayrink - da maior importância era quase impossível, havia uma concentração muito grande, vinha mesmo todo mundo que o povo.... o povo sempre gostou... o povo, sobretudo os jovens, pode prestar a atenção, que o povo gosta de concentração política.<sup>211</sup>

<sup>210</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. cit. p. 205-207.

<sup>211</sup> Evaldo Holanda Maia Op. Cit.

O Sr. Evaldo enaltece os *grandes discursos* proferidos por líderes do movimento nacional e estadual em visita a Limoeiro. Essas visitas eram práticas constantes do movimento como parte integrante de suas estratégias. Observe-se, portanto, que esses momentos aliados aos desfiles muito repercutiram para a construção da memória integralista e para significar suas experiências. Um indício forte disso é que, mesmo após tantos anos passados dos acontecimentos, a imagem desses espetáculos permanece viva na memória dos depoentes. Conclui-se, então, que os espetáculos integralistas, além de terem proporcionado a difusão de sua utopia e arregimentação de novos militantes no momento do seu acontecer, influíram para a fixação da memória integralista que subsiste até os dias atuais. Em outras palavras, os espetáculos e imagens do movimento funcionam como recursos de fixação da memória por parte dos ex-militantes e simpatizantes que ora são depoentes para esse trabalho.

Ainda sobre os grandes discurso e grandes oradores que empolgava a muitos, o Sr. Clodoveu acrescenta:

Ai o Franklin trouxe grandes oradores como um dos primeiros que veio aqui foi um orador da Paraíba, um fulano de tal Mayrink um grande tribuno. Aquilo empolgou, o povo nunca tinha visto um sujeito falar de público, em público e, depois trouxe Gustavo Barroso que era outro grande escritor, grande tribuno, depois veio o padre Helder, ele veio trazendo essas personalidade que todo mundo queria ouvir.<sup>212</sup>

Observa-se que o Sr. Clodoveu, por sua vez, enaltece que os grandes oradores chegaram a empolgar uma população não habituada a ver pessoas tão capazes de traduzir em palavras seus sentimentos. Vê-se que esse também era um recurso previsto por suas estratégias, que o movimento utilizava, criando a imagem de homens, jovens, de inteligência privilegiada, para opor à imagem dos políticos tradicionais ainda em ação. Essa imagem é acompanhada da idéia de pessoas capazes de conduzir os destinos da Nação, pessoas confiáveis e, talvez, infalíveis, a exemplo dos movimentos nazifascistas europeus.

---

<sup>212</sup> Francisco Clodoveu Vidal. Op. Cit.



Essas visitas foram importantes dentro da programação do núcleo da AIB local como forma de se consolidar junto aos militantes já existentes e ao mesmo tempo servia como elemento de propaganda da doutrina integralista. Acredita-se que participavam delas as autoridades em visita, o Chefe local e seus coadjuutores como Napoleão Nunes Maia, conhecido pela facilidade em discursar, José Guerreiro Chaves, dentre outros que cumpriram funções nas tarefas de organizar o movimento. Nessa ocasião, afluíam das localidades rurais a massa integralista formada por escolas sob o comando de seus respectivos monitores, subdivididos em decúrias, cada uma sob a responsabilidade de seus decuriões, também conhecidos como submonitores. Ao chegarem ao centro da cidade, duas ou três escolas mais próximas se reuniam formando uma bandeira, e por sua vez com a reunião de três bandeiras formava-se a milícia integralista. Segundo Cristóvão Pitombeira, houve concentrações e desfiles reunindo até três milícias.<sup>213</sup>

Acrescente-se que essa formação para os desfiles se restringia aos indivíduos do sexo masculino, pois muito embora nas fileiras do movimento existisse um número expressivo de mulheres e plinianos<sup>214</sup> estes não integravam a ordem unida. Se desfilassem seria separadamente, numa demonstração cívica e de apoio à doutrina integralista, visto que às mulheres estava reservado um papel mais educativo dentro da divisão de tarefas estabelecida para o movimento.

Sobre a participação das mulheres e dos Plinianos, o Sr. Cristóvão afirma que:

<sup>213</sup> De acordo com as lembranças do Sr. Cristóvão Maia Pitombeira em determinados momentos os integralistas desfilaram com 03 milícias, aproximadamente 100 homens. Uma milícia era formada de 03 bandeiras e essa por sua vez por 03 escolas. Cada escola tinha 35 homens. Uma bandeira 105 e uma milícia 315.

<sup>214</sup> O termo *Plinianos* aparece no texto de forma generalizada para identificar as crianças e adolescentes que acompanhavam o movimento devidamente fardadas, por força da inspiração e consentimento de seus pais. No entanto, haviam as subdivisões entre eles que respeitava as diferentes faixas etárias: os infantes, de 04 a 06 anos; os curupiras, de 06 até aproximadamente 12 anos; os vanguardeiros, de 13 a 15 anos; e os pioneiros, de 15 anos em diante. LIMA, Lauro de Oliveira. Op. Cit. 357. Para Cavalari os plinianos estavam subdivididos em: *infantis*, de 04 a 06 anos; *curupiras*, de 07 a 09 anos; *vanguardeiros*, de 10 a 12 anos; e finalmente os *pioneiros*, de 13 a 15 anos. CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. cit. 71. Ambos os autores, mesmo apresentando pequena diferença na subdivisão etária, afirmam que a organização dos plinianos é semelhante à organização do Partido Nacional Fascista Italiano.

E aí tinha as mulheres que eram integralistas, mas não, não marchavam. As mulheres também usavam saia branca e blusa verde, e o distintivo. E tinha também de doze anos até dezoito, aquela pessoa, aquele menino sempre ia. Naquele tempo os filhos obedecia o pai. Eram plinianos, garotos de doze anos, também fardadinho mesmo como homem. Eram os plinianos. Aí formavam grupos e grupos daqueles meninos. Iam só para, como se diz, para enfeitar a apoteose do negócio. Eles e as mulheres.<sup>215</sup>

Como pode-se observar, o Sr. Cristóvão se refere às mulheres e aos plinianos como aqueles que davam ornamentação ao movimento, contribuindo para torná-lo mais visível. Note-se, porém, que eles tinham função diferenciada no interior do movimento no tocante as manifestações pública, denotando que os integralistas interpretavam a participação da mulher como secundária, uma vez que não entravam em formação nos desfiles. Notadamente, um movimento de natureza militarizada, não comportava as mulheres com maior destaque, pelo menos, publicamente.

No entanto, as mulheres ocuparam, no movimento integralista local, funções muito importante, para além da meramente decorativa. As *blusas verdes*, como eram chamadas, segundo o Sr. Evaldo Holanda, tinham:

A função de ajudar, de organizar, de trazer a sede do movimento integralista limpinha, asseada, espanada e tal - diariamente. Sei que elas mandavam passar o pano, se encarregavam disso, mandava alguém fazer esse serviço.<sup>216</sup>

Nessa fala, vê-se que as mulheres estavam encarregadas de trabalhar no intuito de garantir uma maior organização dos espaços onde ocorriam as sessões, os juramentos, tudo de acordo com as idéias de asseio físico associado ao asseio moral, como parte integrante da práxis integralista. No entanto, a participação delas vai além da indicada pelos dois depoentes anteriores, pois as mulheres também se envolviam na confecção das fardas integralistas das pessoas que não podiam fazê-la e para elas próprias, como nos lembra o Sr. Cristóvão.

O que chama mais a atenção da participação das mulheres no movimento integralista, em Limoeiro, é o fato de algumas delas ocuparem

<sup>215</sup> Cristóvão Maia Pitombeira. Op. Cit.

<sup>216</sup> Evaldo Holanda Maia. Op. Cit.



papel de destaque nas atividades burocráticas, como a Sra. Adélia Faheina, que fora tesoureira do movimento, de acordo com as lembranças de Dona Julinda Faheina (Dona Lili). Essa lembra, ainda, o fato de Judith Chaves Saraiva, irmã de Franklin Chaves, ter liderado o núcleo feminino. Sobre as atividades das mulheres integralistas do núcleo de Limoeiro, Dona Julinda Faheina lembra:

Sempre agente saía para fazer reuniões, nos subúrbios da cidade(...) Nós fazíamos reuniões para arranjar mais pessoas para entrar no movimento. Reuniões falando sobre o integralismo. Ajudava a secretária a fazer as atas. Ajudava sempre em tudo que era possível, eu ajudava.<sup>217</sup>

Observa-se que as mulheres tiveram um importante papel, bem mais do que a maioria dos depoentes narra, pois desenvolviam tarefas de secretaria e tesouraria, que demandavam um grau maior de instrução. Nesse sentido, vale salientar que inserção de mulheres em postos de destaque, sugere que elas, livres das atividades árduas da agricultura, tiveram acesso à instrução, maior do que os rapazes. Lembre-se, ainda, que as mulheres citadas, as que ocupavam funções, eram muito jovens e habitavam o perímetro urbano do município e eram das famílias das lideranças locais.

A presença feminina, se não pode ser encarada como uma peculiaridade do movimento local frente às outras experiências, sugere que nos relatos das experiências e significados do Integralismo, em Limoeiro, tem grande peso. Talvez isso se justifique pelo fato de Dona Judith, que liderou a ala feminina do Integralismo local, ter ganhado projeção política, posteriormente, ao assumir as funções do cartório de sua família e por ter coordenado as sucessivas campanhas política de seu irmão Franklin, à Assembléia Legislativa Estadual, tornando-se a líder política da família Chaves.

Outras atividades marcantes para a experiência integralista foram as festas comemorativas determinadas pelo movimento. Havia três grandes festas oficiais, já mencionadas anteriormente, além daquelas reservadas aos próprios núcleos. Essas festas geralmente lembravam momentos importantes do município ou do calendário religioso local. Para cada uma delas havia as

---

<sup>217</sup> Dona Julinda Faheina (Lili Faheina), 82. Entrevista realizada no dia 16/04/2002.

recomendações de como deveriam ser realizadas, previstas pelos *protocolos e rituais*, e encaminhadas aos chefes provinciais, distritais e municipais, que deveriam enviar telegramas ao Chefe Nacional comunicando a realização do evento e o número de participantes.<sup>218</sup>

(..) eu ainda lembro-me da festa de aniversário de Plínio Salgado. Nós comemorando ali na sede, numa noite. Então, Franklin Chaves, que era chefe disse que tinha que escolher um Integralista mais ou menos da idade dele, que fosse parecido com ele para simbolizar a presença dele. Foi escolhido o velho Hermógenes. Pois é, ele era parecido mesmo, a barba dele, queixo assim meio... Foi feito uma espécie de trono na sede, colocando o velho lá nesse trono e feito o discurso sete horas da noite e quando deu doze horas ele mandou ir aos tambores, tocar as cornetas. Tinha cornetas, tambores. Mandou que tocasse as cornetas, os tambores às doze horas.<sup>219</sup>

Se as festas eram realizadas rigorosamente de acordo com o calendário proposto pela chefia nacional ou se constava da programação do núcleo da AIB local, não se pode afirmar com muita precisão, visto os limites oferecidos pelo trabalho com as entrevistas. Contudo, o relato acima, do Sr Cristóvão Pitombeira leva a inferir que se tratava da festa intitulada *Noite dos Tambores Silenciosos*, que, em sua lembrança, aparece como sendo a festa de aniversário de Plínio Salgado. Talvez isso se explique pelo forte personalismo em torno do Chefe Nacional do movimento.

Pautada com o que definia os protocolos e rituais para as cerimônias em que os integralistas tomassem parte, a festa *Noite dos Tambores Silenciosos*, consistia de discursos, juramentos, canto dos Hinos Nacional e Integralista, leituras de trechos do Manifesto Integralista, *Anauês*. Por fim, às doze horas da noite, o rufar dos tambores, para que naquele instante, entrasse em sintonia com o rufo de outros tambores por todo país; essa sincronia significava, a marcha na construção da *Grande Nação Cristã*.

No entanto, passados vários anos, os entrevistados não conseguem distinguir muito bem entre uma ou outra festa de que tomaram parte, já que cada uma tinha sua particularidade. Pode-se inferir, portanto que a festa acima

<sup>218</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. cit. p.181-190.

<sup>219</sup> Cristóvão Maia Pitombeira. Op. Cit.



narrada tratava-se da *Noite dos Tambores silenciosos*, devido, em parte, ao horário de sua realização. Contudo, acredito que, em se tratando das festas, a *Matinas de Abril*, deva ser a que mais está viva na lembrança dos entrevistados, visto que era a que reunia maior número de integralistas no centro da cidade e antecedia um grande desfile. Se for considerado que a maioria dos militantes residia na zona rural, essa festa por ser realizada em horário mais propício a todos, facilitava o afluxo dos militantes à sede do município. A festa *Matinas de Abril* constava de uma concentração antes do nascer do sol. Quando do crepúsculo matutino eram dados os Anauês em homenagem à uma nova Nação que estava se projetando. Esse ritual se revestia de um profundo poder simbólico, daí ser marcante na memória dos depoentes.

Por último, mas não menos importante, para o estabelecimento da memória integralista, destaco o processo de extinção do Movimento da Ação Integralista Brasileira, ocorrido no ano de 1937, por determinação do Governo Federal, Getúlio Vargas. Sobre esse assunto, todos os depoente fizeram referência, no entanto, escolhi dois deles. O primeiro é do Sr. Cristóvão Maia Pitombeira e, o segundo, do Sr. Evaldo Holanda Maia.

O Sr. Cristóvão diz:

Mas aí veio a Ditadura. Getúlio Vargas extinguiu todos os partidos, e o Integralismo eu acho que era o que ele mais visava na época, que tinha medo que fosse se revoltar contra ele (Sic.). Sei que nessa época que foi extinto Franklin mandou, assim dentro de 24 horas, eliminar tudo quanto era do integralismo, papelária, documentos, livros, tudo. Tinha mando tocar fogo em tudo (Sic.).<sup>220</sup>

Esse relato dá uma idéia de como esse fato foi significado pelos militantes integralista. Observa-se que o depoente afirma que Getúlio fechou o partido integralista porquê esse representava uma ameaça ao governo. Pensado dessa forma, o movimento extinto, ganha maior importância para os seus atores, visto que demandou do Governo Federal uma atenção só dispensada à alguém ou algum movimento que o incomoda. Dessa forma, está em sintonia com as representações de grandiosidade, já referida, do

<sup>220</sup> Cristóvão Maia Pitombeira. Op. Cit.

movimento. Um reforço desses significados atribuídos ao seu fechamento, diz respeito ao fato de o chefe local ter ordenado que o material fosse enterrado ou queimado. Essa atitude cria um mistério em torno do fato, em que ninguém sabe, ao certo, o que aconteceu, embora todos saibam do destino que levou o material, mesmo não tendo ele próprio visto quem e nem onde fora enterrado, aumentando assim a importância do movimento. A aceitação da idéia de que esse foi o destino dado ao material, que envolve um ar de mistério, se reveste de uma certa simbologia, fixando marcos do ato de lembrar.

Outrossim, a aceitação de tal idéia, ganha peso após anos de campanha desqualificadora do movimento, principalmente, após o seu fechamento e a derrota do nazifascismo durante a Segunda Guerra Mundial, e tem a função de não comprometer àqueles que dele tomaram parte. Dessa forma, sabe-se quem participou, quem foi integralista, mas não se tem base material para incriminá-lo. Outro aspecto é que, mesmo não havendo material, continua o sentimento integralista, só que com o reforço do mito de sua perseguição pelo Estado Vargasista.

Ainda sobre a extinção, o Sr. Evaldo lembra:

Ficaram inconformados. Ficaram inconformados. Meu pai era um dos inconformados. Inconformado, só não fazia falar e nem reagir com baderna porque não podia, se fosse era preso, pois era uma repressão muito grande em todo o Brasil aos integralistas. Que ficaram inconformados, ficaram, eu tenho certeza, pois ouvi muito meu pai dizer que era um absurdo fechar um movimento bonito como o Integralismo, muito Católico. E era mesmo, Deus, Pátria e Família contra o comunismo.<sup>221</sup>

Observa-se um inconformismo. É sobre ele que se pode estabelecer algumas reflexões. O fechamento das atividades da AIB pode ter representado para muitos dos seus atores a interrupção de um sonho, a frustração de sua utopia, que mostrava ser capaz de se realizar.<sup>222</sup> Então, o ato de Getúlio representaria um ponto final na possibilidade de alçar o País ao sonho do

<sup>221</sup> Evaldo Holanda Maia. Op. Cit.

<sup>222</sup> Sobre essa idéia de frustração, Lembro que Dona Lili Faheina, após sua entrevista, em conversa informal, disse-me que sua irmã Adélia ficara tão inconformada com o fato que fez juras de não mais se envolver em atividades políticas.



Estado Integral, com a participação de todos os setores da sociedade, representados por suas organizações de classes, não obstante o seu modelo colaboracionista.

Além desse aspecto da frustração do sonho, pode-se, ainda, pensar que o seu fim não significou para eles o fim do Integralismo, e sim o fim do partido, porque o sonho permaneceu vivo no seio da comunidade integralista, na memória integralista. Contrariamente à memória oficial que trata do fechamento da AIB como um ponto final do Integralismo, para os depoentes, foi o fim apenas de suas atividades, pois o Integralismo permanece em suas lembranças, recorde-se muitas das falas transcritas, ao longo do texto, em que aparecem palavras que transmitem a sensação de entusiasmo e empolgação, quando relatam sobre os desfiles, as festas, as escolas, os discursos.

Em síntese, quis-se mostrar que a memória integralista se erigiu a partir da utopia que despertava na população, tendo como suporte as imagens estrategicamente criadas pelo movimento para serem facilmente lidas. Portanto, para os depoentes, se sobressaem esses momentos em que essas imagens afloram e servem de marcos da memória do movimento integralista, tornando-o ainda vivo, em sentimento, em identidade, e conformando-o numa comunidade de memória que lhe confere uma certa unidade.

### 3º CAPÍTULO

## MEMÓRIA(S) E HISTÓRIA(S) INTEGRALISTAS

Eis ai o povo que chamava a gente de *galinha-verde*, quando viram três milícias formadas ficaram, assim, de queixo caído. (Cristóvão Maia Pitombeira).

#### 1- História, memória e fontes orais

Sobre o conhecimento da *História* e da *Memória*, tomo como pressuposto que ambas se referem ao estudo do passado, são formas de acessá-lo, mesmo guardando diferenças entre si. Tratam-se de processos múltiplos, assim como são múltiplas suas relações e significações dadas a esse passado e, por isso, devem ser vistas na sua pluralidade. Para tanto, é preferível referir-se às mesmas como *histórias* e *memórias*, em seus sentidos plurais, o que pode conduzir a uma dessacralização da idéia de uma história ou de uma memória verdadeiras, revestindo-se, muitas vezes, de um caráter oficial. Essas, por sua vez, permeiam os projetos que se pretendem hegemônicos para uma dada sociedade. Dessa forma, dar conta de outras histórias e outras memórias passa, inevitavelmente, pela dessacralização da chamada memória oficial e pela democratização do conhecimento.

Partindo dessa asserção, acrescenta-se que o estudo da memória é, para nós historiadores, formados no final da segunda metade do século XX, o resultado de um processo de crítica historiográfica que ganha peso com a aproximação da história com outros campos do conhecimento como a antropologia, a psicologia social, a sociologia, como nos lembra Alistair



Thomson,<sup>223</sup> rompendo, assim, com o espaço hermeticamente fechado de uma tradição historiográfica que supervalorizava a ação política, apoiada na documentação escrita produzida pelos arquivos oficiais, que desconsiderava, assim, os relatos da memória. Esses eram vistos como subjetivos e passionais, o que comprometeria a pretensa objetividade histórica tão reivindicada.

Portanto, estudar a memória dentro desse contexto das vicissitudes da história, enquanto campo do conhecimento, passa invariavelmente pela ampliação da noção de fontes documentais, uma vez que o modelo historiográfico positivista fundava-se unicamente nas fontes escritas e de caráter oficial. Jaques Le Goff em, *Monumento/Documento*, capítulo de sua obra *História e Memória*,<sup>224</sup> trata dessa problemática ao destacar o que ele chamou de *Revolução Documental*, como a grande renovação no tratamento dado às fontes, afirmando que devem ser submetidas a críticas constantes.<sup>225</sup>

Da mesma forma, Vieira e outras<sup>226</sup> em um trabalho bastante didático e conciso, mostra o quão significativo foi a ampliação da noção de documento histórico, que passa a dar conta dos mais variados registros da ação do homem, rompendo, assim, com a ditadura do escrito na pesquisa histórica. Ela atribui grande valor aos historiadores dos *Annales* nesse processo, sintonizando-se, assim, com as contribuições de Jaques Le Goff, pois este enfatiza o papel de historiadores como Febvre e Bloch na chamada *renovação documental* que, mesmo considerando o documento como indispensável ao trabalho do historiador, chamaram a atenção para a utilização de outros materiais, além do escrito.<sup>227</sup>

Sobre o papel das fontes orais na pesquisa histórica é muito elucidativa a afirmação de Louzada que lembra:

Uma das novidades talvez consista na ruptura da hierarquia entre as modalidades de registro: por exemplo, o escrito como carimbo

<sup>223</sup> THOMSON, Alistair. *Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. In. Projeto História - 15: *Ética e História Oral*. São Paulo: Editora da PUC, 1981.

<sup>224</sup> LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão (et. Al.). 4 ed., Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

<sup>225</sup> LE GOFF, Jaques. Op. Cit. p. 542.

<sup>226</sup> VIEIRA, Maria do Pilar Araújo (et. al.). *A Pesquisa em História*. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

<sup>227</sup> LE GOFF, Jaques. Op. Cit.

institucional começa a deixar de ser a única fonte "fidedigna". O reconhecimento da tradição oral como fonte válida, inclusive como contraposição aos registros escritos de caráter unívoco, contribui para subverter a "memória do rei" e questionar a história oficial, a "verdadeira"..."<sup>228</sup>

Assim, a diversificação das fontes pode restabelecer para a história os relatos orais de indivíduos tradicionalmente colocados em plano inferior ou de exclusão pela historiografia oficial, enquanto grande possibilidade de trabalho para o historiador e como democratização da própria história.

Quanto aos registros históricos, quer sejam em forma de documentos ou de monumentos, como trata *Le Goff*, ambos são materiais da memória e herança do passado e o que sobrevive, em sua visão, *não é aquilo que existiu no passado, mas uma escolha política dos estudiosos do passado*<sup>229</sup>. Portanto, não cabe o sentido de prova atribuído ao documento, por uma tradição historiográfica que se consagrou desde o início do século XIX, uma vez que os registros do passado são fruto de escolha e de seleção. Os monumentos e os documentos enquanto suportes da memória, têm a finalidade de perpetuar, voluntária ou involuntariamente, a recordação política de grupos ou de uma pessoa.<sup>230</sup>

Os documentos, escritos ou orais, os monumentos são suportes da memória, ou melhor, de memórias do passado e, enquanto tais, estão apoiados em escolhas que, via de regra, associam-se aos projetos que se articulam no presente e que, da mesma forma, se pretendem hegemônicos para uma sociedade. Assim, quaisquer que sejam os registros desse passado devem ser interrogados quanto à intencionalidade de sua produção, para que se possa entender os próprios documentos como o ato de produção da memória e da história.

Admitindo não haver história sem documento, como defenderam os primeiros representantes dos Annales, esses devem ser vistos como suporte da memória. Cabe ao historiador, portanto, problematizá-los para que possa dar conta dos significados atribuídos ao passado, haja vista estes não poderem resgatar ou recuperar passado, mas sim penetrar nos significados que os

<sup>228</sup> LOUZADA, Nilson Moulin. *Diferentes Suportes para a Memória*. S/R.

<sup>229</sup> LE GOFF, Jaques. *Op. Cit.* p. 335.

<sup>230</sup> LE GOFF, Jaques. *Op. Cit.* p. 536.



sujeitos históricos lhes atribuíram, daí resultando nas mais diferenciadas formas de registros.

Por fim, essas noções sobre a renovação documental utilizada neste texto têm o intuito de alicerçar as bases para uma discussão mais específica sobre a história e as fontes orais, enquanto relatos da memória que figuram como possibilidades de trabalho em busca dos significados do passado. Nesse sentido, de destaque um trecho em que Le Goff cita Michel de Foucault, no tocante ao tratamento dado às fontes. Este afirma que o problema da história resume-se no *questionar do documento*:

O documento não é o feliz instrumento de uma história que seja, em si própria e com pleno direito, memória: a história é uma certa maneira de uma sociedade dar estatuto e elaboração a uma massa documental de que se não separa.<sup>231</sup>

O que posso deduzir é que o documento, quer seja escrito, iconográfico, oral ou de qualquer outra natureza e procedência não é algo dado, que existe naturalmente e que fala por si só, mas é, sobretudo, uma fabricação da própria sociedade que o produz. Assim entendendo, posso afirmar que o que está em primeiro plano, no trabalho do historiador, é a forma como ele lida com esses documentos, é a pertinência das problemáticas sugeridas pelos mesmos para esgotar ao máximo os significados que esses podem oferecer sobre o passado. Em síntese, é *questionar o documento*.

Na esteira do debate sobre a *renovação documental*, como fruto de transformações ocorridas no seio da historiografia, faz-se presente uma discussão mais específica: aquela que diz respeito à *história oral* e às *fontes orais*, constituídas, sobretudo de relatos e depoimentos orais, como testemunhos de pessoas que guardam lembranças e reminiscências sobre o passado.

Segundo Philippe Joutard, a reintrodução da fonte oral, na segunda metade do século XX em países onde ainda permanecia a tradição escrita, não

---

<sup>231</sup> FOUCAULT, Michel. Apud. LE GOFF, Jaques p. 545-546.

foi bem recebida pelos demais historiadores.<sup>232</sup> Ele usa o termo reintrodução por considerar que antes da chamada história científica, esta se fazia a partir dos relatos orais.

De acordo com Joutard, a utilização das fontes orais foi bastante recorrente entre os pesquisadores de outras disciplinas, antes mesmo dos historiadores, pois, entre antropólogos, sociólogos e estudiosos da língua, seu uso já se fazia abundantemente. Somente na segunda metade do século vinte é que os historiadores, em alguns países, em particular, lançam mão desse recurso. A utilização da fonte oral entre os pesquisadores da história está muito associada às pesquisas sobre a memória dos extermínios dos judeus nos campos de concentração durante a Segunda Grande Guerra, na Alemanha, assim como a memória de ex-combatentes, nos Estados Unidos da América ou na Austrália, por exemplo. A utilização da fonte oral se fazia necessária para contar as experiências de indivíduos que, em determinados momentos de suas vidas, viram-se diante do desafio de perpetuá-las, uma vez que essas memórias tinham sido sufocadas e silenciadas pela memória e história nacionais oficiais.

De mãos dadas com a *história vista de baixo*, ao colocar para cena pública indivíduos outrora desdenhados por uma historiografia comprometida com os Estados-Nacionais, a pesquisa em fontes orais trouxeram novas questões para o debate historiográfico em geral. A concomitância com as mutações ocorridas na escrita da história - a aproximação do saber histórico com outros campos do conhecimento, a eleição de novos objetos de pesquisa assim como a adoção de diferentes abordagens desse objeto, somente para citar alguns exemplo - possibilitou aos historiadores alargar suas noções acerca das fontes, mas a adoção das fontes orais, por sua vez, também contribuíram para que historiadores repensassem seus métodos e seus objetos de pesquisa. Essas transformações representaram uma via de mão dupla: à medida que a historiografia abria-se para incorporar novas questões, o trabalho com as fontes orais ganhou novo impulso e, da mesma forma, quanto mais o trabalho com as

---

<sup>232</sup> JOUTARD, Philippe. *História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos*. In. FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. *Usos e Abusos da História Oral*. 2 ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p. 44-45.



fontes orais ganhava terreno, novas questões eram propostas para a historiografia.

Contudo, a problemática do trabalho com as fontes orais tem gerado bastante discussões entre a comunidade dos historiadores, principalmente porque se vive um momento peculiar em que a *historia oral* tem ocupado um lugar de destaque em diversos campos da pesquisa histórica. Dessa forma, não é raro encontrar-se presente nesse debate a interrogação sobre essa modalidade de trabalho praticada cada vez mais, por um número expressivo de historiadores em todo o mundo, inclusive no Brasil. As indagações mais recorrentes são: seria a *história oral* uma outra história? seria a *história oral* um método? ou seria simplesmente uma técnica de utilização da entrevista gravada? Embora não tenha a intenção de responder a essas questões, elas refletem o alargamento do trabalho com a oralidade e têm colocado os historiadores diante das mesmas e os têm levado a tomar posições frente ao referido debate.<sup>233</sup>

Essas são problemáticas que cercam o tema e, para aferir algumas idéias, destaco o que disse sobre a história oral Jorge Eduardo Aceves Lozano, da Universidade de Barcelona:

Eu partiria da idéia de que a "história oral" é mais do que uma decisão técnica ou de procedimento; que não é depuração técnica da entrevista gravada; (...) é antes um espaço de contato e influência interdisciplinares; sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais. Para isso, conta com métodos e técnicas precisas, em que a constituição de fontes e arquivos orais desempenha papel importante. Dessa forma, a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e versão que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais.<sup>234</sup>

Vê-se que, mesmo tendo evitado definições mais precisas para as interrogações, a *história oral* não se restringe apenas à técnica de entrevistas,

<sup>233</sup> Recentemente, pude observar isso mais de perto, por ocasião do II Encontro de História Oral do Nordeste, ocorrido em Salvador, Estado da Bahia, no período de 03 a 06 setembro do ano 2000, quando em suas atividades como conferências e palestras veio à tona essa discussão.

<sup>234</sup> LOUZANO, Jorge Eduardo Aceves. In. FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína Op. Cit. p 16.

mas representa um espaço de diálogo entre diferentes campos do conhecimento que lidam com o social e representa, sobretudo, o trabalho com as experiências sociais e os significados que ficam do passado para os sujeitos históricos envolvidos.

Esse debate em torno da história oral tornou-se bastante profícuo nos últimos 25 anos, como afirma Philippe Joutard, e isto levou os historiadores que o praticam a interrogarem-se sobre o próprio termo *história oral*, levando-os, na sua grande maioria, a optarem pela designação de *fontes orais*, considerada mais apropriada para o trabalho que esses grupos vêm desenvolvendo. O exemplo, por ele citado refere-se ao balanço apresentado por Mercedes Vilanova, uma das grandes estudiosas do assunto, na Espanha, em revista fundada por ela mesma, chama de *História y Fuente Oral*, em que reivindica a utilização do documento oral.<sup>235</sup>

P. Joutard também destaca a grande importância da pesquisa com *fontes orais* no processo que traz as experiências e memórias de indivíduos que foram silenciados pela historiografia universal. Cita vários exemplos de pesquisas em que a história oral pode ser considerada fecunda em seus intentos, como as pesquisas realizadas com comunidades camponesas no Sul da Itália; com ex-combatentes da I Guerra Mundial, na Austrália e no Japão; as biografias nos Estados Unidos. Na América Latina e no Brasil, surgiram vários grupos preocupados com a *História Oral* e somam-se a esses exemplos os Colóquios Internacionais realizados com o intuito de discutir profundamente seus rumos.

Todas essas transformações históricas, que proporcionaram o aparecimento da *história oral* e as transformações que esta acabou por proporcionar aos estudos históricos são bem definidas por Joutard, quando faz a seguinte afirmação:

(...) A história oral ligada à antropologia, que dá voz aos excluídos e trata de temas da vida cotidiana, não surpreende a história acadêmica somente por sua fonte, mas também por seu objeto e por suas problemáticas.<sup>236</sup>

<sup>235</sup> JOUTARD, Philippe. Op. Cit. p. 56.

<sup>236</sup> JOUTARD, Philippe. Op. Cit. p. 52.



A história oral ou as fontes orais, em síntese, proporcionaram um despertar para as temáticas ainda não trabalhadas pela história geral e com problemáticas voltadas para as experiências de indivíduos e comunidades de pessoas que viram seus projetos, sonhos, ilusões serem sufocados em nome de uma história verdadeira, a *História da Nação*. Dar voz a essas experiências mostrou o quão comprometida estava, politicamente, a ciência histórica com os segmentos vencedores da sociedade que, ao contrário da grande maioria, pôde perpetuar suas memórias, fazendo delas a memória de toda uma sociedade.

O mais importante em toda essa discussão, no meu entender, é que, independente das fontes com as quais se está trabalhando, o historiador oral, à semelhança de todos os pesquisadores, tem a responsabilidade, tanto de obedecer às normas confiáveis, como à conclusões e interpretações a que pôde chegar a partir do material utilizado. O que torna o seu trabalho confiável é a pertinência das problemáticas levantadas, e não uma suposta verdade a que o mesmo possa chegar, como pensavam os historiadores da tradição positivista.

Além dessas questões, o italiano Alessandro Portelli, historiador com experiência de trabalho com as fontes orais, chama a atenção para outras muito importantes, referentes à ética que o pesquisador das fontes orais deve ter com seus entrevistados. Este faz toda uma discussão sobre a ética profissional dos que lidam com as memórias e diz:

Como somos agentes ativos da história e participantes do processo de fazê-la, cabe-nos, por outro lado, situar a ética profissional e técnica no contexto de responsabilidades mais amplas, tanto individuais e civis, como política.<sup>237</sup>

Essas responsabilidades de que trata o autor são fundamentais para estabelecer garantias de que as pessoas entrevistadas não venham a ser prejudicadas, pois se inserem numa sociedade na qual têm seus valores e normas estabelecidos e podem comprometer-se cível e politicamente com seus depoimentos.

---

<sup>237</sup> PORTELLI, Alessandro. *Tentando Aprender um Pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral*. In. Projeto História - 15: *Ética e História Oral*. São Paulo: . Editora da PUC, 1981.

Muitos historiadores e pesquisadores procuraram escrever sobre a conduta ética no trabalho com a *história oral*. Portelli,<sup>238</sup> destaca que, nesse processo, as diretrizes éticas são importantes por preservar os entrevistados contra a manipulação por parte do entrevistador, como também, numa proteção destes contra as reivindicações dos entrevistados. Esclarece ainda que, no geral, a influência do primeiro sobre o segundo é mais evidente pois aquele ocupa um lugar privilegiado na sociedade podendo influir nessa relação entrevistador/entrevistado. Daí os cuidados que devem ser tomados para que a entrevista não seja uma confirmação das respostas que o pesquisador leva consigo para a entrevista. No caso oposto, pode se tratar de uma pessoa com muito poder dentro de uma dada realidade e este pode querer influir no resultado final da pesquisa, com suas *verdades* sobre os fatos, comprometendo, assim, a pertinência das problemáticas levantadas. Não que não haja uma interação entre esses indivíduos, pois é impossível que nesse processo não se estabeleça uma relação, no mínimo cordial, que acaba por influenciar ambos, nos significados que esses atribuem aos fatos em questão, mas que, apesar dessa reconhecida convivência, é preciso cercar-se de certos cuidados, como nas autorizações, transcrições, citações, para não enfrentar problemas de natureza ética.

Esse compromisso com a honestidade - uma questão de ética - representa um compromisso e respeito pelos entrevistados e com o material coletado nas entrevistas. Representa um compromisso com a *verdade*, com a vontade de saber *como as coisas realmente são e podem ser*, como assevera Alessandro Portelli. Compartilho, portanto, com suas contribuições na definição da *verdade* na pesquisa oral. Para ele as diferentes narrativas levam a desacreditar numa verdade única e incontestável, mas o historiador não pode perder de vista a busca *utópica* pela verdade para não cair em atitudes pouco confiáveis de que todas as histórias são iguais e irrelevantes ou que todas seriam verdadeiras e importantes. Dessa forma, não seria possível ver as alterações, as inexatidões e os erros presentes nos relatos.

Nas entrevistas realizadas com meus depoentes encontrei, às vezes, falas que não apareciam ou não correspondiam com afirmações feitas por um

---

<sup>238</sup> PORTELLI, Alessandro. Op. Cit. p. 13-14.



outro. Isso me remeteu para uma discussão sobre a veracidade dos depoimentos. A princípio parecia que uma ou outra pessoa podia estar faltando com a verdade, mas não se tratava, apenas, de eleger qual das entrevistas se aproximava mais do que *realmente aconteceu*, mas de buscar os significados das lacunas, dos silêncios presentes nesses relatos e das apropriações feitas por esses indivíduos em sua trajetória da memória. Foi assim que procedi.

## **2- Memória, História e Integralismo: diálogo com a experiência local**

Insistindo na intenção de buscar nas lacunas pontos de dissensões ou de encontro no lidar com os materiais da oralidade, fui entendê-los a partir dos depoimentos colhidos com ex-militantes e contemporâneos ao movimento integralista em Limoeiro, nos anos de 1934 a 1937. Nesse sentido, foi-me possível estabelecer um diálogo entre as diferentes falas e dessas com outros aportes materiais encontrados, como a entrevista de Franklin Gondin Chaves, concedida ao NUDOC, cotejando a fala dos militantes com a do chefe integralista do núcleo local.

No entanto, no que se refere ao trabalho com as entrevistas, mais precisamente com os meus depoentes e com as fontes orais de um modo geral, bem como a relação dessas fontes com o debate em torno da memória, destaco o trabalho de Alistair Thomson sobre os *Anzacs* ou *Diggers*, ex-combatentes australianos durante a I Grande Guerra Mundial. A partir de suas experiências de historiador oral e das entrevistas com esses sujeitos históricos faz uma ampla discussão sobre memória e história oral.<sup>239</sup>

O referido trabalho é, particularmente, importante e bastante significativo, para lançar luzes sobre a minha pesquisa com militantes integralistas em Limoeiro do Norte, pois destaca os aspectos relativos à memória e à identidade, a partir das reminiscências que dão sentido ao passado e ao presente. Muito embora tratem-se de objetos diferenciados, há algo em comum com o meu trabalho, quando esse se inscreve numa história política e busca no relato de antigos participantes dar novos significados ao passado, significados estes ausentes nos manuais de história. Quando este enfoca as

---

<sup>239</sup> THOMSON, Alistair. Op. Cit.

O primeiro assumiu o governo provisório da província do Ceará e o segundo, que conduziu *as tropas revolucionárias* no Nordeste vai ocupar uma pasta importante no Governo Vargas.

É esse o contexto que antecede à criação da AIB local, nos primeiros anos que se seguem aos acontecimento de 30. Nesse curto período, há uma certa predominância política dos Oliveiras, pois estes eram aliados dos Távoras. Isso vai refletir na indicação de Melquíades Oliveira<sup>172</sup> ao cargo de Intendente Interino de Limoeiro, em 1930. A esse respeito fala o Sr. Francisco de Assis Pitombeira:

Bem, eu já sei por informações posteriores, nesse tempo eu era menino - ainda morava lá no Sapé, eu cheguei aqui em 40 - o negócio já tinha passado e estava na fase de decadência. Os Oliveiras eram partidários dos Távoras, pai do Virgílio Távora, Fernandes, eles eram partidários deles que eram adversários do Plínio Salgado. Eles eram do grupo da Revolução de 30, foram partidários de Getúlio até certa altura e foi a semente da UDN, surgiu depois como oposição.<sup>173</sup>

Vê-se, dessa forma, que as divergência dos grupos políticos pró ou contra o Integralismo remete a períodos bem anteriores ao de sua efervescência, remontando para o início do período republicano, estendendo-se por toda a Primeira República e se refletindo nas lutas políticas do imediatamente antes e após os acontecimentos de 1930.

Nesse curto espaço de tempo, alguns fatos chamam a atenção pela sua ligação com os acontecimentos nacionais, e que não deixam de ter sintonizado a população para o que estava ocorrendo no Brasil, claro, porém que reflete essa proximidade dos Oliveiras com os Távoras. Trata-se de três reuniões políticas, registradas nas Atas da Câmara Municipal de Limoeiro, com finalidades explícitas de enaltecer os feitos dos *Tenentes*, dando mostras de que aquilo havia significado uma mudança na política brasileira, sintonizando-se com uma leitura que os próprios tenentes faziam do evento. Uma dessas reuniões chama mais a atenção porque ao final um grande número de pessoas

<sup>172</sup> Foi na curta gestão do Sr. Melquíades Oliveira que ele sugeriu que a Câmara Municipal prestasse homenagem aos líderes tenentistas Fernandes Távora e Juarez Távora. In. Atas da Câmara Municipal de Limoeiro - 14/01/1931 e 13/05/1931 - respectivamente.

<sup>173</sup> Francisco de Assis Pitombeira, 71 (16/03/2001).



subscreveu a referida ata, totalizando 179 assinaturas. Essa reunião teve como finalidade aclamar o Capitão Juarez Távora ao *merecido* posto de General de Brigada do Exército Nacional. Era, enfim, uma reunião plebicitária, ocorrida no início do ano de 1931, mais precisamente no dia 14 de janeiro, quatro meses após o movimento de outubro de 1930<sup>174</sup>. As outras duas reuniões, uma no dia 13/05/1931 e outra no dia 26/07/1931, trataram, respectivamente, da aposição dos retratos de Fernandes Távora e Juarez Távora na sede da Câmara e da comemoração do primeiro aniversário de morte de João Pessoa, fato esse que serviu de justificativa para desencadear a insurreição de 30<sup>175</sup>.

O predomínio dos Chaves foi efetivamente retomado com a eleição de Franklin Chaves a vereador e, conseqüentemente, quando da sua condução do movimento integralista<sup>176</sup>, pois aquele período após 30 foi bastante curto e os próprios tenentes vão gradativamente perdendo a importância dentro do Governo Vargas. No Ceará, isso se reflete na dificuldade de Fernandes Távora em conduzir e aprofundar as reformas tão propaladas.

Esse processo de efetivação da política dos Chaves em Limoeiro se reforça mais ainda, quando Menezes Pimentel é indicado interventor no Ceará e sua aliança com o Integralismo e a Liga Eleitoral Católica colocará os Chaves no centro do poder político estadual e conseqüentemente têm ampliado seus domínios em Limoeiro a ponto de, em 1936, os integralistas não enfrentarem mais aquela forte resistência existente inicialmente. Outros fatores vão ser decisivos para o sucesso do Integralismo local, como a proximidade desse movimento com a Igreja Católica local; a criação das escolas integralistas; o arsenal simbólico mobilizado para fazer a doutrina integralista de fácil inteligibilidade por parte da população. Mas isso é uma outra conversa, é matéria para um pouco mais à frente.

No geral, esse foi o palco onde se desenvolveu a Ação Integralista Brasileira local, um momento de bastante efervescência política, expressando, em nível local, os movimentos políticos nacionais, através dos periódicos que

<sup>174</sup> Ata da Câmara Municipal de Limoeiro - Livro para registro das atas das Sessões Ordinárias e Extraordinárias da Câmara Municipal de Limoeiro do Norte - Ce, 14/01/1931.

<sup>175</sup> Ata da Câmara Municipal de Limoeiro, 13/05/1931 e 26/07/1931.

<sup>176</sup> Acrescente-se que Sindulfo Serafim Freire Chaves foi prefeito nos anos de 1933/1934, Custódio Saraiva, 1935/1936 e José Chaves, 1936/1937. Esses eram pai, cunhado e irmão de Franklin Chaves, respectivamente.

ali circulavam, em especial o jornal *O Nordeste*, influenciando na formação de elementos jovens, de tradição católica, da Igreja Católica e do jogo das disputas políticas locais. São essas questões que darão maiores elementos para a análise do itinerário integralista local.

### 3- Itinerário da AIB em Limoeiro

Convém aqui destacar os principais momentos que circunscrevem a trajetória integralista em Limoeiro e os elementos que influenciaram para que esse movimento obtivesse o êxito que obteve, quando no seu auge nos anos de 36/37, chegou a reunir um número significativo de militantes na sede do município. Sobre esse momento de reunião do movimento integralista, assim se expressa o Sr. Cristóvão Maia Pitombeira:

E ainda aqui na cidade, se formou, a milícia. Um escola era 35 homens. Uma bandeira era 105 homens. E aí vinha a milícia, eram 03 bandeiras, 315 homens. Exatamente 315 homens era uma milícia. (...) Mais antes de ser extinto o integralismo nós tivemos de fazer festas, aqui em dia de Domingo, em 03 milícias formadas aqui, dentro de Limoeiro<sup>177</sup>.

Observa-se no relato do Sr. Cristóvão que o movimento integralista reunia grande contingente da população, pois, de acordo com suas lembranças e baseado em seus cálculos, numa reunião festiva como essas realizadas em dias de domingo, concentravam-se em torno de 1000 integralistas. Ressalte-se que essas reuniões festivas ocorriam por ocasião dos desfiles realizados publicamente e que era um momento crucial para o movimento demonstrar a força que tinha reunido até aquela oportunidade. Lembre-se ainda que, nesses desfiles, somente os homens tomavam parte, visto que as mulheres não desfilavam, dado o caráter paramilitar do movimento. As mulheres se fardavam, assim como as crianças, estas chamadas de plinianos, mas ambas não entravam em formação para desfilar.

A referência que o Sr. Cristóvão faz ao grande número de adeptos e a concentração desses em praça pública, com uma certa periodicidade, são

---

<sup>177</sup> Cristóvão Maia Pitombeira. Op. Cit.



indícios da dimensão de espetáculo que era dado ao movimento, estrategicamente pensada para dar-lhe visibilidade e criar a imagem de algo grandioso para eles. Esse aspecto foi tão marcante que a visibilidade e a grandiosidade são lembradas constantemente pelos depoentes após todo o processo de execução a que o movimento foi submetido após sua extinção.

Se os dois primeiros anos não foram de flores, mas de dificuldade e de desdém por parte dos adversários, no entanto a partir de 1935 o movimento já começava a desabrochar, e para isso foi fundamental a criação da Escola de Formação de Instrutores, ponto de partida para arregimentação de novos adeptos para o movimento.

Assim Franklin Chaves se refere aos primeiros momentos da Ação Integralista Brasileira em Limoeiro:

eu sou fraco em datas. Não sou muito guardador de datas. (...). No entanto, posso dizer-lhe que o Integralismo teve sempre marcha ascensional desde que foi criado até ser quebrado pelo Governo Vargas. No caso de Limoeiro tudo ocorreu como eu lhe disse; fundei uma escola de preparação para rapazes, comecei por ensinar letras e Educação Moral e Cívica. Até para mim foi admirável porque eu não tinha nenhuma prática da docência, da oratória; fui ensinando e aprendendo; fui estudando e procurando educá-los. Ensinei a Ordem Unida, a cantar o Hino Nacional, a desfilar.<sup>178</sup>

Embora alguns pontos dessa fala já tenham sido destacados em outra citação, esta refere-se a um momento posterior da entrevista quando ele retoma o assunto da fundação do Integralismo em Limoeiro. Algumas passagens dessa fala são elementos ricos para se buscarem os significados do Integralismo no contexto da realidade local e são indícios de sua ligação com a experiência integralista em outras regiões do Brasil. Pode ser destacada a criação da Escola, com sua tentativa de alfabetização voltada para a Educação Moral, Cívica e Física; e a busca de valorização da nacionalidade e do patriotismo através da prática de ensinar o Hino Nacional. Esses elementos estão muito imbricados entre si.

Claro está que essas atividades a que o depoente aludiu faziam parte da já mencionada estratégia de uniformização do movimento. Contudo não se

<sup>178</sup> Franklin Gondin Chaves, 23/03/1986. Fita 03. p. 07.

pode deixar de enfatizar que as escolas faziam parte de uma estratégia de arregimentação de novos militantes e de introjeção da doutrina integralista, evitando, assim, que a população viesse a aderir a movimento de outra natureza. Os elementos expostos na fala dizem respeito à visão militarizada da sociedade como vertente de um projeto conservador maior que visava à cooperação entre as classes sociais, encobrendo as lutas presentes na sociedade de classe, no mundo do trabalho.

Dessa forma é que se deve olhar para a figura de Franklin Chaves que, mesmo mostrando-se através de suas memórias como tendo participado de um movimento de natureza cultural, vale salientar que se tratava de um jovem agente dos idéias conservadoras do Catolicismo Social e que, naquele contexto, o Integralismo se mostrava como um conjunto de preceitos que calavam bem em sua formação reacionária e como um instrumento eficaz de ampliação dos poderes políticos já adquiridos pela sua família.

Assim, é impossível pensar o Integralismo em Limoeiro sem que se veja inserido nesse contexto das disputas políticas locais. Essa idéia que o Integralismo difundia a Nação, como um corpo, disciplinado pelas atividades militares, ensinando como se devia obedecer ao comando de sua cabeça, expressa na chefia do movimento, se coaduna com o imaginário de uma população rural que valoriza a família como célula base da sociedade, que tem o pai como sua cabeça a dirigir seus membros, o restante da família. Deduz-se, portanto, que é perfeitamente explicável que aderissem em conjunto ao Movimento Integralista, pois a decisão partia do comando inquestionável do pai. Não se pode desprezar também que a sociedade paternalista e patriarcal do Nordeste, estende o poder do coronel a seus agregados e dependentes. A tradição oligárquica também ensejara esse tipo de relação de dependência e sujeição e formas de lealdade.

Nesse sentido, não é à toa que famílias inteiras aderissem ao integralismo por lealdade aos Chaves, herdada da relação coronelística do período precedente.

No que concerne à fundação das escolas de alfabetização e, principalmente, da Escola de Formação de Instrutores, apresenta um conjunto de possibilidades de interpretações dos seus significados, que aqui podem ser



destacadas: primeiramente, refere-se ao fato de que, em um contexto em que as pessoas não tinham seus direitos fundamentais garantidos, visto que o Estado, não oferecia garantias cidadãs, essa proposta vem calar fundo no desejo da população local, principalmente por ser, na sua grande maioria, de origem rural, que via a possibilidade de ascender socialmente ou, de participar, do jogo político do qual se encontrava marginalizado, através da educação. A idéia de se criar escola abria uma janela de esperança para essas pessoas, dialogando com seu imaginário de ascensão social e aspiravam sair da condição de analfabetos ou semi-analfabetos em que se encontravam.

Além disso, expressa a capacidade da chefia local em dialogar com a realidade mais próxima por ela observada, fazendo da escola um canal de diálogo com essa população, muito embora isso não viesse representar uma prática de abertura política para os que dantes não tinha acesso à mesma, garantindo, assim, a continuidade do mando reservado à família Chaves. Pode parecer contraditório o fato de Franklin Chaves ter liderado o núcleo municipal de um movimento de massas espalhado por todo o Brasil, se levado em consideração suas origens oligárquicas, em si avessas à participação política da população. No entanto, deve-se considerar que muito embora o Integralismo tenha envolvido um número expressivo de pessoas, deve-se lembrar, também, que era um movimento autoritário, baseado numa estrutura hierárquica que concentrava poderes nos diversos níveis de chefia. Dessa forma, entender-se-á que o caráter autoritário do movimento, além de se coadunar com a tradição política do seu chefe local, favoreceu para que o poder da oligarquia Chaves, não somente se mantivesse, como também se ampliasse com o Integralismo. O Integralismo veio, dessa forma, dar longevidade a esse poder há muito instalado no município de Limoeiro.

Sobre o efeito que a criação das escolas têm em torno do imaginário da população local, pode-se destacar algumas narrativas dos depoentes para se poder penetrar em seus significados.

Para o Sr. Clodoveu, as escolas:

Ensinavam a ler, não havia nenhum movimento doutrinário (sic). Ensinava a ler, a escrever, a contar, era uma escola de alfabetização. (...) Para a época era uma maravilha. O sujeito que não

tinha assinado nem o nome, aprender, se tomar, é como esses movimentos que houve de MOBRAL<sup>179</sup>, hoje, como é que chamam esse movimento escolar? Ainda não permanece a escola de adultos? Pois é, era um movimento tipo escola de adulto, à noite. O sujeito passava o dia trabalhando e usava... você avalie que era um negócio tão interessante, que você não conheceu...<sup>180</sup>

A fala do Sr. Clodoveu é muito reveladora do trabalho da memória, pois ele procura demonstrar que as escolas criadas pelo movimento integralista, tinham por objetivo apenas ensinar os adultos a ler e escrever, sem função doutrinadora. Note-se, porém, que o ato de negar que houvesse a intenção de doutrinar, através das escolas, é indício de que o depoente tinha real consciência dessa função, no entanto, para dar legitimidade e credibilidade a práxis integralista, ficaria melhor negar essa característica, uma vez que pode revelar o benefício político que o movimento, e seus líderes, poderia auferir em seu proveito. Então, falar que as escolas visavam, apenas, alfabetizar os adultos, aparece como uma proposta correta e livre de possíveis questionamentos por parte dos seus opositores, passando a idéia de que, como diz o próprio depoente: *para a época era uma maravilha*.<sup>181</sup>

Outro indício forte do caráter doutrinador das escolas, que o Sr. Clodoveu deixou-se silenciar, diz respeito ao fato dessas serem dirigidas aos trabalhadores adultos, realizando suas atividades alfabetizadoras à noite, para não atrapalhar a jornada de trabalho que era diurna. Esse aspecto mostrava-se como uma estratégia integralista de reunir os trabalhadores para praticarem a cooperação e a colaboração das classes laboriosas (patrões e empregados) com o intuito de dar sustentação ao Estado Integral.

A idéia de alfabetizar calou bem no seio de uma população carente dos serviços do Estado e, sobretudo de participação política. O depoente supervaloriza o fato de a população ter acesso ao mundo letrado, no entanto, não é capaz de ter dimensão do alcance que essa proposta tem no quadro do jogo político da época, que envolvia a necessidade do grupo que

<sup>179</sup> Significa Movimento Brasileiro de Alfabetização e foi posto em prática durante os governos militares.

<sup>180</sup> Francisco Clodoveu Vidal, 73 (15/03/2001).

<sup>181</sup> Francisco Clodoveu Vidal, 73 (15/03/2001).



estava no poder, a Família Chaves, de se adaptar aos novos tempos abertos com os acontecimentos de 30. O poder cartorial, com a eleição a bico de pena, poderia não se mostrar mais tão eficiente como fora anos antes com a anuência do governo estadual. Talvez fosse preciso utilizar novas estratégia para penetrar no imaginário da população, sequiosa de participação.

Nota-se que o público alvo dos dirigentes integralistas locais é, no primeiro plano, a juventude que servirá de irradiadores da doutrina integralistas e dos interesses políticos dos Chaves e, em segundo, a comunidade de trabalhadores rurais, chefes de famílias convocados a aprender as primeiras letras e as artes da disciplina militar, para melhor adestrá-los e controlá-los, evitando, assim, que idéias muito perniciosas à ordem social penetrassem no interior dessa população.

Ainda sobre as escolas o Sr. Evaldo Holanda diz:

Elas ensinavam a ler, a ler e a escrever e também ensinavam, era coisa de civismo, os valores da pátria, cultivar os heróis nacionais, cultuar os heróis nacionais e os homens de bem... Agora aquele negócio era a coisa mais simples do mundo, essas aulas, mas valia a pena. Era um ditado, um ditado. Uma composição, era uma composição. Fazer uma composição sobre o Limoeiro, sobre a cidade, aí o aluno escrevia aquilo...<sup>182</sup>

A fala do Sr. Evaldo acrescenta elementos não ditos pelo Sr. Clodoveu. Trata-se da referência aos ensinamentos de civismo e patriotismo, que leva a se pensar no caráter doutrinário das escolas, embora essas coisas apareçam em sua fala como algo natural. No entanto, o culto aos mitos e aos heróis da pátria reforçava a idéia de retorno as tradições da brasilidade para construir um futuro digno para a Nação brasileira. A própria idéia de heróis, pátria, homem de bem, realçada pelo Sr. Evaldo é indício de conformidade do pensamento integralistas com as tradições culturais da população, visando capturá-lo para o movimento.

Nesse sentido, a proposta de alfabetizar a população repercutiu muito entre os adeptos do Integralismo, pois tinha um peso muito grande e conferia um grau de seriedade às propostas do movimento. Na memória dos entrevistados, é vista como se o movimento estivesse coberto de boas

<sup>182</sup> Evaldo Holanda Maia. Op. Cit.

intenções ao propor algo que ninguém tinha ousado apresentar, uma vez que se constituía uma solução possível para os males que afetavam a sociedade. É com esse discurso que o Integralismo vai se insinuando para aquelas pessoas e adquirindo adeptos para suas fileiras, pois a criação das escolas devem ser encaradas como parte de uma estratégia de arregimentação de novos militantes e não somente como uma proposta de elevar o nível cultural da população, como afirmavam os integralistas em sua proposta de *revolução do espírito*.

É nessa direção que a fala do Sr. Cristóvão Pitombeira deve ser interpretada:

... ele recebeu essa ordem de fundar a Escola Provisória de Instrutores. Então, isso ele fez ali na casa antiga.... (...), pois ali eu fiz parte dessa escola provisória de escolher, e escolheu, e entre o grupo de quarenta homens, que ele achava que era possível ir participar, daquela escola, , e ali ele deu aula, quarenta dias para poder criar as escolas setoriais, , nos setores, como seja, na Gangorra, na Maria Dias, no Espinho, aqui e acolá onde era possível... então dessa escola ele tirava dois homens para cada aula de setores, então ele fundou em vinte localidades, vinte escolas, cada escola com dois jovens.<sup>183</sup>

Com base nessa fala, observa-se que Escola de Formação de Instrutores foi o pilar da organização do movimento integralista, pois, através delas, difundia-se sua doutrina e arregimentavam novos militantes. Assim, as escolas podem ser vistas como fazendo parte da estrutura orgânica do movimento integralista. Nelas, seus membros aprendiam as primeiras letras ao mesmo tempo em que aprendiam a cultuar os heróis nacionais e a celebrar as datas comemorativas do Movimento Integralista. Da mesma forma, era o locus do aprendizado da disciplina militar e dos ensaios para as apresentações públicas, que ocorriam com os desfiles. Acrescente-se, ainda, que a organização das escolas reproduzia o caráter hierárquico do Movimento Integralista, uma vez que além dos instrutores (monitores), responsáveis pela condução de sua escola, existia ainda o sub-monitor que o substituía, o

<sup>183</sup> Cristóvão Maia Pitombeira. Op. Cit..



decurião, responsável pelo destacamento de 10 alunos. Cada escola era formada por 30 alunos, havendo, portanto, 03 decuriões em cada escola.<sup>184</sup>

Vê-se nessa fala que o Integralismo conseguiu se irradiar pelos distritos do município, através das escolas, sob a responsabilidade do monitor e do sub-monitor, fazendo valer sua estratégia de atingir parcela considerável da população.

Quanto à sua irradiação pelas diversas localidades rurais, é possível que tenha acontecido de forma paulatina, de acordo com a disposição e habilidade de cada instrutor na organização da mesma e no convencimento do habitantes de sua comunidade. Se for levado em consideração o peso que a escola desempenhava na articulação e arregimentação do movimento, pode-se afirmar que sua criação foi o marco fundamental para a expansão do núcleo integralista, em Limoeiro.

Essa estratégia de criação de uma rede de escolas mantidas pela AIB junto aos núcleos distritais e municipais era, nacionalmente, pensada como uma forma de preparar a *revolução do espírito*, e estava sob a responsabilidade da Divisão de Educação da Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e de Plinianos - SNAFP - submetida, é claro, como todas as outras secretarias à aprovação da Chefia Nacional.

As escolas integralistas destinavam-se, primordialmente, 'aos pobres', ou aos 'menos favorecidos'. Pretendiam educar, gratuitamente, 'operários, integralistas ou não, esquecidos por essa gente burguesa e os filhos de operários oprimidos pela burguesia reacionária que não permite que os pobres estudem'.<sup>185</sup>

Essa estratégia adquiriu muita força junto à população, pois lidava com um imaginário da mesma, com a idéia de que, para atingir uma ascensão social ou um mundo mais justo, passava, sem dúvida, pela alfabetização. Contudo interessa destacar que as escolas cumpriam muito mais do que somente o papel de elevar o espírito da população, como anunciavam os integralistas,<sup>186</sup>

<sup>184</sup> Cristóvão Maia Pitombeira. Op. Cit..

<sup>185</sup> CVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. Cit., p. 73. Citando trechos do jornal *A Ofensiva*.

<sup>186</sup> "O Integralismo considera a educação intensiva e integral do povo como um dever fundamental do Estado, no interesse de sua própria estabilidade e progresso material e moral". BARROSO, Gustavo. *Diretrizes Integralista*. In. *O que o Integralista deve saber*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935, p. 79.

mas elas realizavam o papel de doutrinação dentro do pensamento integralista, da construção do homem e do Estado Integral, conforme visto no primeiro capítulo. Uma doutrina voltada para a valorização do passado nacional, do engrandecimento do sentimento patriótico.

O trecho acima, da obra de Cavalari, é indicativo para se pensar os depoimentos imediatamente anteriores, pois denota que os depoentes, ao lembrarem e significarem as escolas integralistas, guardam uma relação de afetividade, com o que se poderia chamar de uma comunidade de memória integralista. Pois sua falas estão carregadas de elementos da doutrina integralista, mesmo tendo que se perceber isso no silêncio, nas entrelinhas, quando não assumem o seu caráter doutrinador.

Outrossim convém destacar que a Chefia Integralista do núcleo local capitaneou muito bem essa estratégia e esses sentimentos de mudança via alfabetização, para mobilizar a juventude, considerando que em sua grande maioria os militantes eram de uma faixa etária bem baixa, conforme destacam os depoentes, e fê-los difusores e militantes da doutrina integralista nos diversos distritos do município, sobretudo na zona rural.

De mãos dadas com as escolas, encontramos a estratégia de formar nos indivíduos um sentimento nacionalista e patriótico, um amor aos valores da pátria e da Nação, pois, em seu conteúdo, as escolas ensinavam a cantar o Hino Nacional, o hino integralista, a reverenciar os heróis e mitos nacionais, guardando as datas comemorativas - *Imita os heróis da tua pátria culta as traduções de sua gente*.<sup>187</sup> Acompanhava esse programa a preparação de desfiles que seriam exposições públicas do movimento e de amor à pátria. Era o que denominavam de educação cívica e física.

Já foi apontado que as escolas marcaram o início do movimento integralista em Limoeiro, assim como também são responsáveis pela sua inserção no seio da população local. Inquieta-me, porém, saber que tipo de ligação o chefe local mantinha com as lideranças estaduais e que elemento foi preponderante para sua iniciativa de fundar o núcleo integralista.

---

<sup>187</sup> Código de Ética do Estudante. Artigo III. <http://www.integralismo.com.br/doutina/estudante>.



Assim ele se refere:

De modo que, quando ele começou a organizar o integralismo no Sul, aqui no Ceará o Coronel Severino Sombra, o Padre Helder (Câmara) e outros, começaram também a estruturá-lo. Então naturalmente eles procuraram interiorizar o movimento. Não sei bem como se deu essa minha 'entrosagem' inicialmente. Recordo-me que vindo à Fortaleza, hospedava-me com parentes que habitavam a casa de nossa família no Sítio Bom Futuro. Lá residiu também um velho capataz da alfândega cujos filhos foram meus contemporâneos de infância e muito amigos. Um deles o João Monteiro da Silva era filiado ao Círculo Operário e sempre me falava a respeito de Severino Sombra e da Legião Cearense do Trabalho e foi ele quem numa ocasião, me apresentou ao Coronel Severino Sombra.<sup>188</sup>

Observa-se nesse trecho de sua entrevista, em particular, que Franklin Chaves recebeu instruções dos principais líderes do movimento integralista na Capital do estado para que criassem em Limoeiro um Núcleo do Integralismo, já referido anteriormente. Tais instruções foram recebidas, dentre outros, pelo próprio Severino Sombra, Jeovah Mota e principalmente do Padre Helder Câmara, com quem mantinha laços mais estreitos, devido a aproximação de sua família com a hierarquia da Igreja Católica.

Acrescente-se, assim, o fato de que grande parte dos padres novos formados no Seminário da Prainha, em Fortaleza, foram estrategicamente distribuídos pelas paróquias do interior do Estado, no intuito de levar a mensagem romanizada da *Santa Sé*<sup>189</sup>. À época a Igreja procurava dar continuidade ao seu projeto de Ação Social, que vinha sendo aplicado mais intensamente desde a publicação da Encíclica *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII, de 1891, e retomada pelo Papa Pio XI na Encíclica *Quadragesimo Anno*, quatro décadas depois.

Esse projeto de romanização que é encampado no Ceará pelo Arcebispo de Fortaleza, Dom Manuel, refletiu-se na escolha dos padres recém-formados destinados ao trabalho nas paróquias espalhadas pelo território cearense. Coincidência ou não, esses padres reformados foram enviados aos municípios onde o movimento integralismo se tornou bastante organizado

<sup>188</sup> Franklin Gondin Chaves op. Cit. p. 03-07

<sup>189</sup> PARENTE, Op. Cit. p. 134-135

posteriormente<sup>190</sup>. Não se sabe porém se estes foram enviados para onde o movimento já havia fincado suas bases ou se foram designados para sua construção, em municípios considerados estratégicos nas diferentes regiões.

Assim Josênio Parente se refere ao assunto:

A dinâmica turma de padres ordenados em 1931, no Seminário da Prainha, em Fortaleza, cuja figura de destaque foi o então Pe. Hélder Câmara, pode ter sido uma colaboradora incontestada da estratégia política de D. Manuel da Silva Gomes. Basta perceber a distribuição desses novos dinâmicos colaboradores da organização da Igreja na sociedade civil. Para Limoeiro do Norte, logo que ordenado sacerdote, foi enviado como coadjutor (sic.)<sup>191</sup>, o hoje Cônego Demétrio Eliseu de Lima(...) e a 31 de dezembro de 1933 é nomeado vigário o seu colega de turma, também Cônego hoje, Domingos Rodrigues de Vasconcelos.<sup>192</sup>

Esses exemplos se multiplicam na continuidade do texto do referido autor, onde aparecem os nomes dos padres formados na turma de 1931 e os respectivos municípios em que eles foram designados a trabalhar, como vigários ou como coadjutores de padres que lá já se encontravam. Prossegue, afirmando que o papel da Igreja Católica foi fundamental na organização da classe trabalhadora e média como *partido* e que isso foi imprescindível para o desenvolvimento e sucesso do Integralismo no Estado do Ceará.<sup>193</sup>

Muito embora a historiografia cearense tenha trabalhado muito pouco com esse aspecto do movimento, a sua interiorização é perceptível, através do estudo do Integralismo em Limoeiro. Um indício de que havia uma estratégia ordenada para que o movimento atingisse as regiões mais longínquas do Estado é compreensível, principalmente, se considerado que a Igreja Católica estava de mãos dadas com o Integralismo nessa empreitada. Dessa forma, o raio de ação do movimento integralista passa a ser ampliado.

<sup>190</sup> Reportando-se à distribuição espacial dos padres recém formados no Seminário da Prainha, Josênio Parente destaca: para Limoeiro foi enviado o Pe. Demétrio Eliseu de Lima(1931-1932), posteriormente o Pe. Domingos Rodrigues de Vasconcelos, em seguida este é transferido para Aquirás. O Pe. Demétrio Oliveira é transferido para Morada Nova e lá permanece até 1934, de onde será transferido para Aracoíaba. Assim ele prossegue seu relato, apontando o local para onde os referidos padres, também vistos como *intelectuais orgânicos tradicionais*, foram designados para trabalhar, via de regra em regiões estratégicas onde o integralismo se organizava. Ver, PARENTE, Op. Cit. p. 134- 136

<sup>191</sup> Leia-se coadjutor.

<sup>192</sup> PARENTE, Josênio. Op. Cit. p.134.

<sup>193</sup> PARENTE, Josênio. Op. Cit. p.136



Indício forte disso pode ser percebido em um dos momentos da entrevista de Franklin Chaves, em que narra uma conversa com seu pai sobre a participação de padres na vida política, em que adverte que por mais *boa vontade* que esses pudessem ter, essa era limitada, porque estão submetidos às ordens superiores, no caso, aos bispos. Na continuidade do relato ele lembra, a título de ilustração para reforçar a máxima de seu pai, que em um dado momento, quando o Pe. Hélder já se encontrava no Rio de Janeiro, fora convidado pelo então Chefe da AIB no Ceará, Ubirajara Índio do Ceará, para proferir uma conferência numa das datas comemorativas do movimento. Na seqüência do relato, recorda que fora apanhá-lo no aeroporto de Fortaleza e que, em vez de ir direto para o teatro José de Alencar, local previsto para o evento, fora ter com D. Manuel. Ao retornar, informou que não poderia mais se pronunciar porque D. Manuel não havia concordado<sup>194</sup>.

Franklin Chaves assim narrou o final do episódio:

(...) ainda consegui dizer, não faça isso Pe. Hélder! Ao que ele disse: é isto, Dom Manuel não concordou sob a alegativa de que a situação está muito delicada.<sup>195</sup> (...)Tivemos de justificar a ausência dele com uma desculpa qualquer.<sup>196</sup>

Observa-se na fala acima transcrita a posição dúbia da hierarquia eclesiástica frente aos momentos de indefinição política, pois ao mesmo tempo que orientava a população a aderi aos movimentos por ela organizados ou à ela ligados, a Igreja Católica buscava se preservar, publicamente, talvez, pelo temor de romper com os poderes instituídos. Dessa forma, a posição adotada por Dom Manuel, destacada na fala de Franklin Chaves, é indiciária de uma postura dúbia, mas que revela o caráter dessa instituição ao fazer, historicamente, a opção de estar próxima dos poderes do Estado. Enquanto o Integralismo tinha o aval da interventoria, tudo permanecia, aos olhos da Igreja, em ordem, mas quando esse rompimento passa ser evidenciado, que deu-se

<sup>194</sup> Franklin Gondin Chaves Op. Cit. Fita 03. p. 05-06.

<sup>195</sup> A *situação delicada* de que trata o depoente se refere aos momentos agitados que antecedem ao Golpe de 1937, pelas divergências dos integralistas com a Interventoria, quando o Pe. Helder Câmara já havia sido transferido para o Rio de Janeiro. O próprio Interventor do Ceará Menezes Pimentel, interferiu, politicamente, para que o padre Hélder fosse transferido. LIMA, Lauro de Oliveira. Op. Cit. p. 359.

<sup>196</sup> Franklin Gondin Chaves Op. Cit. Fita 03. p. 05-06.

após as divergências no tocante à política sindical a ser adotada, a Igreja passa a ver com certa reserva a participação pública de seu clero em apoio ao movimento integralista.

Na mesma fala pode-se intuir que havia uma certa afinidade entre Franklin Chaves com o Pe. Hélder Câmara era baseada em laços bastante estreitos, visto que se dirige ao mesmo, naquela oportunidade, com um grau de intimidade permitida somente entre duas pessoas amigas. Da mesma forma, fica evidente o papel desempenhado por Franklin Chaves no interior do movimento integralista quando assume que ele e outros, aqui não aparecem os nomes, tiveram que se desculpar com a população por não ser possível dar continuidade ao evento, devido à impossibilidade de o Pe. Helder se pronunciar.

No entanto, pretende-se evidenciar o quanto a Igreja Católica com sua presença, através do que se poderia chamar de *a dinâmica turma de padres ordenados na Prainha*, influenciou para os rumos do movimento integralista em Limoeiro. Essa presença era sentida na relação da Chefia Local com a hierarquia eclesiástica e a prática social dos padres que se envolveram diretamente como o movimento. Essa prática social pode ser observada, se não em sua totalidade, mas nas seguintes ações: no estímulo à criação de movimentos ligados aos trabalhadores, como a criação do Círculo Operário, pois em Limoeiro fora criada uma unidade deste, da qual tomou parte Franklin Chaves; nos discursos proferidos publicamente contra a ameaça de os comunistas estarem próximos à tomada do poder; e, finalmente, a participação de forma ativa, na organização das escolas integralista.

Sobre esse último ponto o Sr. Evaldo Holanda lembra que:

E os padres eram, Pe. Domingos, que era o padre daqui. Pe. Portela, que era o coadjutor daqui, chamado, eram integralista. Nunca vi eles de camisa verde, eu não sei se vestiam camisa, naquele tempo quem era, mas não via ele criticando não.(...) Aqui na cidade sim. Eu digo porque fui aluno da escola na sede do integralismo, toda noite, tinha muitos alunos, mas muitos mesmo, muitos alunos. Eu participei dessa escola e o Pe. Portela era um dos professores dessa escola. O Pe. Domingos eu tive de ver por lá na sede do integralismo,



provavelmente ele também ensinava nalguma escola, eu vi isso com meus lhos mais sei que ele andava por lá.<sup>197</sup>

O fato de um padre se dispor a dar aulas nas escolas fundadas pelo Integralismo corrobora, sobremaneira, para que o movimento fosse bem visto pela população. Funciona como uma espécie de aval dado ao movimento, seria, como o próprio sertanejo, um dos personagens dessa história, diria: *se a igreja bota a mão no fogo pelo movimento é porque é uma coisa boa.*

Se um ou outro padre não falava em favor do movimento, uma coisa era certa, também não o condenavam e isso já era o suficiente para adquirir a confiança daqueles que vieram a aderi-lo. Nesse ponto sou incitado a concordar, praticamente na totalidade, com o Sr. Evaldo Holanda Maia, quando busca interpretar os significados da participação da Igreja Católica enquanto instituição, através de seus padres, no movimento integralista.

Se envolveu, e não tinha quase nenhuma paróquia, digamos assim, que o padre, o vigário não fosse integralista ou simpatizante. É claro que existiam outras, mas não existia quase nenhuma. Se não existia quase nenhuma, existiam algumas que não eram não. Mas dizer que o padre não era integralista, mas que falava mal, não. Não tenho conhecimento. Não estou dizendo que não houve, estou dizendo que não tenho conhecimento que nalguma paróquia que o padre não fosse integralista, sempre falava no integralismo. Não tenho conhecimento não.<sup>198</sup>

Um outro elemento que contribuiu para o sucesso do Integralismo foi a sua adequação ao jogo da política local como relação a os grupos familiares, as relações de troca de benefício entre os mesmos, o compadrio, pois, no contexto em que ele se inscreve já estava marcado por essas relações e as famílias envolvidas já possuíam seus aliados de outrora, mas que no presente vivido por aqueles indivíduos ganhava novas cores, por envolver uma problemática que estava sendo vivenciada nacionalmente. Não é por acaso que nos relatos sempre os entrevistados se referem às famílias que aderiram ao integralismo. Geralmente, quando o chefe da família aderira à determinada posição política, os demais membros da família eram impelidos a segui-lo.

---

<sup>197</sup> Evaldo Holanda Maia op. Cit.

<sup>198</sup> Evaldo Holanda Maia op. Cit.

Dentro desse quadro o Integralismo vai se espraiando pelo município e envolvendo um número maior de filiados, pois os novos adeptos que se filiavam ao movimento eram convidados a preencher a ficha de adesão, a ponto de, em 1935, já contava em sua fileira algo em torno de mil adeptos, sem estarem aí incluídas as alas feminina e de plinianos. Se antes o movimento fora tratado com desdém pelos seus adversários, já nos seus últimos anos *eles viam a força que tinha o Integralismo*<sup>199</sup>.

#### 4 - O Integralismo em sua experiência local

Após o ano de 1934, data da fundação da AIB em Limoeiro, o movimento integralista, nas pessoas de seus militantes irão vivenciar experiências que com certeza influenciarão suas vidas até os dias atuais.

Essas experiências iniciaram-se pelas escolas que reuniam grande número de jovens, no intuito de alfabetizá-los e de prepará-los para os desfiles, que eram tidos como os momentos marcantes do movimento, mexiam com as emoções e empolgavam aqueles que deles tomavam parte. Além dos desfiles que aconteciam em praça pública, geralmente, aos domingos, outros momentos festivos podem ser observados e, enquanto tal, marcaram a memória dos entrevistados. Podem ser destacadas as várias visitas de representantes do movimento estadual e nacional ao núcleo integralista local, assim como os momentos dedicados às festas comemorativas, às datas importantes para o Integralismo como: *Noites dos Tambores Silenciosos*, realizada no dia 07 de outubro para lembrar a tiragem do manifesto integralista, em 1932; *Matinas de Abril*, realizada a cada 23 de abril para comemorar o primeiro desfile integralista ocorrido em São Paulo, em 1933; e *Vigília da Nação*, realizada todo dia 28 de fevereiro para comemorar o aniversário do I Congresso Integralista realizado em 1934, em Vitória, Espírito Santo.<sup>200</sup> Acrescente-se a essas experiências a adesão de uma ala feminina e de plinianos que ajudavam a engrossar suas fileiras.

<sup>199</sup> Cristóvão Maia Pitombeira. Op. Cit.

<sup>200</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. Cit. p. 191-182.



Tudo iniciava com o ato de filiação em que o indivíduo, para ingressar na AIB, prestava um juramento. O processo seguia os seguintes rituais: primeiramente o indivíduo era convidado por um integrante do movimento que se encarregava de apresentá-lo, posteriormente fazia o referido juramento. *O ato de juramento deveria ocorrer na sala das sessões na sede em que se inscrevesse o novo integrante, em frente ao retrato do Chefe Nacional e na presença de pelo menos dez integralistas.*<sup>201</sup>

Assim, Franklin Chaves descreve o juramento: *Juro por Deus e por minha honra, trabalhar pela Ação Integralista Brasileira. Executando sem discutir, as ordens de meus Superiores Hierárquicos.*<sup>202</sup>

Segundo Franklin Chaves o ponto mais complicado do juramento era o que se referia a executar sem discutir, pois nem todos concordavam com o mesmo, mas os chefes locais rebatiam, afirmando que se tratavam de ordens recebidas da Chefia Nacional. De fato, esse ponto era uma estratégia utilizada no interior de um movimento de caráter autoritário e centralizado, a fim de buscar sua padronização e uniformização, evitando, assim, possíveis divergências internas, para que o movimento não aparecesse fragmentado. Nesse sentido, Gustavo Barroso afirma: *Ao Integralista não compete discutir as ordens recebidas em serviço da causa, porque isso seria a desordem, a anarquia.*<sup>203</sup>

Não querendo ater-me às possíveis divergências internas que porventura ocorressem no movimento integralista, uma vez que não consigo capturá-las nas falas dos depoentes, destaco que a afirmação de Franklin Chaves - de que o juramento fora o ponto mais complicado e o mais difícil de aceitar, principalmente, no que se referia à *idéia de aceitar sem discutir* - rica em possibilidades de leituras.

Em um ponto da mesma entrevista ele afirma: *eu prestei o juramento, mas com grande repugnância*, e repete: *Mas nunca aceitei o tal juramento.*<sup>204</sup> Essas duas passagens refletem uma situação dúbia de sua atuação política. De um lado, ele diz que não aceitou passivamente - ou aceitou com

<sup>201</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. cit. p. 169.

<sup>202</sup> Franklin Gondin Chaves Op. Cit. p. 08

<sup>203</sup> BARROSO, Gustavo. Op. Cit. p. 112.

<sup>204</sup> Franklin Gondin Chaves Op. Cit. p. 08.

repugnância - o juramento que fizera diante de seus superiores estaduais, talvez por se encontrar numa situação de inferioridade frente àqueles. Por outro lado, será que na condição de chefe local do movimento integralista via da mesma maneira o juramento feito por seus comandados? Veja-se que a situação se inverte, e seu posicionamento, que aparece na entrevista, pode ser revelador de uma posição que ocupava em relação ao movimento estadual, enquanto que na liderança do movimento local, não tenha encontrado maiores dificuldades de impor o juramento a seus comandados.

Outra possível leitura é que, no momento de produção de sua fala, o Integralismo que já havia passado por todo um processo de execração ao ser identificado com os movimentos fascistas europeus, imagem construída pelos poderes do Estado Novo, de Vargas, ele tenha preferido se posicionar de forma crítica, quanto ao assunto. Cabe, portanto, uma indagação: teria ele, no calor dos acontecimentos, se posicionado contra o juramento e ao mesmo tempo não o teria imposto aos seus comandados? Possivelmente não. A não aceitação do juramento deveria estar reforçando, no ato da entrevista, a posição de uma pessoa com longos anos de mandatos políticos como Deputado Estadual. Dessa forma, não lhe repercutia bem, que tivesse, no passado, prestado juramento a um movimento fascista e a um líder político gradativamente execrado pela memória política oficial.

Sobre o juramento, enquanto atividade e estratégia do movimento integralista, convém realçar que tratava-se de um rito que buscava definir a identificação e a fidelidade do indivíduo para com o Integralismo, se revestindo de um poder simbólico semelhante às cerimônias que ocorrem freqüentemente na sociedade, numa espécie de rito de passagem, significando o ingresso do candidato numa nova vida. Dessa forma, as experiências individuais anteriores, do recém-ingresso, são, em certa medida, desqualificadas, para ganhar novos significados a partir daquele momento.

Após o pleiteante proferir seu juramento, a autoridade integralista então dizia:

Integralistas! Mais um brasileiro entrou para as fileiras dos 'camisas-verdes'! Em nome do Chefe Nacional o recebo e convido os



presentes a saudá-lo, segundo o nosso rito: Ao nosso novo companheiro, Anauê! Os presentes respondiam: Anauê<sup>205</sup>

Note-se que o rito do juramento estava permeado do sentido de pertencimento à comunidade integralista, provocando uma sensibilidade, que permanece viva na memória dos depoentes, ainda no presente, não se desvinculando de suas paixões pelo movimento. A utopia aliada aos grandes espetáculos públicos dos integralistas, talvez sejam o ponto para entender-se a sobrevivência desses sentimentos.

Após esse momento litúrgico, estava consumada a entrada do candidato ao movimento, devendo, a partir de então, render homenagens ao chefe nacional e executar suas determinações e de seus representantes mais próximos, no caso, o chefe do Integralismo de seu núcleo. Dentre as atividades de que o militante deveria participar estavam os desfiles que ocorriam, geralmente, aos domingos pela manhã, além de comparecer às cerimônias civis, como casamentos, batizados e funerais, devidamente fardados com o uniforme integralista, composto pela camisa verde, calça preta, boné preto e sapatos pretos.

Os desfiles eram os pontos máximos de apresentação pública do movimento, de dá-lo visibilidade, numa demonstração da força que haviam adquirido.

Muita gente integralista participando. Todos participavam, vinham fardados, participavam. Era recomendado para não virem com farda amassada, nem suja e nem nada. Tinha que estar impecavelmente limpa e bem engomada. Era bonito ver, aquela calça branca, camisa verde, sapato preto, gravatas pretas, era bonito ver. E aí então muita gente olhando nas calçadas, nas ruas, muita gente participando. Eu tenho a impressão que esse grupo que desfilava chegava a uma centena pelo menos, no mínimo.<sup>206</sup>

A fala do Sr. Evaldo se mostra reveladora da dimensão do espetáculo de que se revestia as manifestações públicas: desfiles e comícios. Esse caráter espetacular das aparições, em público, do movimento integralista, pode ser visto por vários ângulos: objetivava, enquanto estratégia pensada pelas

<sup>205</sup> Extraído dos Protocolos e Rituais, capítulo x, artigos 144 e 145. In. CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Op. Cit. p. 169.

<sup>206</sup> Evaldo Holanda Maia Op. Cit.

memória social? Sem querer ser categórico, ao afirmar uma e ao mesmo tempo negar a outra, acredito que se encontram elementos das duas noções, visto que elas não se excluem e sim compõem um mesmo quadro de debate em torno da memória. Encontramos nas falas transcritas aquilo que se poderia chamar de composição, conforme definiu Pollak, ou uma comunidade de memórias conforme de Halbwachs. Mas também pode-se perceber uma memória articulada e conceitualizada por encontrarmos nela vestígios de uma interpenetração de um discurso historiográfico socialmente aceito a permear os discurso dos depoentes.

Nesse sentido, deve-se levar em consideração um ponto acentuado pelos autores, no debate sobre a memória social referente à correspondência ou não das imagens produzidas com o real:

Assim, na medida em que a memória é conceptual, não faz a mais pequena diferença que os seus conceitos sejam sequenciados de maneira a reflectir vínculos reais entre coisa reais ou apenas imaginárias.<sup>262</sup>

Assim, não importa definir se a fala do Sr. Cristóvão transcrita anteriormente guarda alguma relação concreta com o real ou com a verdade. Interessa-me perceber que se trata de um discurso que busca dar legitimidade à Ação Integralista Brasileira, por tudo aquilo que ela representou, pelo que foi capaz de produzir de significado. Não importa se era nazista ou fascista, pois ele via muitos indivíduos da Igreja presentes no movimento, e isso era um atestado de sua legitimidade, de sua justeza. Para ele, portanto, se o movimento não tivesse sido extinto poderia ter produzido as mudanças sonhadas por ele e por seus pares, mas que foi interrompido abruptamente por um Golpe de Estado.

Essa discussão remete para o que já foi dito anteriormente quando fazia referência as contribuições de Thomson sobre o trabalho com as fontes orais, quando afirma que a memória vai incorporando informações que são produzidas, muitas vezes, pela memória oficial, e que os depoentes incorporam-nas como se fizessem parte de suas próprias experiências.

---

<sup>262</sup> FENTRESS. James e CRHIS, Wickham. Op. Cit. p. 67.



Portanto, as fronteiras entre o real e o imaginário, sua correspondência com o *real* são bastante fluidas.

Esse debate é profícuo para discutir-se as diferenças entre história e memória, talvez uma das matérias de mais difícil envergadura, pois ambas tratam do passado e do presente, e, embora sejam muito parecidas, são também muito diferentes. E para finalizar esse texto, considero que seria bastante oportuno se trouxesse à tona as reflexões de Peter Burke sobre o assunto, que não pretende ser uma síntese conclusiva, mas reacende o debate sobre essa temática. Este procura traçar uma trajetória da memória, a partir de alguns pensadores escolhidos, o que instigará sobremaneira a reflexão sobre o assunto.<sup>263</sup>

Burke inicia seu discurso, afirmando que a visão tradicional da relação entre a história e a memória é relativamente simples, baseada na idéia de que a memória reflete aquilo que realmente aconteceu e a história reflete a memória. Para ele, tanto a história como a memória não parecem mais tratar de coisas objetivas, e acrescenta:

Em ambos os casos estamos a aprender a estar atentos à seleção consciente ou inconsciente à interpretação e à distorção. Nos dois casos esta seleção, interpretação e distorção são fenômenos socialmente condicionados. Não se trata do trabalho de indivíduos isolados.<sup>264</sup>

Burke, mesmo correndo os riscos próprios às definições, prefere trabalhar com o conceito de *memória social*, pois, do contrário, correria risco maior, o de não apreender as diferentes maneiras, como as idéias individuais são influenciadas pelo grupo a que o indivíduo pertence. Portanto, o acesso ao passado inscreve-se no uso de categorias próprias da cultura que as fornece.

O lugar da história, segundo Burke, reside no interesse que os historiadores devem ter para com a memória, nos seguintes aspectos: primeiramente é preciso estudar a memória como uma fonte histórica, no intuito de estabelecer a crítica de *fiabilidade* da reminiscência, semelhante ao tratamento dado aos documentos históricos tradicionais, e, num segundo

<sup>263</sup> BURKE, Peter. *O Mundo com Teatro. Estudos de Antropologia Histórica*. Lisboa: DIFEL, 1992.

<sup>264</sup> BURKE, Peter. Op. Cit. p. 236.

momento, os historiadores devem se interessar pela memória, enquanto um fenômeno histórico, o que poderia ser chamado de História social da recordação.

Para finalizar, gostaria de explicitar que as reflexões sugeridas por Peter Burke, sintetizam, em certa medida, o que foi desenvolvido, pois em vários momentos preocupe-me em explicitar os cuidados com as fontes orais a partir de um percurso que privilegiou as transformações ocorridas no fazer historiográfico que trouxeram à luz a riqueza dessa modalidade de fontes, principalmente no que se refere ao fato de dar voz aos excluídos pela historiografia tradicional. Enfim, ao mostrar algumas reflexões sobre história, memória e tudo que envolve esse debate, para entender as falas e silêncios dos depoentes, assumi uma atitude que visa, não estabelecer uma verdade, mas mostrar as possibilidades de enriquecer o trabalho de pesquisa da memória integralista.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aspiração inicial deste trabalho era a de estudar a Ação Integralista Brasileira, em Limoeiro, nos anos de 1934-1937, a partir da documentação oral. Contudo, em sua feitura, fui me deparando com o material, principalmente no ato de produzir e transcrever as entrevistas e, desse contato foram emergindo novas questões que, se não me distanciavam das iniciais, abriam-me novas possibilidades de abordar a temática.

Dessa forma, passei a me preocupar com os significados que os meus interlocutores atribuíam a esse movimento de natureza declaradamente fascista, pelo que consta nos discursos historiográficos sobre o assunto. No entanto, não me contentava com as qualificações propostas para o movimento como sendo a expressão mimética dos movimentos nazifascistas que ocorriam alhures.

Tampouco deixei passar em claro as informações dos depoentes que não viam o movimento, em sua experiência local, como tendo sido fascista. Precisava, então encontrar o ponto de inflexão onde essas duas formas de significar o fato se encontravam. Aceitar a idéia do mimetismo, fatalmente cairia numa visão caricaturada do movimento e não daria a dimensão de sua experiência local. Da mesma forma, aceitar as idéias de que essas experiências não foram fascistas cairia no lugar comum e perderia de vista sua conexão com outros movimento de natureza afim e com as experiências do próprio Integralismo no âmbito nacional.

Desfeitas essas armadilhas, o ponto de inflexão encontrado foi o de apreender os significado do Movimento Integralista, a partir do percurso da sua memória, no relato dos depoentes, observando as fronteiras entre as lembranças e a historiografia integralista e, como esta ultima, interpenetrar nos

significados dos primeiros, expondo-os a constante reelaboração de suas memórias.

Acrescente-se que, para tanto, busquei entender como um movimento dessa natureza emergiu no seio de população formada, eminentemente, por camponeses. Assim, recorri ao contexto político e social do período naquela espacialidade, para explicar como o jogo político partidário local influenciou para que grupos inteiros ingressassem no referido movimento.

Dessa forma, o Integralismo encontrará um campo propício para fecundar, visto que as disputas político-partidárias que se efetivavam no município serviam de pano de fundo para animar o debate que acontecia nacionalmente.

Outro fator para o sucesso do Integralismo foi sua aproximação discursiva e prática com a Igreja Católica, fazendo com que o movimento integralista adquirisse credibilidade junto à população local, formada nos valores tradicionais do cristianismo.

Contudo, o jogo político oligárquico foi um fator que muito influenciou para que famílias inteiras aderissem ao integralismo, pois à frente do movimento encontrava-se um representante da Família Chaves que, mesmo sendo muito jovem, expressava a vontade política desta, com longos anos de mando no município.

O fato de essas famílias aderirem em peso ao Integralismo pode ter proporcionado, em parte, pela sua própria doutrina, em sintonia com o Catolicismo Social, a difusão de uma idéia de Nação corporificada, caminhando em marcha rumo ao progresso. Esse discurso ancorava-se na imagem do corpo indiviso da Nação, em que o Estado fazia o papel da cabeça que comandava o restante dos seus membros. Essa imagem se reproduz no interior do movimento com sua estrutura hierarquizada e transcende ao restante da sociedade em que a família aparece cultuada como sua célula básica.

Muito concorreu para o sucesso do movimento toda a simbologia que envolvia o movimento e que lhe dava visibilidade.

Quero destacar, portanto, que é impossível pensar no movimento integralista descolado do contexto que o gerou e da percepção que seus



militantes tinham, visto que a efervescência política dos anos 30 foram propícias para o surgimento de grupos políticos de natureza conservadora, que visavam resolver os problemas da Nação, apelando para os valores da brasilidade calcados na ordem.

O Integralismo foi, portanto, um produto do seu tempo, mas que deixou marcas para a posteridade, haja vista, muitos dos entrevistados para esse trabalho ainda se reportar a ele, com o entusiasmo que sentiram no calor dos acontecimentos. Isso me leva a deduzir que o movimento integralista significou uma utopia para essas pessoas.

Enfim, este trabalho pretendeu abrir o caminho para se pensar o Integralismo além de leituras desqualificadoras e pretendeu, também, em síntese, ouvir outras vozes antes silenciadas. A memória foi o fio condutor desta história que aqui não se encerra, apenas desponta.

## **CORPO DOCUMENTAL**

**Atas da Câmara Municipal de Limoeiro - Livro para registro das atas das Sessões Ordinárias e Extraordinárias da Câmara Municipal de Limoeiro do Norte - Ce, durante o período de 30/05/1029 à 24/07/1935" e 17/06/1936 à 24/07/1937"**

## **ENTREVISTAS**

Aniceto Gomes Ribeiro, 83 (março 2001);  
Cristóvão Maia Pitombeira, (janeiro 1996);  
Evaldo Holanda Maia, 80 (março 2001);  
Francisca Ferreira Maia (janeiro de 1996);  
Francisco de Assis Pitombeira, 72 (março 2001);  
Francisco Clodoveu Vidal, 76. (janeiro 1996 e março 2001);  
João Alexandre Neto, 88 (abril 2001);  
José Amirto Maia (janeiro 1996 e março 2001);  
Julinda Faheina de Oliveira, 82 (abril 2001);  
Odorico Holanda Maia, 77(março 2001);  
Rufino Maia e Silva (janeiro de 1996);

**Entrevistas colhidas no Acervo Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC) - Universidade Federal do Ceará produzidas por Sebastião Rogério Pontes no período de 1983 a 1984:**

Franklin Gondin Chaves (Março/Abril de 1984).  
Severino Sombra (Junho a Dezembro de 1983).  
Jeovah Mota (Abril/Maio de 1983).



## DOCUMENTOS INTEGRALISTAS

Manifesto de Outubro (Outubro de 1932).

Súmula Integralista (s/d).

Sentido e Rítimo da Nossa Revolução (In. "A Ofensiva", 24/01/1935 Ano II n. 37).

A alma de uma Nação (Plínio Salgado - "Despertemos a Nação" - 1936)

Autoridade e Liberdade ("Atualidade Brasileiras" - Obras Completas/1954 - Plínio Salgado).

Estado totalitário e Estado Integral (s/r).

Código de Ética do Estudante (s/r).

**BIBLIOGRAFIA**

- ARAÚJO, Ângela. *Do Corporativismo ao neoliberalismo: Estado e trabalhadores no Brasil e na Inglaterra*. 1ª., São Paulo: Boitempo Editorial, 2002. (Coleção Mundo do Trabalho).
- BARROSO, Gustavo. *O que o Integralista deve saber*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.
- BERTONHA, João Fábio. *Sob a sombra de Mussolini: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919 - 1945*. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999.
- BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Publicações Europa-América, S R.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3 ed., São Paulo: Companhia da Letras, 1994.
- BURKE, Peter. *O Mundo com Teatro. Estudos de Antropologia Histórica*. Lisboa: DIFEL, 1992.
- CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Integralismo e política regional: a ação integralista no Maranhão*. São Paulo: Annablume, 1999.
- CALIL, Gilberto Grassi. *O Integralismo no Pós-Guerra: A Formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. (Coleção História:39).
- CALIL, Gilberto Grassi e SILVA, Carla Luciana (org.). *Velhos Integralistas. A memória de militantes do Sigma*. Porto alegre: EDIPUCRS, 2000.
- CARVALHO, Gilmar de. *Madeira Matriz - Cultura e Memória*. São Paulo: Annablume, 1998.
- CASTELLO BRANCO, Mons. João Olímpio. *O Limoeiro da Igreja: A história de Limoeiro do Norte a partir de seus párocos*. Fortaleza: Minerva, 1995.
- CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: Ideologia e Organização de Partido de Massa no Brasil(1932-1937)*. Baurú: EDUSC, 1999.
- CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado: Forma de Regressividade no Capitalismo Híper-Tardio*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.



- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000 (História do Povo Brasileiro).
- CHAUÍ, Marilena e FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra/Centro de Estudos da Cultura Contemporânea, 1978.
- CORDEIRO JR, Raimundo Barroso. A Legião Cearense do Trabalho. In SOUSA, Simone (org). *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2000.
- COSTA, Homero. *A Insurreição Comunista de 1935. Natal - O primeiro ato da tragédia*. São Paulo: Ensaio; Rio Grande do Norte: Cooperativa Cultural Universitária do Rio Grande do Norte, 1995.
- DE DECCA, Edgar. A Revolução Acabou. In. *Revista Brasileira de História. Reforma e Revolução*. São Paulo V. 10 n.º 20. Pp. 63-74. Mar/91 - ago. 91. Marco Zero.
- DE DECCA, Edgar. *1930: O Silêncio dos Vencidos. Memória, história e revolução*. 5ª Edição. São Paulo, Editora Brasiliense, 1992.
- DUTRA, Eliana. *O Ardil Totalitário: Imaginário Político no Brasil dos 30*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1997.
- FALCÃO, Márlio Fábio Pelosi. *Ciará: Terra do Sol. Genealogia e Toponímia dos Municípios Cearenses*. Fortaleza: 1999.
- FARIAS, Damião Duque. *Em defesa da ordem: aspectos da práxis conservadora católica no meio operário de São Paulo (1930 - 1945)*. São Paulo: Editora HUCITEC/História Social USP, 1998.
- FERREIRA, Brasília Carlos. *Trabalhadores, Sindicatos, Cidadania. Nordeste em tempo de Vargas*. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem; Natal: Cooperativa Cultural da UFRN, 1997.
- FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- FENTRESS, James e CRHIS, Wickham. *Memória Social - Novas Perspectivas Sobre o Passado*. Editora Teorema...
- GINZBURG, Jaime. Por uma Unidade Nacional: Poder Autoritário e Literatura em Plínio Salgado. In. *TRAJETOS*. Revista do Programa de Pós-

- Graduação em História Social e do Departamento de História da UFC. V. 1. (nov. 2001), Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2001.
- GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- JOUTARD, Philippe. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In. FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. 2 ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- LEAL, Vitor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto: O Município e o regime representativo no Brasil*. 5ª Edição, São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1986.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão (et. Al.), 4 ed, Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. 2ª Edição, Capinas: Papirus, 1986.
- LIMA, Alceu Amoroso. Prefácio. In. *Manual do Círculo Operário*. Publicado pela Confederação Nacional de Operários Católicos. Petrópolis - RJ. Editora Vozes. 1939.
- LIMA, Lauro de Oliveira. *Na Ribeira do Rio das Onças*. Fortaleza: Editora Assis Almeida, 1996.
- LOUZADA, Nilson Moulin. *Diferentes Suportes para a Memória*. S/R
- LOUZANO, Jorge Eduardo Aceves. In. FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. O. P. *Igreja e Política no Brasil. Do Partido Católico à L.E.C.(1874-1945)*. São Paulo, Edições Loyola/CEPEHIB, 1983 (Cadernos de História da Igreja do Brasil - 3).
- MANUAL DO CIRCULO OPERÁRIO*. Publicado pela Confederação Nacional de Operários Católicos. Petrópolis - RJ. Editora Vozes. 1939.
- MIRANDA, Júlia. *O Poder e a Fé. Discurso e Prática Católicos*. Fortaleza: edições UFC, 1987.
- MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *O Integralismo no Ceará. Variações Ideológicas*. Fortaleza: IOCE, 1986.



- MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. Integralismo e Catolicismo. In. Sousa, Simone (Coord.). *História do Ceará*. Fortaleza: UFC/Fundação Demócrito Rocha, 1989.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Introdução à História dos Partidos Políticos Brasileiros*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Brasil em Perspectiva*. 6ª Edição, Rio de Janeiro: DIFEL (Corpo e Alma do Brasil).
- NEVES, Frederico de Castro. Getúlio e a seca: políticas emergenciais na Vargas. In *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Humanitas, V. 21. N.º 40.
- PARANHOS, Adalberto. *O roubo da fala: origens da ideologia do trabalhismo no Brasil*. 1ª ed., São Paulo: Boitempo Editorial, 1999. (Coleção Mundo do Trabalho).
- PARENTE, Josênio C. *Anauê: Os camisas verdes no poder*. Fortaleza: Editora UFC, 1999
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In. *Revista Estudos Históricos*. V. 2. N.º 3. FGV. Rio de Janeiro: Vértice, 1989.
- PONTE, Sebastião Rogério de Barros. A Legião Cearense do Trabalho. In SOUZA, Simone (coord.). *História do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. In. *Projeto História - 15: Ética e História Oral*. São Paulo: Editora da PUC, 1981.
- POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.
- REGIS, João Rameres. *"Galinhas-Verdes": O Integralismo em Limoeiro do Norte(1934-1937)*. Fortaleza: 1996, Mimeo.
- SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena. Experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SALGADO, Plínio. *Obras Completas*. V. X. São Paulo: Editora das Américas, 1955.

- SANTOS, Maria Sângela de Sousa. *A Organização dos Operários Têxteis / CE (1933 a 1938)*. Dissertação de Mestrado. Recife: 2000, Mimeo.
- SILVA, Zélia Lopes da. *A República dos Anos 30. A sedução do Moderno: novos atores em cena: industriais e trabalhadores na Constituinte de 1933-1934*. Londrina: Ed. UEL, 1999.
- SOUSA, Simone (org.). *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2000.
- SOUZA, Maria do Carmo Campello de. O Processo Político-Partidário na Primeira República. IN. MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Brasil em Perspectiva*. 6ª Edição, Rio de Janeiro: DIFEL, (Corpo e Alma do Brasil).
- THOMSON, Alistair. *Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. In. Projeto História - 15: *Ética e História Oral*. São Paulo: Editora da PUC, 1981
- TRAJETOS. Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social e do Departamento de História da UFC. V. 1. (nov. 2001). Fortaleza - CE. Departamento de História da UFC. 2001.
- TRINDADE, Hélió. *Integralismo: O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. 2ª Edição revista e ampliada. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.
- TRINDADE, Hélió. Integralismo: Teoria e práxis política nos anos 30. In. FAUSTO, Bóris(dir.). *História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano*. Tomo III, v. 3. Sociedade e Política (1930-1934), Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- VASCONCELLOS, Gilberto. *Ideologia Curupira: Análise do Discurso Integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- VELOSO, Mariza e MADEIRA, Angélica. *Leituras Brasileiras: Itinerários no Pensamento Social e na Literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- VIEIRA, Maria do Pilar Araújo (et. al.). *A Pesquisa em História*. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.